

# Maíra

**Reescrita e dessacralização do mito**

Ercília Macedo-Eckel

**MAÍRA**  
REESCRITA E  
DESSACRALIZAÇÃO DO MITO

O ritual parodístico  
do sacrifício indígena no Brasil  
pela catequese

Kelps, 2000

Copyright © 2000 by Ercília Macedo-Eckel

Capa: concepção e esboço da Autora

Arte-final da capa: Mileciano B. de Moraes

Revisão e supervisão: a Autora

Projeto gráfico e diagramação: Adriana Almeida

Coordenação Gráfica: Editora Kelps - ISBN 86110  
Rua 19 nº 100 - St. Marechal Rondon  
Fone: (0xx62) 211-1616 - Fax: (0xx62) 211-1075  
CEP 74560-460 - Goiânia - Goiás

CIP - Brasil: Catalogação na Fonte  
BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELLES MACHADO - GOIÂNIA

---

M12m Macedo-Eckel, Ercília  
Maíra: reescrita e dessacralização do mito - O ritual  
parodístico do sacrifício indígena no Brasil pela  
catequese / Ercília Macedo-Eckel. Goiânia : Kelps, 2000.

156 p.

I Ribeiro, Darcy - Crítica e interpretação.

I. Título

94-190

CDD: 869.93

869.909

CDU:869.0 (81). 09

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico, virtual ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, da Autora.

Cx. Postal 113 - CEP 75690-000 - Caldas Novas - Goiás

E-mail: escritora\_ercília@mailbr.com.br

1ª Edição

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

- Aos 500 anos de Brasil!
- Aos pataxós, que receberam os portugueses no descobrimento (invasão?) do Brasil: a *primeira missa*. Aos outros povos indígenas, miscigenados, entre caboclos e mendigos, representados por **Galdino Jesus dos Santos**, queimado vivo em Brasília, enquanto dormia, por cinco\* jovens “brancos”, “civilizados”, na madrugada brincalhona do dia 20 de abril/97, entre o *Dia do Índio* (19) e o aniversário da Capital Federal (21): último mártir? *última missa?*
- Aos ianomâmis para que resistam
- Ao Horst, esposo, pela paciência, sem reclamar
- Aos netos, Princy e Luiz Antônio, com o pedido de perdão pelo pouco convívio durante essa *missa*
- À família Anatole Ramos, companheira de longa data, nos momentos mais difíceis
- À Maria Alves, colega de mestrado, porque dividiu comigo, humildemente, o amargor “daquele cálice” proposto pelo Modelo sério a quem gosta de rir
- À Ione Vasconcelos, colega de Faculdade e amiga vitalícia.

---

\* **Cinco** - representa o homem e a *cruz*, dispostos em cinco partes. Também aponta para os cinco sentidos e para a sensibilidade humana. Mas, dentre as dez virgens da parábola, cinco eram insensatas ...

## AGRADECIMENTOS

- Ao professor José Fernandes, amigo e incentivador
- Ao professor Wendel Santos, *in memoriam*, pelo mesmo motivo
  
- À Mari Baiocchi, defensora dos índios e negros  
    À Rosarita Fleury, defensora das mulheres, *in memoriam*
  
- Ao professor Darcy Ribeiro pelo que fez, na sua inquietude, aos menos favorecidos; aos queridos Bernardo Élis e Nelly Alves de Almeida, também *in memoriam*
  
- À professora Moema de Castro, propulsora de novos paradigmas
- Ao ex-presidente da UBE-GO, Geraldo Coelho Vaz
- Às famílias: Obadias Pires  
                    Batista Oliveira  
                    Correia da Silva  
                    e Belle
  
- À Íria, Eunice Alkimim, Celina Fonseca e Neusa Simon
  
- Aos escritores e amigos Miguel Jorge e Brasigóis Felício; ao diretor de jornalismo de *O Popular*, Domiciano Faria
- Aos não citados que têm acompanhado com interesse minha *travessia* de mulher, mãe e profissional.

# SUMÁRIO

## **PREFÁCIO**

A Missa Mairum – José Fernandes .....	13
---------------------------------------	----

## **APRESENTAÇÃO**

Antimagnificat: O Brasil dos Mairum – Moema de Castro e Silva Olival .....	17
---	----

## **ILUSTRAÇÕES**

1 Aldeia Mairum .....	21
2 Genealogia Mairum .....	23
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	25

<b>1 RITOS INICIAIS, A ANTÍFONA</b> .....	29
1.1 O canto dos mortos .....	31
a) Primeiro coro: A mal-aventurada-sururuqueira Alma ..	31
b) Segundo coro: O bem-aventurado-chefe Anacã .....	34
1.2 O canto dos profetas .....	38
a) Primeiro coro: Isaías, dos pajés-sacacas da Missão Católica .....	38
b) Segundo coro: Xisto, dos pajés-sacacas da Missão Protestante .....	42
1.3 O canto do poder .....	48
a) Primeiro coro: O canto do escravo .....	48
b) Segundo coro: O canto do patrão .....	52

1.4	Ato penitencial .....	57
<b>2</b>	<b>RITO DA PALAVRA, A HOMILIA .....</b>	<b>59</b>
2.1	Primeira leitura e <i>Salmo</i> .....	64
	a) Gênesis: <i>Mairabú</i> .....	64
	b) Salmo do <i>Messias sofredor</i> .....	67
2.2	Segunda leitura: <i>Apocalipse</i> .....	71
2.3	<i>Evangelho</i> .....	80
2.4	Profissão de fé .....	83
2.5	Oração comunitária .....	89
<b>3</b>	<b>RITO SACRAMENTAL, O CÂNON .....</b>	<b>93</b>
3.1	Os ritos de passagem das oferendas .....	95
3.2	Os ritos de retorno ou de chegada .....	111
3.3	O lava-mãos, a purificação .....	115
3.4	Oração eucarística .....	117
3.5	Canto de comunhão .....	123
<b>4</b>	<b>RITOS FINAIS, O <i>CORPUS</i> .....</b>	<b>125</b>
4.1	As sementes do espírito .....	126
4.2	Quírie e réquiem, para duas vozes .....	132
4.3	Indez, o <i>corpus</i> restante .....	136
4.4	Benção final .....	141
	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>143</b>
	<b>POST SCRIPTUM: CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA</b>	
	<i>Psicografada</i> pela Autora .....	147
	<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>149</b>

## PREFÁCIO

### A MISSA MAIRUM

José Fernandes\*

Os mitos são, com muita frequência, recriados pela literatura, ao ponto de muitos críticos se sentirem embaraçados, quando se vêem obrigados a estabelecer os limites entre arte literária e mito. Se partirmos do princípio de que cada setor das artes e da cultura, como ocorre com as ciências, possui um estatuto ontológico, podemos dizer que o mito tem como essência o imaginário. O mito sempre é atualizado pelo rito, objeto e matéria da fala coletiva, responsável pela manutenção do *status quo* da sociedade, compreendendo usos e costumes.

A literatura, por outro lado, tem como essência a literariedade, expressa na capacidade criadora de quem imagina verdades a partir da realidade circundante. A aproximação da literatura com o mito ocorre no momento em que o imaginário mitológico se transforma em seu objeto de arte literária, sendo recriado em novas bases ontológicas. O objetivo da literatura, ao contrário do mito, é criticar o *status quo*, a fim de que a sociedade possa sair do estado de inércia e inserir-se em uma nova dimensão em que o homem passe um processo de evolução ou de involução.

A literatura, tendo o imaginário como objeto, cria e recria os mitos, usando-os como base para uma nova realidade que ela deseja estabelecer ou que deseja criticar. É o que percebemos no romance *Maíra*, de Darcy Ribeiro.

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor Titular da Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO - e Presidente da Academia Goiana de Letras.

Enquanto Isaías deixa a aldeia e se insere na cultura dos brancos, perdendo a própria identidade, Alma abandona a civilização para tentar recuperar a própria essência. Isaías, percebendo-se nulificado, retorna à aldeia, no afã de reaver a própria individualidade e, com ela, os valores da tribo. Alma mantém relação sexual com um índio e se engravida, esperando iniciar uma nova humanidade. À semelhança dos gêmeos mairuns, tem um par de gêmeos, que nascem mortos. Ideologicamente, fica claro que é impossível uma humanidade inteiramente nova, diferente dessa.

Pior, o antropólogo-romancista deixa estilar uma ideologia, em que o índio deve permanecer em seu *habitat*, sem o contato com o branco, a fim de preservar seus usos e costumes. Daí a razão de os gêmeos nascerem mortos, para que fique claro que a cultura do civilizado não deve interferir na cultura indígena e vice-versa. Para mostrar esse procedimento, o romancista estruturou a narrativa a partir do ritual da missa, como bem o analisa a ensaísta Ercília Macedo-Eckel, em *Maira: reescrita e dessacralização do mito*, a que temos a honra de prefaciar.

Para mostrar essas verdades díspares, o romancista serviu-se do mito que relata o surgimento do povo mairum, com diferença de que, enquanto no mito um dos gêmeos morreu, obrigando a que o pai criasse outro, a fim de se propagar a espécie, em seu espelho, mãe e filhos morrem, impossibilitando o surgimento de nova humanidade. Por outro lado, para cristalizar o sacrifício por que passam as duas personagens, juntamente com os símbolos que configuram, monta a narrativa sobre o ritual da missa. O rito da libação cristã representa o rito por que passam as personagens, em seu processo de derrelição existencial. A interação do imaginário cristão com o indígena materializa o sacrifício dos índios e, ao mesmo tempo, da civilizada que se quer primitivizar a fim de salvar-se dos males da cultura branca. Mas, como nem Alma consegue ser índia, nem Isaías, ser branco, não ocorre a transubstanciação, apenas a libação.

É evidente que, por trás de todo o discurso, subjaz uma crítica fortíssima ao processo de catequização perpetrado pelas igrejas católica e protestante, materializadas nas figuras de alguns padres e na do pastor. A catequese precisa, segundo a visão do ficcionista-antropólogo, respeitar a cultura do catequizado e, não, querer impor costumes do civilizado, obrigando a que haja uma integral extinção das raízes que identificam o ser da tribo.

Estes aspectos todos foram analisados com precisão e propriedade

por Ercília Macedo-Eckel, que nos brinda com um estudo detalhado desse romancista-antropólogo que, não contente com a produção de ensaios, em que não podia manifestar sua integral visão da cultura indígena, enveredou pela literatura. Ela, ao subverter o objeto e os objetivos do mito, cria um outro discurso, em que o *status quo* é criticado, a fim de que se possa instalar uma outra ordem social.

Goiânia, 7 de fevereiro de 2000

## APRESENTAÇÃO

### ANTIMAGNIFICAT: O BRASIL DOS MAIRUM

Ercília Macedo-Eckel, sob o título *Maira: reescrita e dessacralização do mito*, investiga a escrita parodística responsável pela leitura crítica do romance homônimo do professor antropólogo Darcy Ribeiro.

Darcy Ribeiro, ao buscar na Literatura, o questionamento sobre os efeitos castradores da cultura portuguesa em relação à nacionalidade mairum – referência arquetípica aos nativos indígenas – ganhou, em relação ao que já praticava nos ensaios, a vantagem do impacto da “verdade” virtual.

No ensaio, chega-se à “verdade proposta”, pelo raciocínio, pela argumentação.

Na literatura, cria-se a realidade virtual que vai traduzir a cosmovisão do escritor, e, nela, recriam-se os contrafortes míticos de sua verdade, de modo que ela se nos imponha de modo convincente, amalhando-nos nos seus tentáculos imagísticos e, o que é importante, oferecendo diversos ângulos de possíveis leituras. É uma conquista ao vivo, como a que se nos depara no romance *Maira* que, sob “o pretexto de celebrar o mistério da Igreja e da civilização, clama um réquiem pelas almas indígenas e pela decadência das Missões”.

Assim, confrontando mitos e os recriando pela leitura parodística, o antropólogo-romancista induz o leitor a refletir, criticamente, sobre o impacto das culturas portuguesa e indígena, no ato histórico do descobrimento.

to. Ainda, sobre a força do discurso do Poder, e sua conseqüência sobre a raça miscigenada que habita esse nosso país, veiculando o contra-discurso.

Para isto, semelhanças e confrontos em *Maíra* – nome do líder guerreiro, a indicar metonimicamente sua nação, seus valores – e os textos bíblicos, na recriação parodística dos respectivos mitos, asseguram o tom reflexivo e polêmico em torno da problemática do processo de colonização e catequese dos índios, examinada histórico-política, social, religiosa e culturalmente pelo aqui romancista-antropólogo.

Darcy Ribeiro, em *Maíra*, busca o ritual da Missa – ícone da religião cristã-católica – com o seu “magnificat” apoteótico, como recurso simbólico do Discurso do Poder. É na sua releitura, através da intertextualidade parodística, que o escritor assume a leitura da dessacralização do referido poder – na defesa dos créditos autóctones da então recém descoberta nação brasileira, que, desrespeitada nos seus valores culturais, só terá a entoar o “antimagnificat”, coro de sua dizimação.

E é sobre essa apaixonante matéria que Ercília Macedo-Eckel estruturou a sua pesquisa. Em torno desse processo de reinterpretação, Ercília aprofunda-se nas trilhas da hermenêutica do texto de Darcy Ribeiro, iluminando, graças à competente bibliografia, e visão crítica aguçada, a caminhada do professor romancista, caminhada que se processa através da realidade miscigenada de um país que não aprendeu a ver e a valorizar as suas raízes.

A leitura do livro de Ercília Macedo-Eckel será, sem dúvida, subsídio precioso para melhor entendimento da data que celebramos, facilitando para o público, como coadjuvante no papel de formador de opinião, a noção crítica a envolver os “festejos” dos 500 anos do descobrimento.

Em hipótese alguma, poderia deixar de salientar, de autoria da pesquisadora, a esplêndida peça poética que finaliza o livro: “Carta psicografada”, assinada hipoteticamente, por Pero Vaz de Caminha.

Trata-se de uma intertextualização, extremamente criativa e crítica, feita em torno da histórica carta de Pero Vaz, quando comunicou a D. Manoel o feito do descobrimento das novas terras e o povo que a habitava.

Parafraseando a carta histórica, mas atualizando-a com a paisagem crítica de nossa realidade atual, revigora, em redundância dissimulada e recriação, o discurso de protesto de Darcy Ribeiro.

Constitui, a meu ver, um texto de efeito retardador, uma verdadeira mise en abyme terminal, a “coda”, que segundo Lucien Dallenbach in

“Intertexto e autotexto”\* “descola e universaliza” a mensagem, deixa a questão no ar, como um prolongamento da proposta, como um queixume em surdina.

É o “antimagnificat” cujos acordes entoados em nossa sensibilidade crítica de cidadãos conscientes nos faz um apelo de repulsa ao *status quo* vigente, e de incentivo a um processo de reconstrução de uma nacionalidade cultural tão rica em suas possibilidades, mas tão ignobilmente desconsiderada.

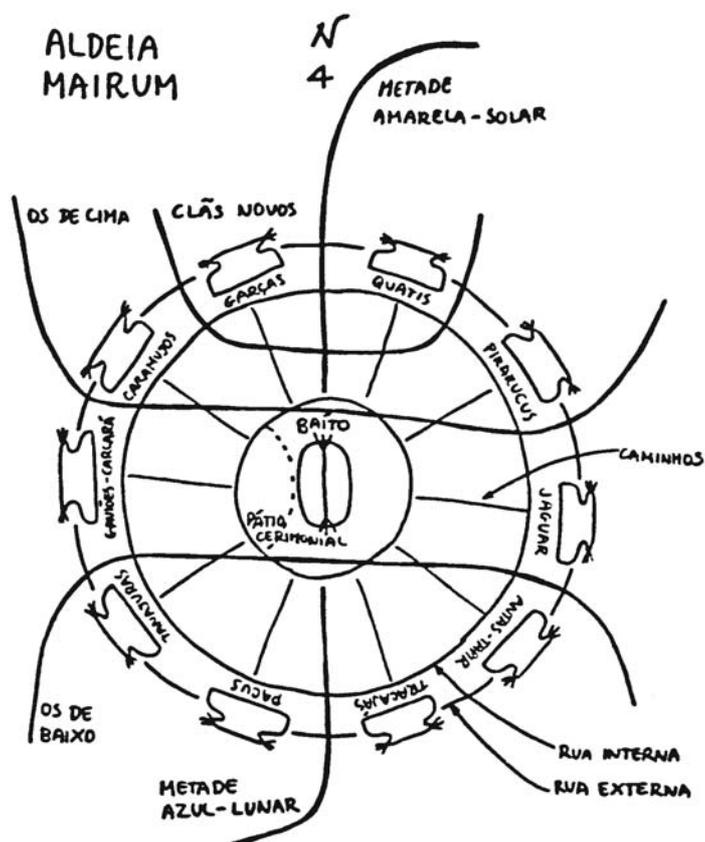
Moema de Castro e Silva Olival  
Escritora  
Crítica Literária

Goiânia, 18/5/2000

---

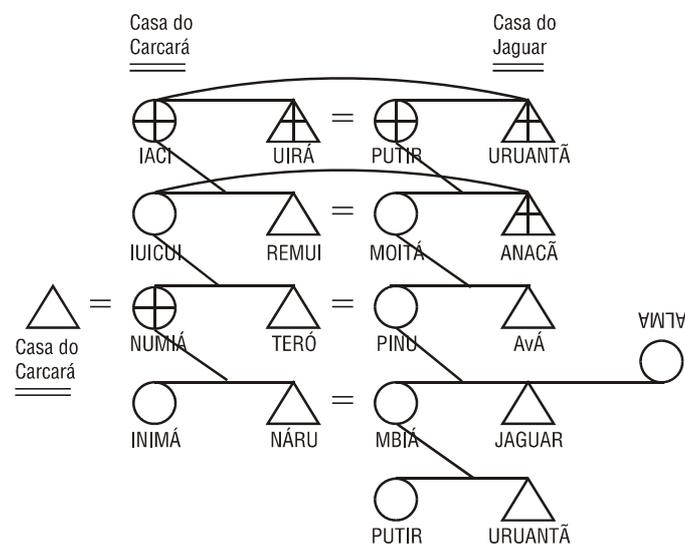
\* DALLENBACH, Lucien. Intertexto e autotexto. In: — **Intertextualidades-Poétique**, nº 27  
Coimbra : Almedina, 1979.

# ALDEIA MAIRUM



(Fig. 1. Maíra, p. IX e 61)

## GENEALOGIA MAIRUM



(Fig. 2. **Maira**, p. XXIII)

A onça Putir da casa do jaguar pariu a onça Moitã que pariu a onça Pinu que pariu a onça Mbiá que pariu a oncinha Putir para começar tudo de novo.

Iaci, da casa dos carcarás, pariu a gaviã Iuicui que pariu a gaviã Numiá, que pariu a gaviã Inimá, que há de parir a netinha da gaviã Iaci para começar tudo outra vez.

Uruantã, tuxaua da casa do jaguar, deu ao aroe Uirá dos carcarás a sua irmã Putir para nela gerar onças e recebeu a Iaci, irmã de Uriá, para nela engendrar a sucessão dos carcarás.

Anacã, tuxaua da casa do jaguar, cumprindo a tradição, tomou como mulher a gaviã Iuicui para nela gerar novos gaviõezinhos e deu ao aroe Remui, da casa dos carcarás, a sua irmã Moitá para nela gerar oncinhas.

Teró da casa dos carcarás, seguindo a tradição, tomou Pinuarana dos jaguar e nela gerou para a casa das onças, a Jaguar e a Mbiá. Mas, rompendo a tradição, em lugar de fazer a sua irmã Numiá esperar o desaparecido Avá, a entregou a Cosó da casa dos pacus, com o trato de que ela só geraria gente carcará, para a casa do jaguar.

Assim é que o pacu Cosó engendrou em Numiá dos carcarás a Inimá e a Náru. Há quem duvide que Náru possa um dia ser aroe e gerar um tuxaua. Mais duvidoso ainda é que sua irmã Inimá haja de parir o futuro aroe.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho, com abordagem de pesquisa bibliográfica, mostra que o romance **Maíra**, do antropólogo Darcy Ribeiro, parte do modelo litúrgico e sério da missa (e do culto evangélico) e sofre deslocamento ou inversão do sentido original, exigindo nova interpretação para o Sacrifício, uma vez que os textos bíblicos e convencionais são dessacralizados e, por vezes, ridicularizados. A função desse discurso intertextual parodístico, tanto no romance em epígrafe quanto no presente estudo, é catártica. Visa a liberar as tensões desse momento dramático e de luta pela sobrevivência dos silvícolas brasileiros. A ordem desemboca no caos e o sentido original da comunhão é subvertido em todas as quatro partes da obra para denunciar a barbárie do branco contra o índio mairum, arquétipo (fictício) de uma raça *eucaristiada* pela catequese e pela ganância dos poderosos. As quatro divisões aqui apresentadas para reflexão decorrem diretamente das quatro seções do mosaico litúrgico e pagão (des ou) re-construído pelo próprio autor de **Maíra**, a saber: *Antífona*, *Homilia*, *Cânon* e *Corpus*. O impacto com a civilização exige da aldeia uma constante redefinição de seu corpo mítico e de valores, para que a tradição tribal permaneça.

\* \* \*

Os índios têm sido superados numericamente por *civilizados* em seu próprio território e abatidos por epidemias, fome e conflitos interétnicos. A presença de missionários católicos e protestantes e a invasão de garimpeiros, madeireiros e fazendeiros em suas reservas alteram enormemente hábitos milenares e frustram suas louvações à própria bravura e à natureza exuberante que os cerca. Os ianomâmis, por exemplo, na quarta-feira de 18 de agosto de 1993, encheram os olhos do mundo com manchetes de um novo e sangrento episódio nas malocas de Haximu e Simão, próximas das missões religiosas de Surucucu e Catrimani. E, ultimamente, no 497º aniversário da chegada de Cabral à terra dos pataxós (22 abr. 97) Galdino, o *mendigo-índio*, morria em Brasília, vitimado pelo fogo da *civilização*. E, agora, nas comemorações dos 500 anos de Brasil, assistimos à exclusão e grito dessa gente que por certo *ofuscaria* o brilho da festa.

É esse contexto real e concreto que justifica a importância de repensar **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro, escrito em 1976. Para isso foi utilizado, no decorrer desta exposição, o discurso intertextual parodístico, como fizera o autor, a fim de realçar o efeito de *deslocamento* e o caráter contestatório proposto no percurso dessa narrativa-missa sobre o extermínio indígena. Assim, há uma reescrita, uma recriação do romance, com enfoque dual, à semelhança da aldeia mairum, dividida em duas metades que se completam e se opõem. O dualismo é um sistema que concebe a coexistência de duas forças opostas de tal forma que nenhuma delas destruirá a outra e sempre existirão. Exceto, segundo o judaísmo e o cristianismo, a oposição entre Deus e o Diabo, que é apenas temporária. Sob essa perspectiva é construído o texto e concebida sua releitura neste trabalho, fazendo-se um contraponto e instaurando-se o conflito entre o sagrado e o profano, entre o mítico indígena e o judaico-cristão, entre o divino e o demoníaco, entre as passagens bíblicas ou litúrgicas e o romance *pornomítico* do gozo e da dor de ser índio: **Maíra**.

O *Kyriê* da Igreja na voz dos padres Vecchio e Aquino é o resultado de cerca de quarenta anos de catequese em vão, extensiva à Al-

deia Mairum, próxima do rio Iparaná, nas últimas terras da Amazônia, ainda resistentes à civilização. E não gostariam eles de ler agora

sobre o trabalho da igreja católica, da avalanche de dinheiro que recebe, da imagem heróica de si que ama apresentar à opinião pública, do problema da evangelização dos índios, de como os missionários se articulam no contexto brasileiro, evidenciando sucessos e contradições. [Talvez gostassem de ler] sobre a obscura presença de algumas seitas norte-americanas, como a MEVA (Missão Evangélica da Amazônia) e a Novas Tribos, radicadas há decênios nas terras yanomami e em toda a América Latina, que muitos suspeitam — com razão — serem o braço *religioso* da política de segurança nacional da CIA, através de uma ideologia alienante que adormece as consciências perante a injustiça, em nome de uma falsa concepção espiritual, segundo a qual tudo deve ser suportado com vistas ... ao Paraíso.<sup>1</sup>

Os termos relevantes e necessários para a compreensão do trabalho são definidos na própria passagem onde ocorrem. E os procedimentos adotados para a reflexão e desdobramento do assunto estão condicionados à própria natureza do objetivo perseguido: apontar para a subversão do significado original da missa e que sustenta o discurso parodístico em **Maíra**. Assim, o plano de desenvolvimento deste estudo<sup>2</sup> parte do esquema ou roteiro da missa proposto por Pe. Luiz CECHINATO (**A missa parte por parte**, 1991), da espiritualidade eucarística de Frei Alberto BECKHÄUSER (**A liturgia da missa**, 1990) e outros, até chegar ao **Ordinário da missa com o povo**<sup>3</sup> e boletins semanais distribuídos pela Igreja nas comunidades. A leitura é feita entrecruzando-se textos bíblicos e litúrgicos com o texto de **Maíra** (edição de 1990) e de autores da área antropológica, como Darcy RIBEIRO (**Os índios e a civilização**, 1982), Egon SCHADEN (**A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil**, 1989), Mércio Pereira GOMES (**Os índios e o Brasil**, 1988), Julio Cezar MELATTI (**Índios do Brasil**, 1987) e outras perspectivas, como as de Leonardo BOFF

---

1 Luigi EUSEBI, “A barriga morreu!”: o genocídio dos yanomami, p. 137.

2 Conferir a página de *Sumário* que antecede o *Prefácio*.

3 Petrópolis, Vozes, 1992.

(**Nova evangelização**, 1991) e de Arnold Van GENNEP (**Os ritos de passagem**, 1978), devidamente mencionadas em notas de rodapé.

Destaquem-se, ainda, as contribuições de Florentina da SILVA SOUZA (**Narrativa da esperança perdida**, dissertação de mestrado apresentada à UFPb, 1984, sob a orientação da Professora Sônia Lúcia Van Dijk Lima); Walnice Nogueira GALVÃO (Indianismo revisitado. In: — **Gatos de outro saco**, 1981); Maria Luiza RAMOS (**Maíra: leitura - escrita**, 1978) — dentre outros que já estudaram esse romance de Darcy Ribeiro. Porém a releitura aqui apresentada dá, ao final, uma nova abordagem à *esperança perdida* de Florentina, quando vê o *Indez*, o *resto*, como uma possibilidade de Nova Genealogia Mairum, caso a aldeia sobreponha às transformações do seu patrimônio cultural e de seu corpo de valores e se una às demais tribos, em favor de um só povo, para resistir ao holocausto da *civilização*.

# 1

## RITOS INICIAIS, A ANTÍFONA

A aldeia mairum se reúne. A casa dos homens está repleta de homens, mulheres e crianças. De pé, sentados, acorados, em círculos. Os mortos esvoaçando, também em círculos e círculos, sobem do baíto para o alto do céu. É na assembléia que a comunidade peregrina experimenta seu imaginário religioso e acalenta a esperança da reunião ante o trono da Glória, na Jerusalém celeste, ou melhor, na busca de Ivimaraei, a Terra sem Males. A própria disposição da aldeia cosmiza-se : *imago mundi*. É a representação mágica entre os vários participantes ou clãs (Fig. 1). *Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles*.<sup>1</sup> Mas os mairuns estão todos aqui. Da cova de Anacã, tal como o incenso do altar, sobe

uma catíngua doce, penetrante, terrível. Sua presença já se sente conforme sopra o vento, desde as dunas do Iparaná até o oco da mata (...). O chuvisco da noite assenta a poeira do pátio e lava os ares para que impere, mais forte, a catíngua de Anacã. Ela continua aí presente impregnando tudo: finíssima, dulcíssima. Agora, parece também azul. Quem saberá por quê?<sup>2</sup>

Anacã, em sua *morte bela* e planejada, inscreve-se imponente nas narinas e no corpo de seu povo. O cheiro azul de Anacã, do clã

---

1 Mateus, 18:20.

2 Darcy RIBEIRO, *Maira*, p. 43, 117.

Jaguar, sobe gasoso aos deuses como oferta circular e aplaca a ira no mundo do Velho Ambir, aquele que lançou o arrote no espaço para criar uma floresta enorme, esgalhada de Maíra e de vários outros seres. Porque azul é a cor do ritmo lento da meditação, do ar, do céu e da outra metade lunar da aldeia. Também do véu para a divindade preso à pele do Grande Tigre Azul, vencido pelos gêmeos Maíra e Micura. Pois jaguar-onça é o animal totêmico, o próprio deus primitivo da tribo, através de cuja morte ou consumo o clã se renova e se identifica com o sagrado.

No romance **Maíra**, os *Ritos iniciais* integram a *Antífona*, no sentido mais amplo e tradicional, pois é ela que dá título à primeira parte dessa obra-missa e se constitui em extenso canto de entrada, configurando o tema da opressão e do martírio, no banquete sacrificial da identidade étnica mairum. Também apresenta as personagens principais e seus conflitos, bem como a vida e organização mítica desses referidos índios. Entretanto, não repete passivamente o ritual da celebração católica, visto que o reestrutura e recria, subvertendo-lhe as convenções e acrescentando-lhe significados novos e desmistificadores: Na missa de hoje, o quiriêlêisom encerra o *Ato Penitencial*, antes do *Glória* e da Oração *Coleta*, e se insere na primeira parte da cerimônia como sempre, desde a liturgia antiga. Nesse romance de sustentação imolatória, o quírie localiza-se na última parte da missa, quando os padres Vecchio e Aquino fazem uma avaliação amarga do trabalho missionário entre os índios e, já com os olhos cheios de glaucoma, pedem perdão pela catástrofe. E a *Antífona* propriamente dita aparece depois do texto não-sálmico da Genealogia Mairum (fig. 2), aldeia que rompeu a tradição, com o afastamento de Avá (Isaías), e agora há quem duvide de seu destino, capaz de gerar ou engendrar novo aroe e novo tuxaua.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> **Aroe**: líder religioso, senhor das almas dos mortos, conversa com eles e transmite suas mensagens. **Tuxaua**: senhor dos corpos dos vivos e chefe guerreiro por direitos hereditários, matrilineares

Na recitação pública do Ofício Divino, a *Antífona* é cantada por dois coros que se alternam e, por assim dizer, respondem um ao outro. Por isso e pelo caráter dualista da obra, será aqui entoada alternadamente e recitada em toda a sua extensão, a seguir.

## 1.1 O CANTO DOS MORTOS

### a) Primeiro coro:

#### A mal-aventurada-sururuqueira Alma

Alma, clara, caraíba, carioca, representante da civilização cristã, menos de trinta anos, é filha de pai religioso falecido. Deseja reabilitar-se da culpa, fruir o estado de graça, trabalhar na Missão, não nas favelas, porque *Deus não cabe no meio de tanta fome, sexo e maconha*.<sup>4</sup>

Do mundo Alma nada quer a não ser a graça de purgar na dor os seus pecados, sua vaga e distante família, seu complexo de Édipo, o descrédito em si mesma na oca das onças mairuns. Alma, mirixorã Canindejub, puta de índio, mulher-de-todos, mulher-de-ninguém, sururucando *como Deus é servido*.<sup>5</sup> A *estrangeira* encarna por si só toda a crise sacrificial que ameaça a comunidade. Mirixorã autêntica não é porque não passou pelo cerimonial de iniciação de mulheres. A ninguém serviu chibé, leite de carimã ou cauim de pequi,<sup>6</sup> na cuia ou cuité dividido em duas metades simétricas (gêmeas).

Está sozinha. É mãe e pai ao mesmo tempo. Não tem irmão nem marido para abrir buraco, como Mbiá teve Náru, e para sustentá-la pelo sovaco e ficar no choco do filho. Também é *preciso haver dois pais para que haja dois filhos*.<sup>7</sup> Assim, a *estrangeira* foi encontrada

---

4 RIBEIRO, op. cit., p. 49-50.

5 Id., ibid., p. 315.

6 Id., ibid., p. 351.

7 SCHADEN, op. cit., p. 120.

morta, na praia do Iparanã, por um estrangeiro: o suíço Peter Becker, doutor em formiga. *Dita mulher tinha as pernas abertas e entre as coxas se podia ver um duplo feto*<sup>8</sup> masculino natimorto.

Dois chegam mortos, quando um é esperado vivo por ela, e *devem ficar expostos* fora da comunidade. A parilha de crianças desapareceu como terrível mensageira do extermínio, não teve poder sobre sua vida ou morte, quanto mais sobre a vida ou morte dos outros, ou sobre a esperança de renascimento dos gêmeos míticos, fundadores das duas metades exógamas ou dos clãs. Frustrou-se a repetição do mito das origens evocada pelos mairuns que viam em Alma a Mosaingar, com Maíra e Micura no ventre.<sup>9</sup>

Os prováveis heróis-gêmeos nasceram defuntos. Nem a filha Iuicui, nem o filho Mairaíra — imaginada ou imaginado por Alma. Natimortos, não eliminarão monstros nem animais ferozes. Não fundarão aldeias nem cidades. Não realizarão quaisquer façanhas de cooperação ou de competição. Estão ligados aos ritos mortuários, à vida e ao destino dos mairuns rumo à crise sacrificial pela perda da diferença.

E toda perda de diferença, a menor que seja, provoca uma violência (contagiosa), assim como toda violência provoca uma perda de diferença. A calamidade chega junto com a impureza dos gêmeos e *A crise sacrificial é compreendida como uma ofensiva geral da violência contra a comunidade, ofensiva anunciada pelo nascimento de gêmeos*.<sup>10</sup>

Entre muitos primitivos existe um tabu severo sobre esses dois. São considerados suspeitos, como fato sobrenatural ou resultante de

---

8 RIBEIRO, op. cit., p. 21.

9 Esse último aspecto, o do renascimento do mito das origens, vem exposto na dissertação de mestrado (datilografada) **Maíra: narrativa da esperança perdida**, UFPb, de Florentina da SILVA SOUZA, p. 44. Ressalta-se que a explicação dos etnossociólogos sobre o mito da parilha de gêmeos (herói solar e herói lunar) - correspondentes às metades exógamas ou clãs - se contradiz diante do exemplo dos Bororo, cujos gêmeos pertencem à mesma metade. Ver SCHADEN, op. cit., p. 101 et passim.

10 René GIRARD, **A violência e o sagrado**, p. 80. Ver também p. 342 et passim.

feiticaria. Inspiram terror, provocam epidemias, doenças, o que leva à imolação das crianças e também da mãe. Por outro lado, o culto aos gêmeos, relacionado com a domesticação de certos animais e como uma concretização mítica do tema sobre o duplo, concorreu para a civilização e para a formação das religiões, devido à crença numa alma dupla: mortal e imortal.<sup>11</sup>

O excesso pode ser também uma deficiência.<sup>12</sup> Há uma dicotomia entre gêmealidade e esterilidade, uma bênção e uma maldição, divindade (mais que humanos) e animalidade (menos que humanos), pois os gêmeos, com alguma frequência, nascem moribundos pelas orlas do Brasil, ou morrem juntamente com a mãe: *a dona morreu foi de parto mesmo. Como tantas. Isto aqui é alguma Suíça?*<sup>13</sup>

Os pecados de Alma, a sururuqueira, a antivirgem, confundem-se com o número de grãos de areia do Iparanã e desaparecem na fertilidade de lépidas formigas, ao som do *Antimagnificat* ou cântico da mal-aventurança sugerido abaixo:

**A alma de Alma se entristece por não ter Salvador que contemple a mãe morta do Verbo gêmeo, de legitimidade duvidosa. Filho(s) de Micura? Verbo esse abandonado na praia, como numa encruzilhada, depois de uma longa viagem expiatória e de dúvida. Agora, da geração Mairaíra a mãe não é. O pai também não. Está sozinha, contaminada e excluída do altar da comunhão pelo pecado feminino, pela impureza vinculada ao vigor do sexo e ao tabu do sangue menstrual e que deveria ser estranho à mentalidade moderna nesta relação entre a mulher e o sagrado.**

**Chamá-la-ão de mal-aventurada-sururuqueira, mulher-de-todos, mulher-de-ninguém e sacerdotisa do sexo. Esteve**

---

11 Otto RANK, *O duplo*, p. 135 et seqs.

12 Victor W. TURNER, *O processo ritual*, p. 96.

13 RIBEIRO, op. cit., p. 22.

**prende de incesto clânico e vazia de estado de graça. Agiu o Poderoso com seu braço forte, favoreceu os que no coração alimentavam pensamentos soberbos: pôs no trono e no avião o Senador Andorinha, e, nas asas desse, encheu de bens e terras seus amigos Doutor Clóvis e Juca. Despediu o Senhor de mãos vazias os brabos Xaepes e os mairuns recém-pacificados, a fim de se lembrarem de sua miserabilidade para sempre.**

Alma, a enfermeira de todos, ungiu os pés dos gêmeos com seu sangue de parto duplo e os envolveu com sua placenta mortuária, lembrando-se de que

Entre as raças primitivas a ilha da salvação [o santuário] é fundada pela mãe exilada com seus gêmeos, enquanto que entre os povos civilizados [e cristãos] é construída por um gêmeo já adulto, depois da morte da mãe e do assassinato do irmão<sup>14</sup> — como Rômulo e Remo, Caim e Abel, etc.

## **b) Segundo coro: O bem-aventurado-chefe Anacã**

No Brasil, cada aldeia indígena é politicamente independente e tem como autoridade mais alta seu chefe, *podendo mesmo entrar em conflito armado contra outras aldeias da mesma tribo*.<sup>15</sup> Qualquer sociedade humana sujeita-se ao poder. Mesmo nas chamadas comunidades igualitárias, como a dos mairuns, o comando apresenta-se difuso e espalhado pelos clãs, na forma de controle social (temor de sanções sobrenaturais, do ridículo em público, do mexerico, etc.), nos direitos e obrigações, na diferença entre a casa-dos-homens, a casa-das-mulheres e crianças, nos mestres-de-cerimônias, no senhor das almas dos mortos e no senhor dos corpos vivos, dentre outras formas.

O respeito ao chefe nas sociedades indígenas é assegurado pela persuasão e pelo bom desempenho de funções e não pela ameaça ou

---

<sup>14</sup> RANK, op. cit., p. 141.

<sup>15</sup> Julio Cezar MELATTI, *Índios do Brasil*, p. 109.

pela força, visto que correrá o risco de ser repudiado ou destituído da chefia. Um líder indígena é um conselheiro, um coordenador de atividades. Entre os Bororo há uma dupla de chefes para cada aldeia e ambos têm as seguintes atribuições principais:

a) indicam quando e para onde se deve mudar a aldeia; b) conduzem os índios à guerra; c) velam pela conservação das tradições da tribo; d) indicam as atividades que devem ser desenvolvidas cada dia; e) recebem e enviam mensageiros para outras aldeias; f) regulam as relações entre os índios e o homem civilizado; g) têm parte importante em diversos rituais;<sup>16</sup> h) dão ordem para fazer a caça ou a pesca coletiva, ou preparar a refeição que deve precedê-las.

O mensageiro ou aquele que retorna de uma viagem deve transmitir sua mensagem diante do conselho, do *primado dos velhos*, bem como relatar as dificuldades por que passou. Assim foi com Isaías-Avá. Embora não voltasse ele com a boca queimada pela Palavra, mas cheia de dúvida, deveria falar minuciosamente no cerimonial do baíto (casa-dos-homens) sobre o mundo alheio dos brancos:

É chegada a hora. Ele deve, agora, falar longamente. Falar duro e forte como cabe ao tuxauarã. Falar de tudo o que seus olhos viram, de tudo que seus ouvidos escutaram e de tudo que seu espírito entendeu durante todos estes longos anos, no grande mundo dos brancos.<sup>17</sup>

Em todas as sociedades humanas a idade tem significado importante e o posicionamento dos velhos está intimamente ligado à conotação cultural de cada povo. Há tempo para tudo debaixo do céu<sup>18</sup>: há tempo para dançar e tempo para cantar maré-maré, tempo para comer pacu e tempo para beber cauim, tempo para sururucucar e tempo para cansar, tempo de rir e tempo para se acabar, a fim de que surja e cresça o novo:

Já dancei muito Coraci-Iaci. Já cantei muito maré-maré. Já comi

---

16 Id., *ibid.*, p. 111.

17 RIBEIRO, *op. cit.*, p. 258.

18 *Eclesiastes*, 3: 1-8.

muito pacu. Já bebi muito cauim. Fodi bastante. Já ri demais. Estou velho. Chegou minha hora, vou acabar. Sim, vou deixar vocês aí, sem tuxaua. Órfãos de mim. Preciso morrer para que surja e cresça o tuxaua novo.<sup>19</sup>

Atualmente, nas sociedades industrializadas, capitalistas e civilizadas, *fala-se* [muito] *do problema do velho*. *Nas famílias já não há lugar para ele*,<sup>20</sup> devido ao espaço reduzido nas residências e ao pouco tempo disponível para os cuidados que um ancião requer. Mas para os mairuns o significado da idade é exatamente o contrário, é sinônimo de experiência, de *status*, de sabedoria, de conselho máximo da aldeia e do clã. Deve ser reverenciado além da fase participativa, depois da morte:

Jaguar, o sobrinho-neto de Anacã, acororado ali ao lado, tem sobre as pernas o patuá de adornos de penas do velho tuxaua. Vai tirando um-a-um, os mais belos, e entregando ao aroe que os coloca: nas orelhas, os brincos; no furo do lábio inferior, o tembetá; na cabeça, o cocar amarelo de japu; no pescoço, colares de conchas de caramujo; na cintura, nos braços e nos tornozelos, cintos, pulseiras, passadeiras.

Anacã se vai fazendo outra vez visível na dignidade do seu mando de tuxauareté, realçada pelas cores da pintura e de todas as plumas. Por fim, quando o Sol se fixa no alto do meio-dia, ele é levado para o pátio de danças. Ali, bem no meio, é pousado sobre uma esteira com o arco negro decorado e as duas flechas de taquara, de um lado. Do outro, como repousando, o tacape de guerra, que está também adornado cerimonialmente com seu saiote de borlas de algodão, seu longo pescoço trançado de palha fina e seu pulso alegrado com fios de plumas vermelhas.<sup>21</sup>

A homenagem a esse último grande chefe é justa. Anacã viveu uma longa vida, sobreviveu à mortandade trazida pelos brancos, juntou os mairuns que viviam espalhados em pequenas aldeias nas praias do Iparanã e os levou

para as matas da Lagoa Negra. Pacificou os grupos inimizados. Fundiu os

---

19 RIBEIRO, op. cit., p. 24-5.

20 Luiz Gonzaga de MELLO, *Antropologia cultural: introdução, teoria e temas*, p. 307.

21 RIBEIRO, op. cit., p. 26-7.

clãs dispersos. Até clãs desagregados, que iam desaparecendo, ele restaurou. Não vai haver nunca mais ninguém como Anacã.<sup>22</sup>

A festa acompanha o percurso do Sol e a roda é o carro ascendente e descendente desse astro rumo ao centro privilegiado das teofanias, onde está Anacã fixado solidamente no repouso dos deuses — o pátio cerimonial:

Para nós mairuns, aquele pátio é o centro do mundo, o ponto fixo ao redor do qual tudo se move, acontecendo. Ali naquele estufado do pátio da minha aldeia se decidem todas as coisas realmente importantes. É ali que o sol se levanta, se curva e se põe todo dia, no céu daquele pátio. É dali que cada um de nós, sentado no lugar certo, vê cada dia o Sol se pôr.<sup>23</sup>

Os círculos e semicírculos (metade de cima, metade de baixo) da aldeia predominam na celebração: são danças em círculo, almas esvoaçando em círculo, grupos em círculo, marca solar nas maçãs do rosto das crianças, etc. O círculo participa da unidade mairum, da ausência de distinção ou divisão dos clãs cujos raios, nesse momento, convergem para o centro. É o alfa e o ômega dos cristãos<sup>24</sup>, a fonte da vida, o umbigo do mundo e, ao mesmo tempo, a consumação de todas as coisas. O princípio e o fim no mundo que roda tendo Anacã como eixo da festa:

Girada com a força do mijo de Deus, gira que gira a roda da festa. A festa que agora é a roda da vida e a tudo entrevera: a catanga do tuxaua Anacã, o cheiro picante da boa comida e o odor espumante do cauim (...).

Rola a roda que rola e torna a rodar. Tudo rola ao redor do umbigo do mundo: esse pátio mairum com o tuxaua Anacã plantado no meio. Só ele é fixo no mundo que roda a girar.<sup>25</sup>

O tuxaua homenageado unificou e comandou a aldeia antes dispersa mas, sobretudo, penetrou o enigma dos impulsos individua-

---

22 *Id.*, *ibid.*, p. 117.

23 *Id.*, *ibid.*, p. 65-6.

24 **Apocalipse**, 21:6.

25 RIBEIRO, *op. cit.*, p. 96.

listas e destruidores, dominou a própria força e decifrou o saber de si mesmo, pois a decifração real é a do próprio homem: *Conhecendo a si mesmo, o homem conhecerá o universo e os deuses.*<sup>26</sup>

## 1.2 O CANTO DOS PROFETAS

### a) Primeiro coro: Isaías, dos pajés-sacacas da Missão Católica

*Atrás do texto*, Isaías foi Tiago Bororo, criado nas missões salesianas e que

Aos 12 anos foi retirado da tribo, a fim de frequentar um colégio em Cuiabá, onde teve esmerada educação. Três anos depois foi mandado para a Europa onde permaneceu mais dois anos, ao fim dos quais pediu para voltar (...).

Assim, Tiago se vê entre dois mundos que o atraem e o repelem. Para sua gente é um estranho e para os civilizados continua sendo um índio, malgrado todas as suas aptidões que o colocam acima da maioria da população sertaneja com que convive.<sup>27</sup>

Em **Maíra**, Isaías nasceu Avá, mairum e risão, porque os mairuns são um povo que ri com seus belos dentes. Entretanto, tornou-se Isaías, o escolhido para ministro de Deus na Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, e chegou taciturno, cheio de dúvidas e ambigüidades, serrado ao meio: metade índio, metade civilizado. Sua boca não fora queimada pelo serafim e escondia o riso (sem pecado original).

Contudo, a ambigüidade de Isaías pode ser de essência, uma vez que não tinha sangue real, como o profeta bíblico. Sua mãe Moitá sururucou com muitos homens, misturou os sêmens, tornando-se

---

26 Constança Marcondes CÉSAR, Implicações contemporâneas do mito. In: MORAIS, Regis de (org.), *As razões do mito*. p. 41.

27 RIBEIRO, *Os índios e a civilização*, p. 397.

difícil identificar o pai que deveria ficar de choco. Assim, Avá nascera, crescera e voltara da Europa contraditório. Uma parte dele é homemonça: forte, vigorosa, corajosa. A outra parte, homem-micura: fraca, pálida, etérea, voltada para as coisas do espírito.<sup>28</sup>

A alma de Isaías está vazia, nua de esperança no Messias, tomada de pensamentos niilistas sobre os pajés-sacacas da Missão e sobre a (pequenez da) obra que poderia fazer entre os seus em nome de Cristo:

Preciso encontrar na fé a confiança e a aceitação de minha estampa e de minha essência. Para isso preciso rezar ainda mais. Mas rezo cada vez menos e com menos fé. Minha fé está minguando (...). Ainda há milagres? Talvez nunca tenha havido. E afinal o milagre que peço, qual é? É que Deus mude minha substância, me faça genovês ou congolês ou brasileiro ou um homem qualquer (...). Tenho é que me aceitar tal qual sou, para mais respeitar em mim a sua obra. Obrinha de merda. Deus que me perdoe.<sup>29</sup>

Isaías olha para a aldeia, para o passado de seu povo e se lembra do riso mairum; olha para além da aldeia, para o futuro e para si mesmo e vê contradição: numa das mãos indígenas, a Bíblia; na outra, um patuá. Não vê semente de liderança de tuxaua ou de aroe. Voltou cego, *esperando ir adiante, voltando atrás*<sup>30</sup>. Tem névoa nos olhos, porque viu as aparências enganadoras do mundo e da religião cristã. Sua cegueira é resultado da descrença naquilo que tomou como verdade. Não tem nada para dizer. Veio mas não veio. Perdeu o Verbo, a certeza das palavras, o sopro de Deus. O aroe Remui zune o seu maracá aos mortos e fala:

O Avá veio e não veio. Este que veio é e não é o verdadeiro Avá. O que eu esperava, e que vi vindo dia-a-dia por terras e águas, não chegou. Aquele, sim, era o Avá mesmo, inteiro. Este é o que restou de meu filho Avá, depois que os pajés-sacacas mais poderosos dos caraíbas roubaram sua

---

28 RIBEIRO, Maíra, p. 368.

29 Id., *ibid.*, p. 31.

30 Id., *ibid.*, p. 105.

alma (...). Atrás dos seus olhos, está a névoa, a cegueira dos que já não têm alma para morrer (...). Voltou vazio, esvaziado (...). Tiraram o seu espírito. Isto que está aí é o que resta de um homem que perdeu a alma.<sup>31</sup>

Chegou *estrangeiro* e hóspede em sua própria nação, em sua própria casa. Está descalço do Evangelho de Cristo e de boca seca, não encontrou o poço com a água da Salvação. Vestiram-lhe o corpo desvestindo-lhe a alma de seu estado primitivo, primordial. Não para a nudez do combate, mas para a nudez da vergonha de si mesmo. Assim, subentendem-se em Isaías duas nudezas, a de índio e a de branco:

Ando com vergonha das minhas duas nudezas, a mairum e a caraíba. O bá já não chega para me cobrir. Nunca chegou. Assim é que sempre estou duplamente vestido. Vestido de mairum, com o atilho de corda que eu mesmo ateï, lá dentro. Mas também vestido de cristão com a calça bem abotoada, por fora.<sup>32</sup>

Isaías viveu em tempo de crise, como as de Jerusalém: *Todos os homens nascem em Jerusalém. Eu também?*<sup>33</sup> Havia muito culto pagão, muita feitiçaria, muitos deuses e heróis míticos, como Maíra e outros, na Terra sem Males. Seu povo também foi vítima de intrigas: com barranqueiros, negociantes de pele, políticos e empresários. Os mairuns estavam a caminho da ruína pela falta do diálogo intercultural e pela imposição do modelo missionário de cristandade. No entanto não fez Isaías-Avá advertências contra essa impiedade, uma vez que não chegou dotado de grandes virtudes como profeta bíblico. Foi a antítese do Proto-Isaías (**Isaías**: cap. 1 a 39). Tampouco será ele o velho do Clã Jaguar que apontará a misericórdia de Deus ou revelará o Messias no Dêutero-Isaías ou Livro das Consolações (cap. 40 a 66), porque sua aldeia será coisa nenhuma e *os que ficarem lá, só herdarão a amargura de serem índios*.<sup>34</sup> Assim os silvícolas, na ausência

---

31 Id., *ibid.*, p. 270.

32 Id., *ibid.*, p. 321.

33 Id., *ibid.*, p. 29.

34 Id., *ibid.*, p. 31.

da *boa notícia* e da Luz original, cairão no ermo obscuro da satanização e da desordem — perplexos diante da idolatria e do pecado recém-descobertos.

Por outro lado, ninguém crerá na pregação de Isaías-Avá, não há formosura em sua pele que agrade os poucos índios sobreviventes. Será desprezado por sua ambigüidade e por seu encobertamento, no recôndido escondido.<sup>35</sup> Certamente ele tomou sobre si as mazelas, bexigas e cataporas dos brancos, pois muitos do clã passam e não o olham. Foi tosquiado e moído pelos pajés-sacacas da Missão Católica, mas por suas pisaduras o seu povo não será curado.

Sem tuxaua novo, os mairuns continuarão desagregados e, como antigamente, dispersos e desterrados em jejum salvífico pelas praias do Iparanã. Por opressores espirituais, por donos de glebas e de gente foi Isaías contaminado e, agora, sua linguagem quem entenderá? Designaram-lhe a *sepultura* com os caraíbas que lhe pregaram a liberdade. Esses de Brasília e do *rebanho do Posto* (FUNAI) pouco ou nunca fizeram justiça aos legítimos donos da terra: os índios. Contrariamente, submeteram-nos *ao quadro colonizador e reprodutor de suas instituições sociais e religiosas*.<sup>36</sup>

Os homens brancos, civilizados, coisificaram o *outro* no pecado original da modernidade<sup>37</sup> e da catequese que não respeitou o imaginário religioso indígena. Todo dolo e todo engano foram achados em suas bocas.

O Isaías da Missão foi *sepultado*. Quem virá resgatá-lo? Remover-lhe a pedra do sepulcro e colocá-lo no dinamismo da grande roda mairum, cujo eixo esteja bem ajustado e firme como o de Anacã? *Sem mim, a roda seguirá rodando, eu estarei então no meio dela, perdido como um grão a mais de areia no poeiral do céu. Mas a roda*

---

35 Id., *ibid.*, p. 262.

36 Leonardo BOFF, *Nova evangelização: perspectiva dos oprimidos*, p. 78.

37 Arlindo G. de O. LEITE, *A mudança na linha de ação missionária indigenista*, p. 20.

*rodará para nada, sem eixo, num baíto como este, sem aroe, que ouça o que foi, que diga o que é e adivinhe o que será.*<sup>38</sup>

Portanto, Isaías, que significa *salvação de Deus* ou *O Senhor é salvação*, parece completamente perdido nos caminhos da fé, bem como nos caminhos do profano. Não será *o homem de Deus* em quem (contra quem) a Igreja investiu; tampouco será o tuxaua, guerreiro, esperado pelos mairuns.

### **b) Segundo coro: Xisto, dos pajés-sacacas da Missão Protestante**

Xisto lembra a *rocha* que sofreu transformações sob a pressão da Palavra e suas dúvidas entre Deus e o Diabo são visíveis e confessadas. Ele é o porta-voz do sincretismo religioso e da liturgia protestante popular, o *sacristão* do pastor Bob. Desistiu dos índios e agora se empenha em converter os caboclos, os vaqueiros. O beato veste a bata do espírito profético para servir a Palavra ao povo da vila de Corrutela, põe a túnica do Poder para distribuir a ração vivificante ao gado de Deus, esparramado na fazenda do mundo, no grande pasto do Criador, cujo capataz é o Demo montado em sua própria alimária. Porquanto Satanás não foi derrotado, não caiu no lago de fogo e enxofre juntamente com a besta e o falso profeta.<sup>39</sup> Está rondando o corpo dos santos que é a casa de Deus. Se os irmãos cederem à tentação, a macega do Altíssimo pegará fogo, uma vez que o excomungado, o decaído está solto, no *bem-bom*, buscando um equino para cavalgar contra Deus:

(...) Xisto prega ao seu rebanho: — Vejam, lá vem o Tião Comboieiro com sua tralha. É só olhar para ver e entender. De-dentro-dele, Deus levanta as forças para sustentar a carga. De-fora-dele, o Demo força a carga pra

---

38 RIBEIRO, op. cit., p. 271.

39 Apocalipse, 20: 7-10.

baixo. O pobre do Tião tá suado do esforço que faz. O Demo está no bem-bom, sentado em cima dos tarecos (...).

— Em tudo o Demo se mete, mas ele gosta mesmo é de se meter dentro da gente, é de se intrometer. Está sempre buscando um cavalo, um cavalo dele. Ou uma égua, uma égua dele. (...) E aí é que está o perigo perigoso, porque o corpo de cada um é a sua santidade. O corpo é a casa que Deus nos deu, sagrada, por morada. Quando o Demo entra nessa casa, tudo está perdido (...). O mundo está cheio de tentação. São fogos saltando para fora de si, querendo pegar na macega. E a macega somos nós mesmos.<sup>40</sup>

A bata de Xisto é *de algodão tucúio meio encardida*.<sup>41</sup> Meio encardida como sua alma não bem condizente com o branco da vestimenta apocalíptica e não completamente transfigurado o seu dono, como aqueles que já saíram da grande tribulação, tiveram suas roupas totalmente branqueadas no sangue do Cordeiro<sup>42</sup> e ultrapassaram todo o entendimento. O encardido está no permeio, entre o crepúsculo e a alvorada, entre o dia e a noite, entre Deus e o Diabo, entre a luz e as trevas, entre a boca para a palavra de Deus e a boca para o cigarro que Xisto usa no momento da pregação. Incenso ou vício? O encardido lembra a sombra determinando os limites do ser, com suas próprias dúvidas e seu duplo negativo, isto é, sua parte maligna e inferior. E esse profeta é mestiço na carne e no espírito.

Também o ar tem duas faces: uma de Deus, outra do Diabo. O bafo de Deus preexiste à criação e está em toda parte desde a fundação do mundo, inflando a vida, inspirando os profetas, a Palavra, ordenando o caos. Na tempestade, o sopro da violência divina revela a cólera ou o poder do Onipotente, os grandes começos e os grandes fins. Contrariamente o ar é também do Diabo. No momento derradeiro em que o sopro deveria voltar-se para o Pai que o deu, poderá também voltar-se para o Demo que o roubou de pecadores confessos,

---

40 RIBEIRO, op. cit., p. 274.

41 Id., ibid., p. 337.

42 Apocalipse, 7: 14.

ou dos que ainda haveriam de pecar. Deus Nosso Senhor sabe disso e está lá em cima vigiando:

Olha e vê o danado caçando almas no povinho que é o gado de Deus. (...) O Demo, que está entre nós, atentando, é o caçador de Deus. Deus e o Diabo estão entreverados. A vontade de Deus é misteriosa, é recôndita, encoberta. Deus é como a luz do Sol, alumia tudo: mesmo aqui no lado da sombra desta capela, é escuro, mas aí está a luz de Deus mostrando a cara e a figura de cada um. Deus entra até no íntimo insubornável do negrume que é o reino do Demo. Deus é como o ar, está em toda parte, no claro e no escuro. Eu até penso que o ar é o bafo de Deus. Quando Ele sopra vem ventania, tempestade, furacão. Todo mundo vê, se assusta descobrindo que o mundo está cheio de ar. O ar é de Deus, mas também é do Demo, do excomungado, o irmão dos anjos, a criatura decaída, desgarrada, desgraçada. Quando nos falta o ar, na aflição da hora derradeira da nossa morte, é o Demo que está tapando nossas ventas, sufocando para disputar aquela alma.<sup>43</sup>

O dualismo<sup>44</sup>, sistema religioso ou filosófico, concebe o mundo na coexistência de dois poderes, forças ou princípios eternos, opostos ou antagônicos: as trevas e a luz, o masculino e o feminino, o sagrado e o profano, o Bem e o Mal, o branco e o preto, o criador e a criatura, a matéria e o espírito, o amor e o ódio, o senhor e o escravo, o positivo e o negativo, a direita e a esquerda, o alto e o baixo, a síntese e a divisão, Deus e o Diabo, dentre outras contraposições.

Esse dualismo indica o equilíbrio ou as ameaças latentes, também as contradições, ambivalências e obscuridades que caracterizam a religião e o romance **Maíra**. O pensamento dualista toma conta do discurso, das palavras do beato Xisto, uma vez que *Deus é espírito (João 4:24)*, enquanto *o Verbo se fez carne (João 1:14)*. O representante de Deus em

---

43 RIBEIRO, op. cit., p. 275.

44 Na teologia, Deus é contraposto a algum princípio espiritual do mal ou ao mundo material, enquanto que na filosofia o espírito é contraposto à matéria, e na psicologia a alma ou mente é contraposta ao corpo. Cirlot (**Dicionário dos símbolos**, p. 216-7) estabelece uma distinção entre *dualismo* (oposição de contrários em que um terceiro termo obriga essas duas forças-princípios a atuar alternativa e não simultaneamente, trazendo a elas o equilíbrio) e *dualidade* (o dois em noção de conflito; cisão interna, como a do homem duplo, de identidade desdobrada).

Corrutela está cheio de dúvidas. Não sabe do sucedido nem do que há de suceder. É um profeta que não vê, não desvenda os mistérios e, diferentemente dos profetas ou videntes bíblicos, não tem certeza de suas próprias palavras, não tem a convicção daquele que esteve presente no conselho de Deus e ali recebeu o que deveria dizer ao povo:

Há um que manda, é o Senhor. Outro que desmanda, é o Demo. Mas há também o que há-de-vir, o Encantado. Ninguém sabe quem é. Não é Deus, nem o Diabo. É gente feito nós, um de nós. Eu, quem sabe? Nem eu mesmo não sei. Deus existe e está com o mando pra mandar até o fim do mundo, mas Ele também sofre. Quem do mando é dono, manda em tudo, mas não manda na sua sina. O destino que Ele fez, que Ele tramou para mim, pra você, pra todos, tramou pra Ele também. Nunca eu vou entender, nunca jamais. E devia, tenho olhos pra ver, ouvidos pra escutar e até alguma manha pra desmanchar enredos enredados. Mas o que vejo é muito menos do que não vejo.<sup>45</sup>

A profecia de Xisto é a profecia da sina, da voz rouca, arrastada e, na dúvida, muitas vezes murmurada com palavras de afronta e escárnio. Então seu discurso retoma a blasfêmia dos principais sacerdotes no momento da crucificação de Cristo<sup>46</sup>, não se submete à revelação da Palavra pela fé, nem obedece plenamente às regras de apropriação da voz de Deus. Comumente o beato protestante comete transgressões e rompe o limite dos diferentes sentidos do texto sagrado. A obscuridade de sua fala relaciona-se com a luz, pois é o cruzamento da sombra ou caverna da ignorância com a luz do conhecimento. É a essência divina envolta no mistério, não sendo totalmente conhecível pela razão dos homens. Na criação do mundo, a primeira coisa que apareceu foi a luz da palavra de Deus, a Revelação. E a lei é uma luz sobre o caminho dos homens, apesar de outro dualismo bastante controvertido no discurso religioso: lei / fé<sup>47</sup>.

---

45 RIBEIRO, op. cit., p. 69.

46 De igual modo os principais sacerdotes com os escribas, escarnecendo, entre si diziam: *Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se.* **Marcos** 15: 31.

47 **Salmos**, 119; **Romanos**, 3: 31 e 7: 6; **Gálatas**, 2: 19.

Corrutela também tem suas normas, prescrições e regrinhas, mas ninguém é dono da *rubrica*<sup>48</sup>, ninguém é dono de sua regra, de sua sina. Pode ser Deus, pode ser o Diabo, pode ser qualquer um de seus habitantes ou visitantes, ou pode ser o há-de-vir Encantado:

A semente não é dona de sua regra, de sua sina. Nem o nariz é dono de sua forma. Assim é a vida aqui em Corrutela. Ninguém é dono de sua regra. Nem Deus, nem o Diabo (...)

— Vejo tanta coisa impossível suceder e tanta coisa inevitável não acontecer. Antes pensava que não havia regra. Hoje sei que tudo tem regra, tino, destino. O Encantado é o dono da sina. Fala pela boca da gente. Cada um, sem querer, vai dizendo, sem saber, uma coisa aqui, outra coisa ali, acolá. Eu vou ouvindo, vou olhando. Só de assuntar vou regrado as coisas sem querer. Não é o diabo, assombração. Nem Deus, santidade. É gente feito nós. Eu, um de vocês sentado aqui na roda. Porque você, eu, qualquer um pode ser o Encantado (...). Estou com regra, estou com o tino, destino. Mas sem valia e sem culpa, nem inocência. Dele é o mando para o bem ou para o mal. Morte, quando é para morrer. Alegria, quando é para alegrar. É o que está escrito. Eu cumpro a lei, lei que sai de dentro de mim. Quem sabe do destino? Nem eu, ninguém. Só o Encantado sabe. E ele fala quando quer, por minha boca, por sua boca.<sup>49</sup>

Os visionários bíblicos de situações imediatas ou de eventos longínquos eram homens de ação e de notável inteligência. No Velho Testamento os profetas recebiam visões revelatórias. No Novo Testamento, o evangelista Lucas relata as visões de Zacarias (**Lucas**, 1: 22), de Ananias (**Atos**, 9: 10), de Cornélio (10: 3), de Pedro (10: 10) e de Paulo (18: 9); embora Paulo seja mais comedido (**2 Coríntios** 12: 1). Grande parte do **Apocalipse** descreve uma visão de São João. Também Xisto pensou em Aninha, a viúva-velha de seu Nonô e viu-a com o papo mais inchado e a verruga mais crescida. Sabia premonitoriamente que aquela visão iria matá-la:

---

48 **Rubrica** (do latim *ruber*: vermelho): prescrição, norma, orientação, explicações diretas, geralmente escritas em vermelho, e que regulam os atos litúrgicos, no texto do breviário ou missal, orientando o sacerdote na celebração.

49 RIBEIRO, op. cit., p. 70,72.

Eu passava tempos sem ver nhá Aninha, nem pensava nela. Outro dia eu pensei, não pensei só, vi. Vi a imagem dela com o papo mais inchado, a verruga mais crescida. Eu sabia que aquela visão matava a velha. (...) Sabia que o primeiro que passasse ia me dar a notícia. Não passou ninguém, mas o sino repicou finado.<sup>50</sup>

A lei e o vaticínio saem de dentro do profeta, da boca do homem de Deus, para o bem ou para o mal, para a vida ou para a morte. A visão que Xisto teve de Aninha, a *palavra-voz* que saiu de sua boca era uma ordem de morte. Aqui ele está *sob a lei* no sentido expresso pelo apóstolo Paulo<sup>51</sup>, confirmando e cumprindo a lei no Evangelho da graça que sai de seu interior<sup>52</sup>:

Não há enganos nesses ditos que saem da boca da gente, que vêm lá do fundo da gente, sem o mando nosso. É a fala do Encantado. Ela sai com tanta força que ninguém pode calar, senão sopita e ele morre ali mesmo, estuporado (...). É o que está escrito. Eu cumpro a lei, a lei que sai de dentro de mim.<sup>53</sup>

Essa visão mortífera contraria a legislação hebraica ou judaica herdada pelo cristianismo, que sempre se mostrou solidária com as viúvas e preconiza o dever de cuidar delas e protegê-las da penúria. Por outro lado, o olhar penalizado e fulminante do beato é justificável, uma vez que Aninha estava *contaminada* pelo defeito físico (papo e verruga crescidos), e pessoas portadoras de qualquer anomalia, mesmo sarna e impigem, segundo a lei mosaica, estavam excluídas de aproximar-se do altar ou do sacerdote para não profaná-los.<sup>54</sup>

Xisto precisa de coragem e sabedoria para desvendar o mistério, saber onde estão o bem e o mal, onde estão Deus e a verdade. Mistério é um segredo temporário, aquilo que está oculto e ainda pre-

---

50 Id., *ibid.*, p. 71.

51 **Romanos**, 3: 31.

52 *Idem*, 7: 16, 22, 25.

53 RIBEIRO, *op. cit.*, p. 71-2.

54 **Levítico**, 21: 16-23.

cisa ser revelado por Deus aos homens por meio de Seu espírito.<sup>55</sup> O profeta Daniel conseguiu interpretar o sonho de Nabucodonozor que nem encantadores, mágicos ou astrólogos revelariam, e também suas próprias visões do reino messiânico, porque *há um Deus nos céus, o qual revela os mistérios*.<sup>56</sup> No entanto Xisto precisa, além de coragem, de muita inteligência para desvendar o mistério do mal, como antagonista do mistério divino:

Hoje precisamos é de coragem. Muita coragem para pensar no mistério. E muito medo para saber que o bem e o mal estão entreverados. Às vezes do mal nasce o bem. Mais vezes ainda o bem dá em desgraça. Quem busca a sua melhoria tem que aceitar o bem e o mal. Se eu não mando no que faço, nem mando no que penso, nem para mim, nem para os outros, como é que eu vou saber onde está Deus? A fonte da verdade é onde está a vontade do torto? Eu matei nhá Aninha ou foi a Lei que tremeu em mim, fazendo eu ter a visão? E foi pro bem ou foi pro mal?<sup>57</sup>

O homem vê o mundo duplamente porque sua atitude também é dual, seu Eu é duplo. A união dos contrários é um mistério, e estar indissolúvel em face do mistério indissolúvel é condição ordinária de salvação. Deus é o *mysterium tremendum* que ultrapassa a dicotomia sagrado-profano, bem-mal, lei-fé. Deus é o totalmente Outro, entretanto o totalmente Mesmo, o totalmente presente, o Tu eterno, atemporal, que ontologicamente não pode ser reduzido a um Isso, usado ou explorado em nome de um sistema dogmático ou da religião.<sup>58</sup>

### 1.3 O CANTO DO PODER

#### a) Primeiro coro: o canto do escravo

*Amém! Seja como o Senhor quiser, patrãozinho.*

---

55 1 Coríntios, 2: 7-11.

56 Daniel, 2: 27-28.

57 RIBEIRO, op. cit., p. 72.

58 Martim BUBER, *Eu e Tu*, p. LXII - LXV et passim.

A escravatura vem desde os mais remotos tempos, principalmente entre os povos agrícolas e, na antiguidade clássica, os escravos não passavam de gado, de mercadoria. Apesar disso a Igreja sempre tolerou a escravidão como parte integrante do sistema social, se bem que, hoje, a Igreja Católica, livrando-se da cumplicidade com os poderosos, procura amenizar essa ignomínia com o sentido comunitário das diretrizes pastorais de renovação contínua, na luta pela libertação integral do homem.

Em **Maíra**, manipulados como gado e mercadoria do antigo Oriente, ou de Roma, já no Novo Testamento, Quinzim, Boca, Manelão e o velho Antão submetem-se aos xingos, mandos e desmandos de José Jaguar de Oliveira, vulgo Juca. Compadre de Elias — que é o agente do Posto da FUNAI e representante do governo federal. Juca é também cabo-eleitoral do senador Andorinha e disputa, com a morte de Anacã, o domínio na região do Iparanã. Seus subalternos são homens-coisa, débeis, mansos, gentis, sujeitos a constantes humilhações e despedidos de sua própria grandeza e dignidade. Quinzim, por exemplo, tem que prestar contas a Juca, *tintim-por-tintim*, de todos os passos dados com os *gringos* e de alguns presentes recebidos deles, a despeito do batelão, uma grande barca para transporte de carga pesada:

— Então o gringo não te deu nada? Nem um tostão ele não deu procê? Olha que eu ainda viro você pelo avesso, seu merda. Não te pago nada, não (...).

— Pois é, siô Juca, começa Quinzim, seja como o senhor quiser (...).

— (...) Seu bosta de macaco. Seu bosta merda, conta o que eu mandei contar. Conta o serviço que você fez e a paga que mamou. Disso fala agora. Agorinha e tudinho, seu filho duma égua.

— (...) Vim esperar o senhor patrãozinho, como o senhor mandou.

— Conta essa história direito, Quinzim. Fala como homem, seu cachorro (...). Não te devo nada não, seu filho d'uma égua. Se você tivesse contado o que ganhou eu descontava. Não contou. E não contou porque

ganhou mais do que te devia, seu safado. E não se engane não, eu vou descobrir essa história tintim-por-tintim. Ainda encontro esses gringos de merda por aí, você vai ver.<sup>59</sup>

Apesar da mansidão de Quinzim na travessia do deserto de suas privações, sua vara não floresceu como a de Arão<sup>60</sup> e, conseqüentemente, sua família será castigada, estará destinada a mirrar e esfaçar-se, segundo os desígnios ou sob a insígnia de Juca:

(...) Eu peço é que não me tire a sua confiança, siô Juca. Peço que me leve de volta lá pra baixo, lá pra casa. Estou aflito, deixei a mulher e os meninos com uma mão adiante e a outra atrás. Mas seja como o senhor quiser, patrão.

— Não levo você não, Quinzim. Barco meu não carrega cabra safado, mentiroso e enganador que nem você. Depois, se a sua família está ruim assim, larga ela e faz outra. Fábrica de menino é mulher e a sua é um caco Quinzim<sup>61</sup>.

Mas a vara de Juca sobre Quinzim pesa como a lança de Cristo e faz escorrer o sangue da submissão, em face da taça que alimenta a imortalidade do Poder e do Sacrifício. A vara para Quinzim é a vara do gado, o agulhão ou o ferrão no boi para que puxe a grande carga. A vara para Quinzim é a condutora da lei do mais forte, na ausência do pacto entre servo e senhor. É a vara do patrão, contrária à que, pelas argolas, transportava a arca da aliança, a arca do pacto de Deus, no Velho Testamento.

Finalmente, Quinzim é posse de Juca, desde a infância, como os filhos de escravos *nascidos na casa*<sup>62</sup> e, às vezes fujões:

Não se faça de besta querendo ganhar mundo, Quinzim. Você tem dívida comigo e eu vou buscar o que é meu até nos infernos. Você sabe: eu não tenho fama de bom, nem mereço.

— Seja como o senhor quiser, siô Juca. Toda a vida trabalhei pro

---

59 RIBEIRO, op. cit., p. 111-3.

60 *Números*, 17: 8.

61 RIBEIRO, op. cit., p. 114.

62 *Eclesiastes*, 2: 7.

senhor, desde menino. Agora o senhor duvida de mim. Seja como o senhor quiser.<sup>63</sup>

Além da escravidão *por nascimento*, temos em **Maira** a escravidão *por captura*, cujos prisioneiros foram, outrora, crianças roubadas dos índios na guerra da civilização. Boca é um deles:

Boca, exausto, pede:

— Patrãozinho: meu pitim.

— Maconha não é mato à-toa não, seu safado. Mas passados uns minutos, manda Manelão agüentar o leme para Boca preparar o pito. E a Boca manda que vá pitar na proa: — Quero sentir daqui a fumacinha.

— Você está vendo, Manelão? Estes caboclos da barraca, índios roubados meninos, não passam sem liamba . Pitam mais do que comem, os desgraçados <sup>64</sup>

Também o velho Antão está atolado em dívidas com esse pretenso chefe dos mairuns que voltou à cata da vaga deixada por Anacã. No desespero por livrar-se da opressão, sugere a Isaías-Avá que compre sua dívida de Juca:

O senhor que é brasileiro que não se vexa de falar com um caboclo que nem eu. O senhor só precisava comprar minha dívida de seu Juca. Eu serviria o senhor pro resto da vida, padre Isaías. Me salva, seu padre, me salva. Que essa seja a sua primeira boa ação na sua terra<sup>65</sup>

O escravo das peles de lontra e jaguatirica<sup>66</sup> reflete por alguns instantes sobre as mãos vazias e dúbias do jovem missionário que retorna a seu povo e, principalmente, pondera sobre a atitude da Missão com os moradores de sopé de barranco, os habitantes *marginais* dos rios, sempre em desvantagem diante dos índios e desdiz sem saída:

---

63 RIBEIRO, op. cit., p. 115-6.

64 Id., ibid., p. 38-9.

65 Id., ibid., p. 158.

66 "... nem que Dóia, sua velha, tenha que parir os bichos para você matar." Id., ibid., p. 158. A escravidão desse velho é *por dívida* motivada pelos *presentes*, recebidos à força, de Juca: espingarda 22, calças, mosquiteiro, cortes de tecido com linha e agulha; garrafas de pinga, fumo, fósforos, anzóis variados e linha de pesca. Id., ibid., p. 157.

— Seu padre, melhor não. O melhor mesmo é o senhor não dizer nada não. Seu Juca é homem brabo, o senhor é fraco. Vejo! A missão nunca tomou as dores de ninguém. As santidades deles são só pros bugres. Nós, barranqueiros, nunca vimos nada desses padres. Só distâncias. Mas o senhor sabe a lei do Iparanã: dívida é dívida, sem socorro. Eu pago ou eu morro. Pagar não posso, fugir também não posso.<sup>67</sup>

Desse modo, os trabalhadores de Juca constituem-se muito mais em propriedades do que em pessoas. Não têm controle sobre seus próprios destinos e são condenados à desintegração de sua subsistência pessoal, à vida de gado ou de coisa. Ignorados na dimensão de *Tus* falantes, reduziram a fala, perderam a palavra portadora do ser e introdutora do homem na existência. Emudeceram. De o Outro passaram a um Objeto, de Tu a um Isso objetivado e amargo. Entretanto a Igreja sempre tolerou a escravatura e tem se preocupado mais com a escravidão do pecado (espiritual, moral) que com a escravidão essencial (do ser, na totalidade de sua *ausência* como pessoa), ampliando, assim, a escravidão econômica e social de seus fiéis até os dias de hoje.

## **b) Segundo coro: O canto do patrão**

Muitos sabem que não devem subestimar a importância e a necessidade do poder. Contudo, torna-se difícil definir-lhe a natureza, a substância e os contornos. Pois o poder guarda parentesco com: influência, controle, autoridade, liderança, comando e coerção. Associa-se, também, ao aspecto da demanda e da oferta no mercado de trabalho e do afã na produção e acumulação de bens.

O índio, por outro lado, repudia essa prática avessa à reciprocidade e condena a avareza. Entre eles, quem possui mais facas do que necessita e se nega a distribuir o excedente é considerado avarento, será desprestigiado e perderá o crédito como líder da aldeia. Em algumas sociedades aquele

---

67 Id., *ibid.*, p. 158-9.

que não dá um objeto a quem o solicita poderá ser vítima de feitiçaria por parte daquele que teve seu pedido recusado.<sup>68</sup>

As atividades indígenas estão intimamente ligadas às questões de ordem social, ritual ou religiosa. Enfim, a todas as esferas da vida. Lazer, religião e trabalho se confundem, daí a falsa noção de que os índios são preguiçosos ou têm vida ociosa:

Juca desembarcou, depois de anos, no porto Mairum (...).

— Olha Manelão, não quero confiança com as mulheres dos parentes. Não. Estes mairuns são matreiros. Fazê-los trabalhar é mais difícil que caçar onça com anzol. Hei de fazer. Chegou a hora deles. São meus parentes. Precisam produzir.<sup>69</sup>

Juca mal põe os pés na praia e começa a determinar a conduta dos mairuns, todavia estes não cumprem suas ordens. Mesmo se tratando de uma sociedade igualitária, o reconhecimento de um chefe deve ser incontestável. No entanto, apesar da morte do velho tuxaua Anacã, a aldeia não o recebeu como parente e muito menos como *um chefe poderoso*, uma vez que não admitiria um líder com poder de coerção, cujo respeito fosse assegurado pelo revólver, pelo grito e pela força, conforme o intento do *avaeté*:

(...) Pelo caminho foi encontrando índios que desciam para a praia. Ele os saudava em língua mairum e mandava que voltassem para a aldeia (...).

Nenhum voltou. Mesmo as crianças davam uma volta olhando de longe para não passar perto dos três homens que subiam (...).

— Meus parentes, vocês são uns ingratos. Eu estou aqui. Voltei. Quem vai chorar por mim, conforme o costume? Agora eu sou um chefe poderoso, um *avaeté*. Vamos comemorar (...). Interrompeu para tomar fôlego e apreciar o efeito de suas palavras. Os índios continuavam sentados, só atentos no que faziam. Era como se não houvesse ninguém ali falando.<sup>70</sup>

Entre os bugres a troca, o toma-lá-dá-cá, é também uma rela-

---

68 Alcida Rita RAMOS, *Sociedades indígenas*, p. 39 et passim.

69 RIBEIRO, op. cit., p. 35.

70 Id., *ibid.*, p. 36.

ção social, uma afirmação de alianças. Negar-se a receber um presente pode trazer sérias conseqüências<sup>71</sup>, porém as prendas recém-chegadas estavam impregnadas de Juca e de sua avidez pelas peles de lontra, *a pequenina e lustrosa*. E, talvez por isso, tais presentes não deveriam ser tocados pelas mãos mairuns:

(...) Tudo é presente. Não cobro nada não. Depois volto para combinar o negócio das peles. Por cada pele vou dar um presente bom. Mas é depois.

Teró entra na casa calmamente e se dirige a Juca. Pára diante dele e diz, em bom português:

— Juca, cai fora! Larga com suas coisas, já!<sup>72</sup>

O dono do batelão, não conseguindo se impor ou determinar a conduta não subserviente dos mairuns, parte para a ameaça de punições físicas ou políticas vindas de Brasília, o centro do Poder, sob cuja influência ele, Juca, ocuparia o cargo de Agente-17 do Posto Indígena Eduardo Enéas, no lugar de Elias Pantaleão da Silva:

— Jogar fora mercadoria minha? Ninguém vai jogar fora, não. Eu mato o primeiro que puser a mão em coisa minha. E ouçam só: eu volto aqui! Vocês vão ver. E volto logo! O orgulho de vocês está na proteção do governo, não é? É aquele merda de seu Elias arrotando que chama tropa até de avião. Pois não chama, não. E vocês vão ver. Vou a Brasília e volto como agente do Posto (...).<sup>73</sup>

Entretanto, os índios do rio Iparanã não se intimidam e não se submetem ao domínio e às ameaças de Juca. Respondem com as armas de que dispõem, em igualdade de méritos e de autoridade. Dissuadem-no:

— Larga, Juca. Larga daqui !

Os arpões, mesmo sem apontar, ameaçam, dissuadem. Num instante a carga está na cabeça de Boca e de Manelão (...).

— Esses cornos me pagam. Volto para cuidar deles. Tanto homem

---

71 RAMOS, op. cit., p. 41.

72 RIBEIRO, op. cit., p. 37.

73 Id., ibid.

a-toa, espreguiçando na rede, e eu sem ninguém para caçar lontra. Filhos d'uma égua. Eu mostro a eles, com a ajuda de Deus e do senador Andorinha, eu acabo com a soberba deles. Bugres de merda. Vamos embora, Boca, filho d'uma puta. E você, Manelão, anda ligeiro também, seu palerma. Não pago empregado para folgar nas minhas costas, não. Esquento vocês com tiro de revólver na bunda, seus vagabundos.<sup>74</sup>

Para os mairuns Juca era o Tu demoníaco, aquele que responde ao Tu com um Isso, apenas na esfera de interesses e causas pessoais. Não vê os que estão em sua volta, senão como máquinas de produção e lucro. E, como num espelho, *ele próprio usa a si mesmo como um Isso*<sup>75</sup> opressor e se torna, ao mesmo tempo, auditório de seu próprio discurso — ou monólogo — já cristalizado de patrão.

É sabido que a interação no processo da interlocução se dá na simultaneidade do falante e ouvinte na tensão do contexto social, uma vez que *a palavra é território partilhado pelo emissor e pelo receptor*<sup>76</sup> e se relaciona com as condições de sua emissão e com as ações sociais em geral. No entanto o discurso do Poder privilegia o locutor, pelo enfoque do *eu* sobre o *tu*. Por conseguinte, a fala de Juca se constrói para um destinatário típico de uma esfera social e para a *incompetência* deste, enquanto revela a natureza arbitrária da troca de nomes, ou da nomeação disfêmica de índios e subordinados: *esses cornos, filhos d'uma égua, bugres de merda* (índios); *seu merda, seu bosta de macaco, seu cachorro, seu safado* (Quinzim); *filho de uma puta* (Boca), *seu palerma* (Manelão), etc. Sobretudo sua linguagem aponta para a *eficiência* de onde derivam suas ordens, desconsiderando a brutalização do homem na produção de bens. Assim, eficaz é a voz do falante, exclusivo e enunciador. Muito mais importante que o referente, o enunciado ou o objeto do discurso. Eficaz é o *discurso da seriedade*, a fala do chefe, enquanto se veste de

---

74 Id., *ibid.*, p. 38.

75 BUBER, *op. cit.*, p. 80.

76 Eni Pulcinelli ORLANDI, *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*, p. 150 et passim.

exigência e prestígio, real ou presumível, contra o trabalho (*não sério*) dos outros:

Vamos é esperar esses barranqueiros safados produzirem (...). Quero ver se aqueles vaqueiros sem gado resolvem trabalhar. Preciso falar com eles. Ainda hei de vê-los entrar em serviço de homem que é caçar bicho de pele (...). Se eu não tomo conta desse rio, ninguém vai tomar.<sup>77</sup>

Ainda segundo Orlandi<sup>78</sup>, a fala tem muitos gumes, inclusive o de função silenciadora imposta pelo opressor. Juca fala das peles e da carga de presentes, silenciando sobre o depois, sobre a vida futura e forma de pagamento dos que se subordinarem ao *serviço de homem* que ele propõe. Também o trabalhador-escravo muitas vezes se vale da eloquência do silêncio e da *retórica dos oprimidos*<sup>79</sup> como forma de resistência à marginalidade discursiva, embora geralmente seja obrigado por seu tirano a quebrar esse silêncio para dizer o que não quer:

— Conta essa história direito, Quinzim. Fala como homem, seu cachorro. Como é que foi?

— Pois foi assim mesmo, como eu já disse, siô Juca. Viajamos olhando as barrancas de um lado e do outro (...)<sup>80</sup>

Finalmente, o discurso do Poder é a voz fechada exercitando a dominação da palavra, através do modo imperativo, em que o *tu* se transforma apenas em receptor, sem o direito de interferir no processo ou sem espaço suficiente para resposta. A mensagem autoritária tem sentido único e muita transparência, pois a polissemia e a metáfora não convivem muito bem com a violência<sup>81</sup> e a opressão.

---

77 RIBEIRO, op. cit., p. 38.

78 Op. cit., p. 263.

79 Id., ibid., p. 265

80 RIBEIRO, op. cit., p. 112.

81 Adilson CITELLI, *Linguagem e persuasão*, p. 41.

## 1.4 ATO PENITENCIAL

Povinho mairum, pataxós, ianomâmis, caboclos e barranqueiros, sem-terra-não-radicais (de base, não baderneiros), Avás ambíguos, Almas *estrangeiras*, desesperançados brasileiros:

Nós das missões católica e protestante, nós brancos, cristãos e caraíbas, nós patrões e nós do Poder reconhecemos, só agora, nossas culpas para que possamos celebrar dignamente os mistérios da civilização, e nos julgamos bárbaros e indignos de nos sentarmos à mesa da Palavra e de nos aproximarmos da *Homília*. Tenham piedade de nós!

Penitenciamo-nos por nosso discurso de *boas novas*, de vida, de esperança e de libertação, incoerente com a prática e desvinculado de uma política libertatória, pois nossa fala soleniza as relações de dependência, de submissão e aculturação do nativo, como se fosse estrangeiro em sua própria terra. Tenham piedade de nós!

Satanizamos o Outro com a hermenêutica do medo, através de explicações macabras sobre o pecado, o inferno, ou o Juízo Final. Tenha piedade de nós, povinho do Iparanã! Pecamos, muitas vezes, por pensamentos, palavras, ações e omissões, quando pensamos em nós somente, em nosso lucro, em nossa *salvação* e quando dedicamos esforços em nossas pesquisas e estudos elitizados, em detrimento do diálogo intercultural com o universo mairum e com a Corrutela dos barranqueiros na entrada das terras virgens.

Tenham compaixão de nós-os-etnocidas, todos vocês, os esmagados e subjugados. Perdoem nossos pecados de opressão aos mais fracos. Perdoem nossa grande “brincadeira”.

ASSEMBLÉIA DOS OPRIMIDOS:

Seja como os senhores quiserem, patrõesinhos. Toda a vida

trabalhamos pros senhores, desde meninos (...). Seja como os senhores quiserem.<sup>82</sup>

Amém!

---

82 RIBEIRO, op. cit. , p. 116.

# 2

## RITO DA PALAVRA, A HOMILIA

*Urgia* significa ação, trabalho. Liturgia é um serviço que se faz com o corpo, com os sentidos, com a Palavra. E a liturgia (culto da igreja ou do corpo de Cristo) apresenta um conjunto de ritos, expressões ou gestos simbólicos destinados a promover a coesão do grupo celebrante. O rito

É um mecanismo de orientação que oferece um quadro fixo para uma experiência determinada. Tem muito de controle, de tabu, de algo que evita a ultrapassagem de limites, a desordem. Mas também pode ser interpretado como um leito que encaminha e aproveita energias, como programa de comportamento que fornece forma, ordem e direção.<sup>1</sup>

O rito é a repetição e a lembrança que integra a pessoa a si mesma, às suas origens, e que traz para o presente de cada fiel os arquétipos, os modelos divinos, os grandes fatos da história salvífica, como a passagem pelo Mar Vermelho, a libertação do Egito, a entrada na Terra Prometida, o cálice da Paixão de Cristo para a supratemporalidade, dentre outros gestos ou passagens bíblicas primordiais. Assim, a representação ritual imita e presentifica, ao mesmo tempo, a imersão na morte e a emersão

---

<sup>1</sup> Dionísio BOROBIO (org.), **A celebração na Igreja I: liturgia e sacramentologia fundamental**, p. 221.

para a vida de glorificação eterna, através da *boa nova* e da partilha da Palavra.

Convém observar, ainda, que o rito torna os fatos salvadores contemporâneos de todos os tempos, únicos e insubstituíveis e deve estar acima das circunstâncias espaço-temporais, isto é, deve manter-se supratemporal ou supra-historicamente.

A Palavra na liturgia conduz ao sacrifício da aliança e ao banquete da graça que redime o homem. Cristo mesmo, no caminho para Emaús com os discípulos, deu o exemplo, ao falar-lhes sobre Moisés, os profetas e

o que a Seu respeito constava em todas as Escrituras. (...) Então lhes abriu o entendimento para compreender as Escrituras e lhes disse: *Assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia...*<sup>2</sup>

Portanto a Palavra abre as mentes para captarem o sentido dos acontecimentos atuais de cada comunidade, desperta a fé, o compromisso-ação e a esperança nos seguidores de Cristo. E, desde a criação, da Palavra ou do Verbo brotou a luz: *Disse Deus: **haja luz, e houve luz.***<sup>3</sup> Houve também o dualismo persa e religioso que chega aos nossos dias, até aos mairuns do Iparanã, aos habitantes de Corrutela ou de Brasília. De um lado: alegria, ordem, santidade, liberdade, graça, pão, vida, paraíso, árvore esgalhada de Bem, Roma ou Nova Jerusalém, Ivimaraei ou a Terra sem Males. O *eu* vencedor, a ressurreição, o filho da luz na presença do Deus-Pai ou de Mairahú. Do outro lado: a tristeza, o caos, o abismo, o pecado, a escravidão, a fome, a morte, o inferno, o seal ou o hades esgalhado de Mal e corrupção; Brasília, ou a Anti-Roma, que já nasceu velha e com *macega frágil, de vidro (...), o pior de nosso mundo.*<sup>4</sup> O silêncio do *eu* vencido, do filho das trevas para o julgamento do Cordeiro que rasgará as

---

2 Lucas, 24: 27; 44 - 46.

3 Gênesis, 1: 3.

4 Darcy RIBEIRO, *Maira*, p. 131-2.

sete cartas e averiguará os outros sete apocalípticos.<sup>5</sup> Ou para o julgamento do lado de baixo do mundo, na companhia dos cachorros negros que guardam a morada de Maíra-Monan, o Deus-Defunto;<sup>6</sup> para o retorno ao vazio, ao sem forma, à decomposição e regressão no caminho da individualidade pela perda do *eu*.

Também, no passado, estabelecia-se uma diferença entre o cristianismo católico, o do Sacramento e cristianismo protestante, o da Palavra. Hoje essa contraposição se dilui e a Igreja Católica afirma que *Nenhum sacramento pode ser concebido como meio eficaz de graça sem a Palavra, que anuncia de modo pessoal a salvação.*<sup>7</sup>

Mas ainda perdura a diferença sobre a eficácia dos sacramentos: na doutrina protestante a salvação é de graça e chega ao homem pela fé, *Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não das obras, para que ninguém se glorie.*<sup>8</sup> Na doutrina católica, os sacramentos são eficazes por si mesmos (*ex opere operato*), na sua administração; a presença do Cristo não depende do homem e não é fruto de seu esforço nem de sua fé, mas um dom gratuito.<sup>9</sup> O ato de fé é o livre assentimento da inteligência do cristão nas verdades reveladas por Deus, na substância ou fundamento das coisas que se esperam e um argumento ou prova das que não aparecem: *Ora, a fé é a certeza de cousas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem.*<sup>10</sup>

De qualquer forma, como no tempo dos discípulos, a Igreja de hoje só cresce e se constrói sob a luz da verdade e da boa Palavra, uma vez que os cristãos se convertem em mensageiros de Deus, depois de receberem essa Palavra, e a anunciam para o mundo ou a testemunham com suas vidas, conforme o dom de cada um. Porque o Verbo é

---

5 Id., *ibid.*, p. 340-1.

6 Id., *ibid.*, p. 202 e p. 132.

7 Domenico SARTORE & Achile M. TRIACCA, *Dicionário de liturgia*, p. 323.

8 *Eféssios*, 2: 8-9. Ver também *Hebreus*, 4: 2; *Thiago*, 5: 15 e *Romanos*, 10: 9-11.

9 SARTORE & TRIACCA, *loc. cit.*

10 *Hebreus*, 11: 1.

a luz, a semente divina que penetra na orelha da terra e se enrola como embrião no útero da sabedoria para fecundar a manifestação do ser e transmitir a mensagem de boa nova e concluir a missão do Criador.

Mas como essa Palavra se cumpre e atua hoje? Libertando, salvando? Com qual dinâmica? Em Jerusalém — depois da escolha de Matias para substituir Judas — os discípulos deixaram perplexa a multidão, *porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua (materna)*.<sup>11</sup> E os convertidos perseveravam na dinâmica da doutrina e da comunhão, no partir do pão e nas orações. Muitos prodígios e sinais foram feitos por intermédio desses apóstolos.<sup>12</sup> Especificamente, em que língua os mairuns ouviram o querigma<sup>13</sup> de salvação? Que sinais e que prodígios os missionários cristãos da Missão de Nossa Senhora do Ó realizaram nas praias do Iparaná? Ou os da Casa dos Espelhos — do pastor Roberto Toddy — na vila de Corrutela ou entre os gentios?

A homilia guarda estreita relação com as leituras e é a comunhão com o Verbo que se fez carne na periferia do mundo, junto a todos os marginalizados, incluindo-se os povos indígenas, *nos quais não só encontramos 'as sementes do Verbo', mas sim o próprio Verbo...*<sup>14</sup> E pela Palavra o Deus cristão ou os deuses pagãos, como Maíra e os outros, continuam convocando seu povo e dele esperam a resposta, uma nova qualidade de presença, com identidade e voz próprias. Prodígios e sinais esses que vão da Palavra, do querigma bíblico, do *ethos* tribal ao compromisso com a vida, com o testemunho diante do mundo, dividindo bens e produtos entre todos, segundo a

---

11 *Atos*, 2: 6-8.

12 *Idem*: 42-43.

13 O núcleo do querigma cristão ou bíblico gira em torno do anúncio da boa nova (antes) e da pregação do evangelho (depois). É a notícia gozosa da ação salvífica e libertadora; ou a proclamação do vencedor pelo arauto, a recompensa proclamada pelo arauto. Ver *Daniel*, 3: 4, quanto ao último sentido.

14 Arlindo G. de O. LEITE, *A mudança na linha de ação missionária indigenista*, p. 32.

necessidade de cada um.<sup>15</sup> É a missão realizada e cumprida em que a presença missionária não ostenta Poder (terrenos, edifícios, tecnologia ou maquinaria sofisticada, riqueza) face da miserabilidade dos fiéis.

Infelizmente, no rio Iparanã, o *ethos* tribal foi devorado (ceado, *eucaristiado*, sacrificado) pelos civilizados. E a ostentação passa pela Casa dos Espelhos, da Missão Evangélica, a *casa bizarríssima*<sup>16</sup> dos pastores norte-americanos Bob e Gertrudes, a casa-fortaleza *à prova de flechas, inclusive de flechas incendiárias*.<sup>17</sup> Passa também pelos mapas antigos no arquivo do Estado apontando terras para a Missão de Nossa Senhora do Ó, do Padre Ludgero, e passa pelo convívio da cristandade com o poder dominante do senador Andorinha, políticos e empresários, seus hóspedes, enquanto espera desse mesmo senador a demarcação e posse de novas terras para a nova casa da Missão. Embora o conforto e o aparato cristão da velha Casa contraste com a miserabilidade do rancho próximo:

Temos recebido muitas visitas ultimamente: o senador vem sempre, com ele muitos políticos e empresários que temos de hospedar na Missão. Não se poderia dar um jeito nesse rancho horrível das velhas, ali na praia? Não se podia mandá-las de volta para a aldeia?<sup>18</sup>

O sentido desses acontecimentos está no plano de Deus? Cumpre, pois, à homilia questionar essa realidade e fazer a ligação entre a **Bíblia**, a vida e a celebração a partir dos fatos. Antes, porém, deve-se processar a escolha ou a seleção dos textos e aqui será dada a preferência aos das missas dos domingos e festas: Normalmente a primeira leitura é do Antigo Testamento. Logo após vem o Salmo Responsável, que é uma espécie de eco ou resposta à mensagem proclamada.<sup>19</sup> A segunda leitura em geral é tirada das Cartas ou Epístolas do Novo

---

15 **Atos**, 2: 44-45.

16 RIBEIRO, op. cit., 324.

17 Id., *ibid.*, p. 244-5.

18 Id., *ibid.*, p. 401.

19 Pe. Luiz CECHINATO, **A missa parte por parte**, p. 54.

Testamento, mas pode ser dos Atos ou do Apocalipse. É também chamada de Leitura do Apóstolo, *porque, seja das Cartas ou dos Atos ou do Apocalipse, é sempre escrita por Apóstolo*.<sup>20</sup> Por último vem a leitura do Evangelho, ou mensagem salvadora, extraída de um dos quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas ou João.

A melhor seleção ou escolha de textos é aquela que permite uma relação harmônica dos ensinamentos e fatos expostos no Antigo com os do Novo Testamento.<sup>21</sup> Porque a **Bíblia** é um grande relato, mas um texto aberto para a leitura criativa e libertadora, com um sentido de totalidade e um querigma central: a libertação dos oprimidos.

A segunda parte do romance **Maíra** intitula-se *Homilia*. Na missa ela faz parte da Liturgia da Palavra ou do Rito da Palavra e consiste na pregação a partir do texto sagrado, ou na conversa do sacerdote, presidente ou diácono que atualiza a mensagem de esperança e aponta para a ação do Espírito na vida dos fiéis e na comunidade e para as maravilhas realizadas por Deus na história da salvação ou mistério de Cristo. Em **Maíra**, a homilia explica o mundo mairum, a gênese sob o ponto de vista desses índios, a volta de Isaías ao Iparanã, depois de anos fechado nos seminários católicos de Goiás Velha e de Roma e sua conseqüente dúvida e perda de identidade: serrado ao meio, como afirma a tradição a respeito do profeta bíblico homônimo, durante o reinado de Manassés. Metade civilizado, metade índio: Isaías-Avá. A seguir, o Rito da Palavra propriamente dito, acompanhado de explicações apocalípticas e de des-creio.

## 2.1 PRIMEIRA LEITURA E SALMO

### a) Gênesis: “*Mairahú*” (Maíra, p. 133-5)

---

20 Id., *ibid.*, p. 56.

21 Sobre a “distribuição geral das leituras na missa”, segundo o **Ordo Lectionum Missae**, encontra-se abundante material em **A palavra de Deus na missa** (Edições Paulinas), 1985.

O Sem-Nome fez as terras altas e baixas e sustentou-as com escoras, abriu rios e lagos e neles colocou peixes de pescar e peixes meio homens: da cintura para cima peixes, da cintura para baixo gente. Mairahú criou todos os bichos escondidos na mata. Esse mundo não era bom, mas o Velho dava risadas, brincando com suas criações e mandando um aguaceiro que inundava tudo e enchia de medo aquele povinho:

*Ñanderuwucu ou petei, pytu avytepy añou ojicuaã.*

Antes, só os morcegos eternos voejavam na escuridão sem começo. Veio, então, Nosso criador, o Sem-Nome, que descobriu, sozinho, a si mesmo e esperou. Chegada a hora, Ele juntou as mãos em concha soprou dentro o seu alento, abriu os olhos e lançou do olhar uma luzinha. Na penumbra daquele ventinho morno. Ele foi inventando suas criações. (...)

Foi também Mairahú quem criou os bichos todos. Desenhava cada bicho na areia e redesenhava com cuidado, até gostar. Aí soprava seu alento sobre o desenho e o bicho levantava espantado. Ele ia enxotando, mandando embora: Xô! Xô! . (...)

Não era muito bom aquele mundo do Velho. Não havia dia nem noite, somente penumbra. E tinha pouca comida. Não havia homem, nem mulher; todos eram iguais. O pior é que o Velho gostava de fazer brincadeiras duras com suas criações. Só queria divertir-se, mas aquele povinho sofria muito. Um dia mandava um aguaceiro que inundava tudo e as gentes, os bichos, e os Curupiras tinham de lutar para não virarem rãs. Outras vezes fazia chover fogo, as árvores e as macegas queimavam; as gentes, os bichos, e os Curupiras sofriam demais. Só para os Juruparis que viviam dentro d'água era sempre bom. Fosse o dilúvio de águas ou fosse cataclismo de fogo, eles estavam sempre bem, olhando lá do meio das suas lagoas e rindo muito do sofrimento daquele povinho. O Velho, esse então, chegava a perder o fôlego nas gargalhadas que dava. O barulhão das risadas dele era o de trovoadas com raios e coriscos. Enchia de medo o coração daquele povinho.

*Mairahú*, como no primeiro período do **Gênesis** (do cap. 1 ao 11), narra eventos que abrangem da criação ao dilúvio, à divisão das línguas: ... *Todas as criaturas viviam em aldeias e falavam suas línguas como gente.*<sup>22</sup>

---

22 RIBEIRO, op. cit., p. 134.

*Mairabú* é o capítulo do começo mairum, a introdução ao drama da desolação, da desesperança; o prenúncio do desastre existencial indígena, diante do mundo civilizado. Conduz ao *ritual celebratório da morte dos mairuns* [... e que] *não restabelece a aliança entre Criador e criatura...*<sup>23</sup>

E para entender-se a revelação apocalíptica, o epílogo no outro extremo, deve-se partir do prólogo, de **Gênesis**, do começo de tudo. Porque **Gênesis** é a *sementeira* de toda a Bíblia e *Mairabú* é o *germe* para o conhecimento da cultura dos clãs mairuns e de seu corpo mítico, bem como para a compreensão do riso daqueles que *riem com gozo*, em cascata, fazendo a aldeia retumbar.<sup>24</sup> Há muito de infantil na maioria dos sentimentos alegres e muito de estado edênico, anterior ao pecado, no riso mairum. Pois o riso assim, natural, *evidencia saúde física e mental, individual e coletiva*.<sup>25</sup> Mas também há muito do prazer de criança no Velho que brinca com suas criaturas, como se fossem bonecos ou ratinhos, deixando-as ir-se e retendo-as *por uma mola (...) que se contrai e distende*.<sup>26</sup> Mairahú dá de súbito com o vazio, com um mundo não muito bom, e sua esperança de Criador desemboca no nada. Suas gargalhadas de perder o fôlego, o barulhão de suas risadas advinham do *desvio* de suas criações e dos acontecimentos dele decorrentes e resultavam em castigo, em sofrimento e humilhação àquele povinho cuja situação deveria ser corrigida pela água e pelo fogo. Pelo aguaceiro, decidido por uma consciência superior e soberana, o Sem-Nome deveria purificar e regenerar as aldeias, as gentes, os bichos todos. Pelo cataclismo de fogo, pelos raios ou coriscos e pelos relâmpagos associados à água, Mairahú provocaria a destruição das forças do Mal e a renovação das matas, dos campos e

---

23 Florentina da SILVA SOUZA, **Maira: narrativa da esperança perdida** (Dissertação de mestrado, datilografada, UFPb), p. 28.

24 RIBEIRO, op. cit., p. 48 et passim.

25 Eduardo D. B. de MENEZES, O riso, o cômico e o lúdico. **Revista de Cultura Vozes**, p. 8.

26 Henri BERGSON, **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**, p. 42.

das macegas. Porque o fogo e a água estão ligados ao castigo e à recuperação das gentes que se rebelaram contra seu Criador:

Mairahú, o Velho, olhava de longe aquela confusão com desgosto (...)

— Ei, meu arrote, ouça lá, volte atrás nessas novidades (...)

Maíra se encolheu debaixo do peso da voz do Velho.

Depois, passado o medo, pensou que talvez ele estivesse antiquado. Não sabia mais o que era bom para sua própria criação. Micura concordou e acrescentou:

— É inveja d’Ele, tudo agora está até melhor. Pra falar a verdade, esse mundo nem é mais d’Ele.<sup>27</sup>

O Velho fez brincadeiras duras com suas criações, mandou um aguaceiro medonho e cobriu aquele povinho com o cataclismo de fogo. Mas a perversidade, a rebeldia, o egoísmo, a opressão continuam desfigurando a aldeia e o mundo.

**ASSEMBLÉIA: *Agora vamos rir, irmãos. Rir é bom. Micura começou a rir com Maíra, o riso pegou e todos caíram na risada.***<sup>28</sup> **Vamos dessacralizar o mito. Vamos carnavalizar Deus.**

### **b) Salmo do “Messias sofredor”**

**Salmo 22(21) : 1-21; Maíra, p. 105-6**

*Refrão:*

**Saí menino, volto homem feito.**

**Este é meu *Retorno* à aldeia redonda,**

**Rominha minha ...**

**Com que olhos eles me olharão?**

**Sou o outro em busca de um**

**Só Deus onipotente me pode socorrer**

---

<sup>27</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 169-70.

<sup>28</sup> Id., ibid., p. 154.

**(nos caminhos que me desfizeram).  
Estou cheio de desgosto  
com o gosto de minha boca.**

Salmo: *Retorno*

Ó Deus de Roma que não me iluminou  
Ó Deus do Céu que não me viu  
Meu Deus, que invoquei em vão  
Meu Deus, que recusou a dádiva de mim  
Ó Deus, Senhor, todo poderoso  
Me dê meu ser perdido no que seria  
Me dê a dignidade de uma cara mairum  
Me dê a tranqüilidade de uma alma mairum.

.....

Como saí muito menino, mas fornido de ossos e coberto de carnes firmes, eles buscarão em mim a estatura que houvera tido se não fossem tantas pestes e asmas desses ásperos invernos romanos. Se não estivesse aí a minha memória para dizer-me que eu sou eu; senão estivesse aí tanta lembrança me vinculando ao que fui, eu mesmo não me reconheceria no homem esquelético, vergado, que volta para casa. Excetuando a memória que nos ata aos dois, que temos nós de comum? Meus idos podiam ser de outro. Eu realizo a mais improvável das minhas possibilidades. Nada tenho com o menino de então, ou quase nada. Com o homem que eu seria menos ainda. Sou apenas o desejo ardente de vir a ser um pouco do que poderia ter sido, se não fossem tantos desencontros.<sup>29</sup>

Os **Salmos**, também chamados de *Hinário do Segundo Templo*, constituem-se de poemas para serem cantados. E o saltério do Antigo Testamento era uma coleção de poemas hebraicos, muito usada desde o *Êxodo*, e que persistiu até dentro da era cristã. Especificamente, o *Salmo 22 (21)*, que acompanha o sacrifício da *Corça da*

---

<sup>29</sup> Id., *ibid.*, p. 105-6. Acrescente-se, aqui, que o Salmo do *Messias sofredor* de edição Católica tem o número 21.

*alvorada* ou da manhã, poderia servir de fundo musical para qualquer outro holocausto.

As palavras de Isaías-Avá *Ó Deus... Ó Deus... Meu Deus... Meu Deus...* exprimem desespero, despreparo para o ingresso no sagrado caraíba e seu equívoco ao cumprir *a sina que lhe impuseram os pajés-sacacas da Missão*.<sup>30</sup> O Isaías bíblico pregava contra os que perturbavam a observância da tradição judaica e contra o contágio de costumes e religião dos estrangeiros. Como poderia Isaías-Avá pronunciar um discurso estranho à sua essência e à de sua aldeia?

Não sou, nunca fui nem serei jamais Isaías. A única palavra de Deus que sairá de mim, queimando a minha boca é que sou Avá, o tuxauarã, e que só me devo a minha gente Jaguar da minha nação Mairum.<sup>31</sup>

Mas sem um serafim que lhe queimasse os lábios para a Palavra, está cheio de aflição e dúvida: ... *quem é o ser que levo a meu povo?*<sup>32</sup>

O *Salmo 22 (21)* é um salmo messiânico que prenuncia os sofrimentos de Cristo na cruz. O salmista Davi fala em nome do Messias ou *escolhido* sobre o Seu sofrimento, na primeira parte (*Sofrimento*: 1-21). O próprio Jesus repetiu, na cruz, o primeiro versículo:

*Deus meu, Deus meu,  
por que me desamparaste?*<sup>33</sup>

O Isaías bíblico profetizou o filho ungido de Yahweh ou Javé (nome sagrado de Deus; *Aquele que é*), denunciou o Rei-Sacerdote que deveria submeter-se a sofrimentos espantosos para salvar igualmente judeus e gentios. O povo de Israel achava-se disperso, indigno e pecador, porém o profeta garante sua libertação e que a Palavra não voltará vazia, isto é, sem cumprir sua missão salvadora. Isaías-Avá, do

---

30 RIBEIRO, op. cit., p. 262.

31 Id., ibid., p. 34.

32 Id., ibid., p. 67.

33 Mateus, 27: 46.

romance **Maíra**, teria dupla missão: para os mairuns Avá deveria ser o tuxaua, o chefe de guerra da família dos Onças que substituiria Anacã e que daria a semente para o futuro aroe ou chefe religioso. Para a Missão Católica Avá deveria ser Isaías, o profeta ou sacerdote caraíba, anunciador da boa nova de salvação e das verdades cristãs entre os gentios e índios do Iparaná.

Entretanto, diferentemente do profeta bíblico, Isaías-Avá volta à aldeia de boca vazia, cheio de dúvidas e com a marca que a civilização lhe imprimiu no rosto, sobre os dois círculos perfeitos do olhar de Maíra-Coraci, o Sol; sobre a marca da iniciação mairum, na cerimônia do Nandeiara: a marca solar, o coraci-mã, dos que riem com gozo, comem beiju e gostam de pacu.<sup>34</sup> A marca que seria indelével, não fosse o estigma do mundo cristão nela supertatuado.

Isaías-Avá, *ao voltar à aldeia, sequer se conhece, porque não é nem civilizado, nem mairum. É um ser sem identidade...*<sup>35</sup>

Conseqüentemente, é o *enviado* que regressa de boca amarga, esquálido, contraditório, cheio de dúvida e de ambigüidade existencial. Volta e patenteia a dupla desesperança. Para a mairunidade traz a frustração: Não pode ser tuxaua, atar o nó da vergonha nos membros dos homens; não encontra mulher-carcará, da banda oposta, à sua espera, a fim de que ele, Avá, possa plantar-lhe no ventre a semente de aroe. Para a Missão Católica evidencia a catástrofe missionária: faz emergir a pedra de escândalo e o quírie, e prenuncia o réquiem pelos padres Vecchio e Aquino.

O *enviado*, o novo Servo sofredor trabalhou no vácuo, entre sombras expiatórias, e foi oprimido, humilhado, desprezado e moído pelas iniquidades caraibas.<sup>36</sup> Nesse *Retorno*, resta-lhe apenas a busca

---

34 RIBEIRO, op. cit., p. 47-8.

35 José FERNANDES, *O existencialismo na ficção brasileira*, p. 89.

36 Isaías, 53.

do *eu* perdido, o vazio, o nada. Sobra-lhe apenas o *desejo ardente de vir a ser*.

## 2.2 SEGUNDA LEITURA: APOCALIPSE (Maíra, p. 194; 340-1)

Xisto fala sobre as revelações do há-de-vir a João de Deus, o apóstolo-profeta, no final do livro sagrado; mostra aos fiéis o Cordeiro degolado, o Cordeiro de Deus no intricado simbolismo dos números apocalípticos, especialmente o *sete*, indicando que o ciclo está completo, que a *revelação* de Cristo atingiria sua plenitude. Aponta os quatro cavaleiros no conflito entre o mundo presente ou do Mal e o mundo futuro, o outro mundo, do Bem, para o qual só subirão os missionários martirizados pelos índios no Brasil. O Pai intervirá na terra de forma catastrófica, incluindo-se praga de gafanhotos. Termina com o anúncio do milênio e queda de Satanás. Preconiza a inauguração da Nova Jerusalém e do jardim de Deus, sem espinho.

— Vejam aqui, está escrito: dia chegará em que o sol escurecerá. A lua não dará sua claridade. As estrelas cairão do firmamento e o céu despenará em pedaços. Então, há de vir, há de vir o Filho do Homem, o Esperado. Virá montado no cavalo de nuvens, com todo o seu poder e glória. Resplandecente. É o filho do Homem, o Rei dos Reis, o Neto de Deus. Há de vir quando desencantar. Pode a glória de Deus nos Salvar?<sup>37</sup>

---

### Armagedon

— Disto falarei, só peço a Deus que fale por minha boca. Muito temo o há-de-vir com suas histórias do que será, com suas recordações adiantadas do que ainda não houve, mas sucederá. O há-de-vir está no fim do livro dos escritos sagrados, encerrando, rematando as revelações. É a palavra de João de Deus, o apóstolo-profeta, condenado ao desterro, falando lá do meio de sua lima do exílio. João começa por dizer que ele é a voz,

---

37 RIBEIRO, op. cit., p. 194.

o que ele diz é a palavra de Deus. Conta que, estando em sua casa a descansar, Nosso Senhor chamou por ele, detrás da porta, para as derradeiras revelações. Disse que qualquer dia voltará. Agorinha mesmo pode ser, logo, logo.

— Deus-Pai retornará para nos julgar. Virá com raios e trovoadas, apavorante. Aparecerá no seu trono rodeado pelos quatro principais bichos videntes e orantes, que são os capangas de Deus. Mas os bichos televidentes hão de recuar, diante do cordeiro degolado, que virá carregando sua própria cabeça com sete chifres — e em cada um deles, sete olhos, e em cada olho, um nome de blasfêmia —, uivando, reboando, tenebroso. O cordeiro de Deus virá para rasgar as sete cartas, romper os sete selos, soprar as sete cornetas, montar os sete cavalos, soltar os sete anjos de fogo, queimar as sete igrejas infiéis e elevar à glória os sete espíritos puros que encontrará. No começo, disse João de Deus, só se verá o urubu-rei voando com suas grandes asas, no alto do céu, e só se ouvirá o seu primeiro pio. Então o céu se abrirá, dando passo ao anjo do cavalo branco, que virá brandindo um arco sem flecha. Com a mão na testa, em pala, aquele anjo-índio navarro olhará. Se não houver cobói nenhum à vista, ele dará o sinal para descer o segundo índio, montado num cavalo vermelho, armado com uma espada de guerra. Atrás dele descerão, a galope, o índio do cavalo negro, com sua balança da justiça e o cavalo baio amarelo, que virá cavalgado pela Morte e pela Fada, uma olhando para a frente, a outra para trás. Aqui embaixo começará a matança dos justos e dos pecadores, e a briga da Morte querendo os cadáveres e da Fada querendo arrebanhar as almas para o geena! O povo clamará por justiça, mas só verá subir aos céus, com suas vestes brancas, os missionários martirizados pelos índios nas selvas lá do Brasil brasileiro. Só eles se salvarão do pânico mortal, que descerá sobre o mundo antes que ele seja amortalhado com o manto-sudário do grande silêncio.<sup>38</sup>

O **Apocalipse** é uma *revelação* que se apóia no mistério ou em realidades misteriosas e, ao mesmo tempo, uma profecia que premoniza a restauração e a unidade final em torno do Cristo, o Cordeiro e autor da nossa redenção.<sup>39</sup> É uma literatura escatológica, porquanto aborda a questão dos últimos tempos, das últimas coisas que haverão de suceder no final do presente ciclo histórico. Fala dos acontecimentos futuros marcados por fenômenos espantosos, sob a inexorável lei

---

38 Id., *ibid.*, p. 340-1.

39 **Efésios**, 1: 9-10, 13

da colheita, como abertura para uma Nova Era. Entretanto esse futuro tem um propósito presente: os fiéis precisam de força espiritual a fim de passar pelas aflições, desapontamentos e pressões desta época ímpia em que vivemos, sabendo que os adversários de Deus não escaparão do Juízo por causa do que praticaram.

João, o vidente, traduz em símbolos as derradeiras revelações recebidas de Deus *pois o tempo está próximo*<sup>40</sup> e qualquer dia Nosso Senhor voltará para julgar os homens. Em símbolos porque o meio de transmitir a verdade, dentro do misticismo, é o símbolo, sem importar que por detrás dele tenha ou não algum acontecimento físico e literal. Assim, os cavaleiros, gafanhotos, escorpiões e outras imagens simbolizam os terríveis julgamentos e as condições agonizantes que precederão a *parousia* ou segundo advento de Cristo. *A tentativa de emprestar um caráter literal a esses símbolos redundará em fracasso, além de impedir o entendimento da própria natureza mística dessas visões.*<sup>41</sup>

O intrincado simbolismo dos números, no livro de **Apocalipse**, tem muito das tradições místicas judaicas e de rabinos cabalistas. Os anjos que aparecem como governantes de nações, em esferas celestiais e terrenas, ou que governam os ventos, as estrelas e as manifestações celestes foram tirados da astrologia da época e adaptados. Também as palavras de João de Deus, o apóstolo-profeta, em **Maíra**, servem como um bom veículo de comunicação na boca de Cristo, que as traz para uma situação local e contemporânea, a fim de superar as crises presentes e levar os fiéis a terem esperança e fé.

Os quatro capangas de Deus sugerem a universalidade, as quatro extremidades da terra<sup>42</sup>, o conjunto dos vivos nos quatro pontos cardeais e que recuam diante do Cordeiro degolado, o qual trará, em cada um dos sete chifres, sete olhos carregados de blasfêmia e insulto.

---

40 Apocalipse, 1: 3.

41 Russel Norman CHAMPLIN & João Marques BENTES, **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, vol. 1, p. 212.

42 Apocalipse, 7: 1.

tos contra Ele proferidos por Seus representantes e infiéis. Então o há-de-*vir* rasgará as sete cartas escritas às sete simbólicas igrejas<sup>43</sup>, ou aos sete caminhos religiosos que estão na Ásia, pois todas as religiões, como a luz, nasceram no Oriente. Entretanto o Mal é aceito como se fosse o Bem<sup>44</sup> e os que se declaravam apóstolos foram mentirosos e amaram mais as trevas da simbólica dominante, da evangelização colonizadora e mercantilista. Os mairuns foram subjugados pela civilização cristã e não libertados pela vítima sacrificial da Renovação, Jesus Cristo. Por isso Ele virá para *queimar as sete igrejas infiéis e elevar à glória os sete espíritos puros* que encontrar.

Há muitas interpretações para a palavra *cordeiro*: vítima propiciatória, símbolo de sacrifício a Deus, oferecido no Templo ou abatido nos lares judaicos e cujo sangue, aspergido nos umbrais das portas, salvaria a casa do israelita da espada vingadora do anjo do Senhor e das forças do Mal. O Cordeiro de Deus, vítima inocente, símbolo de mansidão e obediência, vem da provisão do carneiro para Abraão, em lugar de seu filho único, na hora do holocausto<sup>45</sup>, passa pelo cordeiro pascal comemorativo do **Êxodo**, da libertação do Egito, passa também por **Isaías 53**, o *Servo Sofredor*, e chega ao **Apocalipse**, onde a palavra Cordeiro é empregada vinte e oito vezes para designar Cristo — agora o Cordeiro que manifesta sua cólera, que guerreia contra Satanás e engloba o alfabeto grego do livro: é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, as palavras iniciais e as derradeiras. Todo-poderoso, divino, Juiz.

O *Cordeiro de Deus*<sup>46</sup> — são palavras que o celebrante repete na Missa ou no culto celebrativo da Ceia do Senhor, antes da comunhão, enquanto segura a Hóstia<sup>47</sup> para a festa com Deus ao redor da

---

43 Idem, 1: 11 (Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia). As igrejas deveriam ser agentes de Deus na redenção (e não um clube religioso). Mas não são esses agentes: serão queimadas e terão suas cartas rasgadas.

44 **Isaías**, 5: 20.

45 **Gênesis**, 22: 7-13.

46 **João**, 1: 29-36.

vítima, Cristo, que se mostra disponível para a participação dos fiéis em torno de um só corpo — do centro, do Princípio que é o Verbo.

No *Apocalipse* de **Maíra**, o Cordeiro retornará degolado, conduzindo Sua própria cabeça como se fosse a do guerreiro adversário de quem incorporaria as forças. Ou melhor, como se Ele fosse a estátua de São Denis, o primeiro bispo mártir de Paris, em Notre-Dame, pois o carrasco da evangelização colonizadora não tirou a vida de sua vítima. Cristo continua a agir espiritualmente contra o poder da cultura cristalizada da Igreja sobre o imaginário religioso indígena e sobre a alteridade dos povos periféricos. Assim, o urubu-rei dará o primeiro pio anunciando o início das calamidades. *Então o céu se abrirá, dando passo ao anjo-índio do cavalo branco, que virá brandindo um arco sem flecha.* Esse índio navarro (espanhol) sem flecha, isto é, sem o poder divino, está desprovido da Palavra que se difundiria no mundo a partir do jazigo da Ressurreição, da brancura e de aurora do Leste até os pontos extremos da terra, até o final dos tempos. A seguir, será dado o sinal para a descida do segundo índio que montará um cavalo vermelho, cor de sangue, e trará uma espada de guerra para tirar a paz da terra, a fim de que os homens se matem entre si<sup>48</sup> na defesa da luz contra as trevas. Esse vermelho é a cor das bandeiras e das insígnias do Sul no combate do meio-dia. Em terceiro lugar virá o índio do cavalo negro com a balança da justiça para a pesagem e Julgamento das almas e da ordem do conhecimento. A balança anulará o dualismo, o desequilíbrio entre a culpa e o castigo, promoverá o retorno à unidade, colocará os atos na posição para além dos conflitos, rumo ao diálogo afetivo de igual para igual entre *eu e tu*. O preto é a negação da luz e das cores, a época da grande decadência. O negro é a noite abissal, o Norte da opressão e do luto trazendo a

---

47 *Pão do céu, pão espiritual, pão de Deus, pão da vida* (em fragmentos) são termos usados pelos evangélicos ou protestantes para designar ou simbolizar o corpo partido de Cristo, na Ceia.

48 *Apocalipse*, 6: 4.

balança para medir o superlucro<sup>49</sup> no período da fome essencial e da escassez de Deus. O quarto cavalo, baio-amarelo, descera *cavalgado pela Morte e pela Fada, uma olhando para a frente, a outra olhando para trás*, conduzindo as pragas principais — peste, fome, guerra — que estão na iminência de assolar o grande cerco do Iparaná pela decadência de Isaías, o profeta que deveria ser *da banda do nascente*<sup>50</sup> e que agora se prepara para ver apenas o Oeste, o pôr do sol, o crepúsculo Mairum, do povo de Maíra. Isaías veio *para presenciar alguma coisa espantosa que há de suceder*.<sup>51</sup> A Fada, mensageira do Outro-Mundo, que, remontada ao passado das divindades infernais da mitologia grega, como as *Queres*, apoderar-se-á das almas dos moribundos no campo de batalha desse Armagedon e levá-las-á à geena, ao inferno. Ou como a Amazona, mulher guerreira, cruel matadora de homens e que se une somente aos estrangeiros, no caso aos *missionários martirizados pelos índios nas selvas do Brasil*, e os fará subir aos céus, *com suas vestes brancas*, enquanto o povo clamará por justiça. Será dada ao cavalo amarelo e à Morte que o calvagará a autoridade sobre a quarta parte da terra, inclusive para destruí-la até com *mortandade e por meio das feras da terra*.<sup>52</sup> As quatro forças cardeais desses quatro cavalos agirão de forma paralela, simultânea e atual, para mostrar a universalidade da ação do Cordeiro degolado, no espaço e no tempo. Mas, ironicamente, só os missionários se salvarão, antes que o mundo seja coberto *com o manto-sudário do grande silêncio* sacrificial em defesa da identidade cultural indígena.

No **Apocalipse**, soam as trombetas antes de cada desastre ou acontecimento importante. Em **Maíra**, as cornetas de cobre dos an-

---

49 Em **Apocalipse** 6: 6 *Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário* indicam preços exorbitantes em período de fome, pois um denário equivaleria a um dia de trabalho. Ver **Mateus**, 20: 2.

50 RIBEIRO, op. cit., p. 108.

51 Id., ibid., p. 335.

52 **Apocalipse**, 6: 8.

jos-sargentos quebrarão esse silêncio profundo e terríveis julgamentos cairão sobre a terra. O primeiro sargento queimará com napalm as matas e os pastos; o segundo lançará a lua no mar que ferverá, convertido em sangue; o terceiro soltará a bomba-do-fim-do-mundo, que apagará o sol e as estrelas.<sup>53</sup> Os três anjos-sargentos fazem parte do exército do Altíssimo e virão purificar o mundo com o fogo e o calor de suas armas incineradoras. O triunfo do Cordeiro será acompanhado pelo desaparecimento do mar no mundo por vir, *pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar não mais existe*.<sup>54</sup> Também as estrelas não mais anunciarão a vontade de Deus, nem a chegada de Seu Filho. Dessa desgraça só escapará o urubu-rei, voando em círculos sobre a mortandade, para piar três vezes mais. Seus três pios garantem o sucesso dos anjos-sargentos, a realização integral do combate e a vitória do Poderoso. A ave de rapina é mensageira do Onipotente desde **Gênesis**, quando Noé soltou um corvo da arca para verificar o nível das águas, depois do dilúvio universal, e chega até o **Apocalipse** (8: 13), quando uma águia anuncia os três *ais* para os que ainda moram na terra, antes que o poço do abismo seja aberto e suba a fumaceira, escurecendo céu e ar, derrubando estrelas.<sup>55</sup>

De dentro da nuvem de fumaça sairá a praga de gafanhotos sugadores de suco de gente. *Mas não pensem que isto seja o fecho do fim*.<sup>56</sup> É apenas o primeiro pio, o primeiro ai. Essa praga de gafanhotos é a imagem da multiplicação devastadora do suplício moral e espiritual, da desordem cósmica no reino do Iparaná, provocada pela invasão dos civilizados ou do mundo dos caraíbas.<sup>57</sup> No **Apocalipse** bíblico, depois que a besta for aprisionada com o falso profeta e ambos lançados vivos no lago de fogo e enxofre é que ocorrerá o reino

---

53 RIBEIRO, op. cit., p. 341.

54 **Apocalipse**, 21: 1.

55 Idem, 9: 1-2.

56 RIBEIRO, loc. cit.

57 **Caraíba**: nome que os índios davam aos europeus e aos brancos. Coisa sobrenatural, como os *gafanhotos-robôs*.

milénar, tendo Jerusalém como capital da terra. Nesse período, Satanás será *amarrado* por Cristo e lacrado no abismo por mil anos, enquanto a humanidade passará a ter uma existência paradisíaca, um verdadeiro jardim do Éden, sem as forças do Mal. Após o milênio, o Dragão será solto e derrotado, juntamente com seus seguidores, e atirado no lago para o tormento eterno, onde já se encontram a besta da terra e do mar (o Anticristo) com o falso profeta. Só então virá o Juízo Final, o Julgamento do Grande Trono Branco para a condenação definitiva dos ímpios ressurretos e devolução do reino restaurado a Deus por Cristo, o Cordeiro. Assim, surgirão um novo céu e uma nova terra e a Nova Jerusalém descerá para esse mundo, *o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Com aqueles que lavaram as suas vestiduras no sangue do Cordeiro para (...) entrarem na cidade pelas portas*.<sup>58</sup> Em **Maíra**, o milênio dar-se-ia depois de inaugurada a Nova Jerusalém pelos eleitos de Cristo, pois

O que restou de vivente não escapará da asfixia nos gases e dos gafanhotos-robôs. Mas não pensem que isto seja o fecho do fim. Não, meus irmãos, isto é só o começo da Nova Era, a porta da Nova Jerusalém das almas viventes, que será inaugurada com grandes festas pelas almas elegidas que lá viverão eternamente, por mil anos,<sup>59</sup> o primeiro ano do futuro milênio. A maldição se levantará, então, e os espíritos sem pecados viverão entre flores de papel-crepom, no jardim de Deus onde não nascerá nenhum cacto, onde não se verá jamais nenhum espinho. Assim será, está escrito. Este é o futuro nosso que há-de- vir. Há-de- vir!<sup>60</sup>

Armagedon é o termo usado na **Bíblia** para designar a montanha de Megido, na Palestina, onde várias batalhas decisivas para Israel foram travadas e, por extensão, para qualquer região montanhosa. No **Apocalipse**, indica o lugar em que a trindade ímpia — Satanás,

---

58 **Apocalipse**, 21: 3; 22: 14.

59 João de Deus, no *Apocalipse* de **Maíra** e sobre o qual prega Xisto aos irmãos na vila Corrutela, pode estar se referindo ao tempo de Deus — que não é o do homem — para o dia do Juízo e destruição dos ímpios. Ver **2 Pedro**, 3:8. (... para com o Senhor, um dia é como mil anos e mil anos como um dia.)

60 RIBEIRO, op. cit., p. 341-2.

Anticristo e falso profeta — e seus seguidores, juntar-se-ão com o objetivo de guerrear contra Deus, ocasião em que Cristo descerá com seu exército de santos para vencê-los. É o começo do milênio. Modernamente, Armagedon é um nome simbólico, o local geográfico não tem importância, desde que a cena seja apocalíptica e a batalha decisiva. Pode ser a guerra do senador Andorinha contra os índios bravios nos Campos dos Epexãs — de cujas terras foram escorraçados como invasores — e de onde surgirão a Fazenda Epexã, com campo de pouso, o gadão azebuado e orelhudo e a Missão Nova que fará a pacificação dos *brabos*, sob a orientação de jovens padres e freiras. É a batalha final da Civilização cristã e do Poder contra os silvícolas, *essa gente muito esquisita*<sup>61</sup> de quem até os barranqueiros têm medo. E, segundo Xisto, a Besta-Fera *Virá, talvez, na forma de um padre vestido numa batina verde, distribuindo terços de ouro.*<sup>62</sup>

ASSEMBLÉIA DOS OPRIMIDOS:

**Meu-Deus-meu-Deus**  
**Por que me abandonaste?**  
**Meu-Deus-meu-Deus**  
**Por que não vens salvar-me?**  
**Meu-Deus-meu-Deus**  
**Não atendes minhas súplicas**  
**Meu-Deus-meu-Deus**  
**Dia e noite eu te chamei**  
**Meu-Deus-meu-Deus**  
**Te chamo e não respondes.**  
**Meu-Deus-meu-Deus**  
**Por que me abandonaste?**<sup>63</sup>

---

61 Id., *ibid.*, p. 402.

62 Id., *ibid.*, p. 196.

63 Id., *ibid.*, p. 195-6

### 2.3 EVANGELHO (Mateus, 24: 2,7,29 e 30; Maíra p. 248)

Jesus prediz a queda de Jerusalém e Sua própria gloriosa segunda vinda. A primeira predição sobre a cidade — *não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derrubada* — cumpriu-se literalmente, no ano 70 D.C. Até então, Jerusalém era considerada como o centro de influência cristã, o foco de atenção e cidade do grande Rei. No entanto, também é referida como cidade de habitantes pecadores que perseguiram e assassinavam profetas, e sobre a qual Jesus chorou, antevendo sua condenação. Essa ambivalência espiritual aparece em **Apocalipse**: Jerusalém é a cidade amada (20 :9), objeto das promessas de Deus, capital do reino milenar; mas é ainda a grande cidade, o grande adversário de Deus, comparável com Sodoma ou com o Egito.<sup>64</sup> Na *Epístola de São Paulo aos Gálatas*<sup>65</sup> o apóstolo mostra o contraste entre as duas Jerusalém: uma é a atual, que está em escravidão com seus filhos, pois nasceu segundo a carne; a outra, lá de cima, está em liberdade, pois nasceu mediante a promessa. É a Nova Jerusalém, de homens tornados perfeitos. O vigésimo quarto capítulo de **Mateus**, também chamado *pequeno Apocalipse*<sup>66</sup>, fala da grande tribulação e da vinda do filho do Homem, a segunda vinda de Cristo, para julgar a terra e reunir Seus escolhidos nos quatro ventos, com poder e grande glória.

— Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra, que não seja derrubada.

— Levantar-se-á Nação contra Nação e Reino contra Reino. Haverá grandes terremotos, epidemias e fomes em vários lugares. Coisas espantosas e também grandes sinais no céu.

— Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. Sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das

---

64 **Apocalipse**, 11: 8.

65 **Gálatas**, 4: 24-26.

66 CHAMPLIN & BENTES, op. cit., vol. 2, p. 438.

ondas. Haverá homens que desmaiarão de temor e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes do céu serão abalados.

— Então se verá o filho do Homem, vindo numa nuvem com poder e grande glória.<sup>67</sup>

Como se vê, esse *pequeno Apocalipse* também se encontra em **Maíra**, na boca do pastor Bob, como uma luz aos gentios e para a salvação, *até a extremidade da Terra*,<sup>68</sup> do desastre que há-de-vir, inevitável e iminente.

O ministro de Deus se preocupa com a capacidade criadora de Xisto, seu auxiliar, na Corrutela de pobres oprimidos e analfabetos, um povo *incapaz de ler por si só o livro santo*.<sup>69</sup> Sobretudo, inquietava-se com seu discurso que adquire um caráter messiânico, ao apontar a possibilidade de recuperação do Paraíso na terra para aquela comunidade de trabalhadores tão sofridos. Os movimentos messiânicos e carismáticos são formas arraigadas na procura de soluções para as crises e modificações desagregadoras no sistema cosmológico de um povo ou sociedade.

Quanto à população indígena, desde tempos imemoriais que ela se envolve em dramáticos êxodos rumo à Terra sem Males. Esse messianismo geralmente correspondia à rejeição de um Poder centralizado ou à rejeição de chefes políticos com sinais de privilégios e uso exclusivo da força, contra os quais surgia um profeta capaz de mobilizar as aldeias na direção de outros lugares onde se submeteriam a uma forma de governo ditada pela persuasão e igualdade social.

Com o decorrer do tempo, a dizimação de tribos inteiras por doenças contagiosas, as invasões devastadoras e alienígenas, a ação missionária coercitiva e outros cataclismos levaram os poucos sobreviventes da busca da Terra sem Males à busca da Terra sem Brancos, para a construção de

---

67 RIBEIRO, op. cit., p. 248.

68 RIBEIRO, loc. cit.. Ver também *Isaías*, 42: 6 e 49: 6.

69 RIBEIRO, op. cit., p. 359.

uma Nova Era, de um novo cosmo. Mas acabaram capturados como animais, esvaziados de suas crenças e, alguns, levados ao suicídio.<sup>70</sup> No caso específico dos mairuns, a Terra sem Males e *tudo de bom deve existir lá para a foz do Iparanã, onde está o Ivimaraei*, o paraíso perdido, o reino prometido dos desesperados sem remédio.<sup>71</sup> No entanto, pregaram-lhes a Nova Jerusalém, a cosmologia tradicional judaico-cristã, com a pretensão de remover-lhes as calamidades ou explicar-lhes o inusitado de que não se tem controle.

Isaías-Avá, de volta à aldeia, vê Brasília e a Catedral de mãos postas. Não é a Nova Jerusalém. Seria a Roma dos papas ou a Roma pagã? Seria a Roma devassa ou a Babilônia-mãe-das-meretrizes<sup>72</sup> com seus reis vassalos? Seria Brasília a Anti-Igreja ou Anti-Roma? A que transforma covardemente um índio pataxó em tocha humana? *Brasília é o mundo mairum que se transfigura. O pior de nosso mundo com a perda dos mitos da criação. Brasília é uma espécie de inferno, é a boca do mundo subterrâneo*<sup>73</sup> no umbigo do Brasil. Por outro lado, os habitantes analfabetos de Corrutela vêem Xisto como o enviado de Deus, o Messias possuidor do dom da palavra que conduziria a vitória do Bem sobre o Mal, acenando-lhes com o advento do Paraíso na terra — a fartura para todos, cada família tendo sua roça, sua vaca, seu cavalo.<sup>74</sup> Mas seu discurso no capítulo *Armagedon* é o prelúdio de sua fuga, ao arrancar a língua de Perpetinha, a endemoniada, que morreu em decorrência de sua doutrina e prática extravagantes; deixando ele, Beato, os corrutelenses acéfalos e órfãos de Deus.

#### ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

Refrão da assembléia de Xisto:

---

70 Alcida Rita RAMOS, *Sociedades indígenas*, p. 88.

71 RIBEIRO, op. cit., p. 132.

72 *Apocalipse*, 17.

73 RIBEIRO, loc. cit. (p. 132)

74 Id., *ibid.*, p. 361.

**Os homens buscarão a morte ..... a morte, a morte  
Não acharão ..... acharão, acharão  
Quererão morrer ..... morrer, morrer  
A morte fugirá deles ..... deles, deles  
Em verdade vos digo ..... vos digo, vos digo  
Não passará essa geração ..... razão, razão  
Sem que isto aconteça ..... teça, teça  
Passarão o céu e a terra ..... aterra, aterra  
Minha palavra não passará ..... passará, passará.<sup>75</sup>**

Ao ouvi-lo, pode-se imaginar o eco como um coro satânico que, segundo diria Xisto, está muito entreverado com o coro do gado de Deus (ração/ração), embaraçando tudo, numa guerra sem fim (Não acharão/acharão; não passará/passará...). A noite embolada com o dia. Deus e o Diabo enrolados, confundidos<sup>76</sup>, combatendo-se.

Xisto é um profeta apocalíptico, como Bob, todavia parece mais eloquente aos olhos dos corrutelenses que o missionário americano, pois adaptou seu discurso às necessidades e à compreensão do meio rural em que era proferida a mensagem. De certa forma, o *beato* é o verdadeiro profeta de **Maíra**. Investiu-se na Palavra que deveria estar na boca de Avá, embora suas promessas não se cumprissem, como as do profeta bíblico Isaías, quando levantou sua voz para a libertação de Jerusalém, no momento de perigo.

## **2.4 PROFISSÃO DE FÉ**

O Símbolo, Profissão de Fé ou Credo na celebração da missa tem por objetivo levar os fiéis a dar seu assentimento e resposta à Palavra proclamada na Homilia, bem como induzir a comunidade a

---

75 Id., *ibid.*, p. 195

76 Id., *ibid.*

confirmar sua adesão ao Senhor, lembrando o compromisso, as afirmações fundamentais de sua fé. Esse símbolo pertencia mais à liturgia batismal. Mas, como a oração eucarística começou a ser proclamada em voz baixa pelo sacerdote, não se percebia mais que a própria oração eucarística constituía uma profissão de fé. Então, sentiu-se a necessidade de incorporá-la à missa, de reafirmá-la no povo, sobretudo em regiões ameaçadas por heresias.

São duas as formas principais de profissão de fé: o Símbolo dos Apóstolos, o Creio mais comum que todos conhecem (*Creio em Deus Pai ...*) e o Símbolo Niceno, de Nicéia-Constantinopla (*Creio em um só Deus ...*). O Símbolo dos Apóstolos, da fé professada pelos primeiros cristãos, *era rezado na liturgia batismal e nas devoções populares, inclusive no início da devoção do rosário.*<sup>77</sup> No Brasil, com a reforma que seguiu ao Vaticano II (1962/1965), o Símbolo dos Apóstolos foi incorporado à missa e, como conseqüência, o Símbolo Niceno-constantinopolino, mais longo e de ocasiões festivas, praticamente levado ao esquecimento. *O que é uma pena, pois este é bem mais completo.*<sup>78</sup>

O Símbolo deve ser proclamado aos domingos, podendo-se dizê-lo, ainda, em celebrações especiais de caráter mais solene. Os católicos adultos convertidos e batizados devem fazer a Profissão de Fé, principalmente quando o vazio e a imperfeição humana os levarem à negação da fé em Deus e na santa Igreja Católica. O Creio é uma atitude de crença na Palavra proclamada e um juramento público indicando que o fiel está pronto para segui-la.

Mas a Profissão de Fé de Isaías-Avá é ambígua, dirigida a um Deus de muitas caras. Seu *des-credo* é um misto de cultura cristã e mairum e não a síntese das verdades fundamentais da fé em Deus, em Cristo, e na Igreja como portadora da salvação. Na sua reza há

---

77 Frei Alberto BECKHÄUSER, *A liturgia da missa: teologia e espiritualidade da eucaristia*, p. 46.

78 Id., *ibid.*.

*loucas inovações*, há delírios contraditórios aos dogmas imutáveis da Revelação e que devem ser aceitos e professados por todo bom cristão. Seu *credo* não reafirma a divindade do Filho, nem se presta a manter a assembléia unida. Constitui-se heresia, na medida em que nega o poder do sangue redentor de Cristo e evoca o Maligno, em vez de afugentá-lo, com fé, como se fizesse o Sinal da Cruz. Se Nosso Senhor, morto no Calvário, não é Deus, como pode salvar a humanidade? O caminho do *Retorno* (p. 105) e do *des-creio* de Isaías é desolador, pois quem não crê nEle será condenado.<sup>79</sup> Ao mesmo tempo, esse caminho de volta a Mairum, o povo de Maíra, devolve Avá às suas origens e a ele restitui a evocação de seus ancestrais míticos: Deus-Pai, Mairahú, Sem-Nome; Deus-Filho, Maíra-Coraci, o Sol; Micura, o gambazinho fedorento, o Lua, irmão gêmeo de Maíra; Mosaingar, homem-mulher, ventre dos gêmeos de Deus e possível repetidor do mito das origens. O *des-creio* de Isaías-Avá patenteia o desejo de *vir a ser um pouco do que poderia ter sido, não fossem tantos desencontros*:

**Meu Deus Pai, Criador do céu e da terra  
Meu Deus Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor  
Morto na Cruz, por vontade do Pai, para nos salvar  
(Salvar quem se houvera salvo sem o Teu santo sangue)  
Meu pobre Anjo das Trevas, servo rebelde do Senhor  
Minha Nossa Senhora: útero de Deus.  
Meu Deus-Pai, mairum: Maíra-Monan  
(Com seu membro imenso crescendo debaixo da terra,  
como uma raiz para todas as mulheres)  
Meu Deus Filho: Maíra-Coraci, Sol luminoso.  
Micura, Teu irmão fétido: gambá sarigüê  
Mosaingar, homem-mulher, ventre de Deus**

---

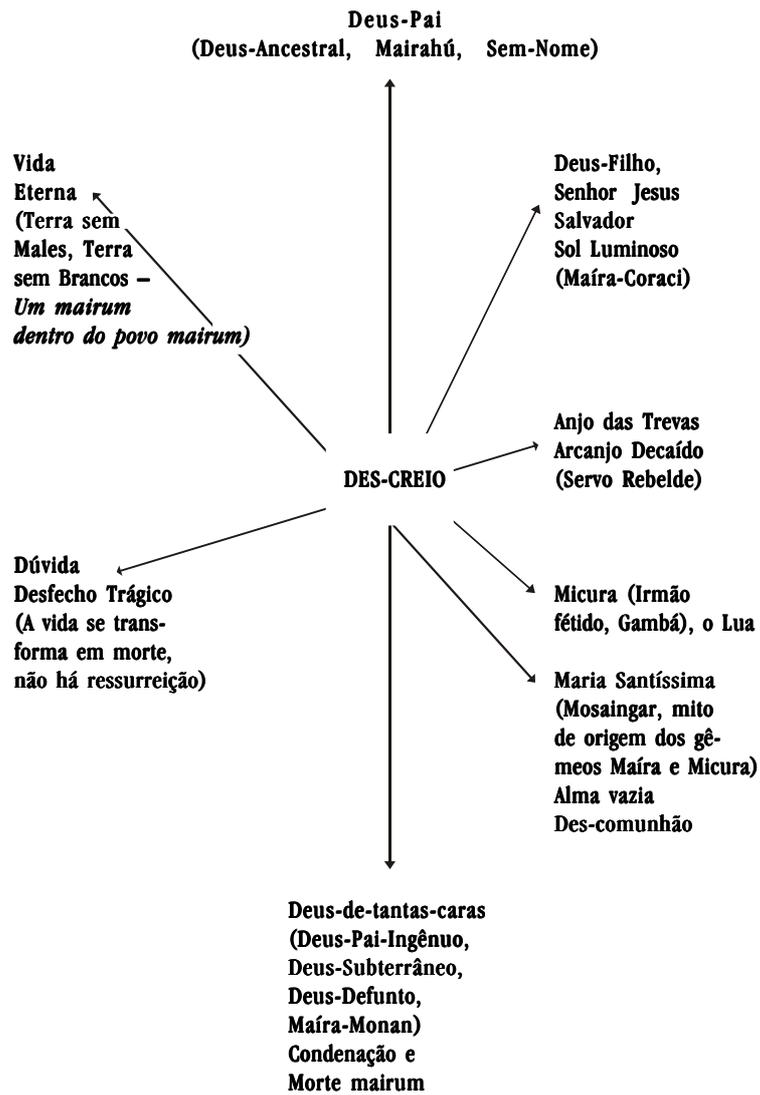
<sup>79</sup> Marcos, 16: 16.

**Deus Pai, Deus Filho, Arcanjo Decaído  
Maria Santíssima, Açucena do Senhor  
Maíra-Manon, Maíra Coraci, Micura  
Mosaingar: parida dos gêmeos de Deus  
Meu Deus de tantas caras, eu que tanto creio como  
descreio, peço a cada um e a todos;  
rezo e peço humildemente;  
Que eu não chegue lá, se não for de Tua vontade  
Que eu só chegue lá, se esta é Tua vontade  
mas, se chegar, que eu possa ser um entre todos  
Indistinguível. Indiferenciável. Inconfundível  
Um índio mairum dentro do povo mairum.<sup>80</sup>**

Em síntese, numa *peroração* ou conclusão clássico-aristotélica, ter-se-ia (pág. seguinte):

---

80 RIBEIRO, op. cit., p. 107.



O Creio parte do *eu* enunciador oculto, humano, material e terreno, para uma dimensão de mistério e espiritualidade, para a *vida eterna*. A situação do *eu* é de dependência medievalizante perante o todo-poderoso de poder inquestionável, criador do céu e da terra, também capaz de criar e matar o Filho que, por sua vez, é Nosso Senhor e Salvador.<sup>81</sup>

A antítese indica, pelo parâmetro da fé, a tensão entre promessa e ameaça, entre Deus e Anjo das Trevas, entre Senhor e Servo Rebelde, entre crer e descrer e, conseqüentemente, entre morrer e salvar-se, priorizando a vida eterna, o paraíso, ou a Terra sem Males, segundo a vontade do Pai e Senhor. A recitação do Credo é um exercício dogmático, de persuasão, estabelecido pela Igreja Católica e através do qual pretendia transformar Avá, índio livre, de linguagem interior e por prazer, em Isaías, o profeta de boca queimada, dominado e modificado para a linguagem exterior e para a remissão dos pecados. Profeta à imagem e semelhança do etnocentrismo caraíba por cujo intermédio se reproduziria a ideologia do dominador. No entanto, esse exercício de longos anos resultou, para inquietude da Missão, em discurso ambíguo, em *reza entreverada*, mista de cultura lúdica indígena e cultura cristalizada, cristã, repetitiva. A fala de Isaías-Avá é tecida de voz de índio e de voz de branco: uma com linguagem aberta, livre, polissêmica, outra com verdade imposta, pronta, dominante, de sentido único, monossêmico, contido.

Convém observar, ainda, que a transgressão ou o prazer de transgredir é também uma forma de experimentar o poder absoluto na relação com o sagrado, através da quebra de regras impostas ou da negação de algumas verdades propostas pela Igreja como reveladas. Tais formas de transgressão denominam-se blasfêmia e heresia. A blasfêmia nasce da contradição e da ambivalência do sentimento religioso. Pode-se dizer na mesma situação, regressiva e transgressivamente: *Deus Pai, Deus Filho,*

---

<sup>81</sup> Ver a análise do Credo no estudo sobre discurso religioso de Adilson CITELLI, em *Linguagem e persuasão*, p. 48-52.

*Arcanjo Decaído, Meu pobre Anjo das Trevas* — numa apropriação do inapropriável, ilegítima e gratuitamente ultrajante, *no exercício de uma liberdade que se quer sem limites*.<sup>82</sup> A heresia surge das idéias contrárias aos dogmas da Igreja e aos ensinamentos divinos. Pode até negar o Redentor:

Assim como no meio do povo surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão simuladamente heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.<sup>83</sup>

Ou negar o poder do sangue de Cristo, como o fez Isaiás-Avá no Creio, revisitado pelo *des-creio* e pelo fel da amargura:

**Meu Deus Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor  
Morto na Cruz, por vontade do Pai, para nos salvar  
(Salvar quem se houvera salvo sem o Teu santo sangue)<sup>84</sup>**

Isaiás, o profeta bíblico, acreditava que o Senhor o havia ungi-do para pregar as boas-novas de salvação aos cativos e professou, em sua última oração, que o Pai é o Redentor desde a antigüidade. Avá, contrariamente, foi o arauto do *des-creio*, do desejo ardente de livrar-se do *óleo da civilização e da cristandade*.<sup>85</sup> Não teve preparação adequada para entrar em contato com o sagrado cristão, nem os lábios ungidos para alertar seu povo contra os caraíbas da Terra com Males e que contaminavam os costumes e as crenças de seus irmãos-índios no Ipananá. Daí, sua Profissão de Fé *entreverada*.

## 2.5 ORAÇÃO COMUNITÁRIA

Senhor, pela Igreja para que ela respeite o simbólico-cultural

---

<sup>82</sup> Eni Pulcinelli ORLANDI, *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*, p. 254 et passim.

<sup>83</sup> 2 Pedro, 2: 1.

<sup>84</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 107.

<sup>85</sup> Id., ibid., p. 172.

do catequizando, pois *o próprio Deus está sempre para além da linguagem e da representação*;<sup>86</sup> para que cada povo pense dentro do quadro de sua vivência, de seu idioma, de sua verdade e referência, de sua identidade ou semelhança a si próprio.

Senhor, ilumine a Ordem para que ela não edifique na areia (do Iparanã) ou are os campos gentios com as relhas ou sulcos da pobreza, castidade e obediência e acabe por fazer uma colheita frustrada, chocha, mirrada pelo des-creio e pela *ninguendade*.

Senhor, contenha a produção de pele de lontra, de jaguatirica, de jacaré; coíba as regalias dos políticos latifundiários e dos grupos econômicos, reprima as invasões das fazendas, madeireiras e garimpos nas reservas indígenas, a fim de que não morram os últimos pajés, o céu caia sobre a terra e tudo fique escuro.

Senhor, afaste das terras brasileiras a Etiópia, o cenário do Vietnã, do Timor Leste, Chechênia, Angola, Somália, outros. Detenha a fome, a barbárie dos civilizados, a chacina e o etnocídio nas aldeias, malocas e favelas. Fortaleça a FUNAI para um trabalho mais eficiente e libertador nas comunidades tribais, acima dos interesses do trabalho produtivo e acumulativo da sociedade capitalista. E que a história se faça ouvindo a voz dos fracos e oprimidos e que esses sejam também os sujeitos dos acontecimentos. E das festividades do *descobrimento*.

Senhor, afaste de nossa comunidade os guias religiosos do descontrole emocional, os falsos profetas-espetáculo-de-mídia, delirantes. Detenha a depressão moral, a corrupção, a inquietude social, a propagação do messianismo que transforma o desespero do povo em esperança vã; movimento esse que, muitas vezes, encontra a violência, o suicídio coletivo, ao invés do paraíso terrestre ou a Terra sem Males.

Senhor, que as mães não morram de parto pelas orlas do Brasil e que seus filhos não indiquem a inviabilidade de uma civilização,

---

86 Leonardo BOFF, *Nova Evangelização: perspectiva dos oprimidos*, p. 33.

a morte ou a decadência de um povo... A exploração e a erotização de  
criancinhas, rumo ao emburrecimento irreversível.

Senhor, que esta sociedade deixe de matar os deserdados e se  
equipe para resgatá-los de sua miserabilidade, tirando-lhes do peito o  
peso da pedra do Santo Sepulcro.

Dos *eucaristiados* vivos, como um *pataxó*

Tenha piedade!

E atenda a nossa prece na Justiça de Seu Reino,

Amém!

# 3

## RITO SACRAMENTAL, O CÂNON

A terceira parte do romance **Maíra** intitula-se *Cânon*. Cânon ou cânone, vocábulo grego (Kanōn) de origem semítica, que originalmente significava instrumento de medir, bastão, vara ou padrão de medida<sup>1</sup>, passou a ser empregado no sentido metafórico de *regra de ação*, credo formulado, ou a doutrina da Igreja em geral. Também significava simplesmente *lista* ou *série*. Nos meados do quarto século de nossa era o termo começou a ser aplicado à **Bíblia**. No uso grego, a palavra cânon parecia denotar apenas *lista de escritos sagrados*, mas, no latim, tornou-se nome para as próprias Escrituras, pois elas são a regra de ação investida com autoridade divina. Assim, esse catálogo de livros reconhecidos como inspirados é a regra de fé, regra da Igreja e regra da verdade cristã<sup>2</sup> — denominado *Cânone das Escrituras*. Há também o *Cânone dos santos* reconhecidos ou canonizados *pela Igreja*, o *Cânone da missa*, que são as regras e fórmulas imutáveis de orações e cerimônias a serem seguidas pelo sacerdote na consagração e oferecimento do Sacrifício. Pode ser, ainda, um quadro escrito ou impresso com algumas orações da missa e que se põe no altar defronte do oficiante.

---

1 Cf. Ezequiel, 40: 3; Apocalipse, 11: 1 e 21: 15.

2 Gálatas, 6: 16; 2 Timóteo, 3: 15-16.

Sob o ponto de vista do hermenêuta J. Severino Croatto<sup>3</sup>, o cânon é um fenômeno de *clausura* que exclui outras leituras de uma tradição antecedente. Quando há tensão e inchamento de sentido, faz-se um corte e uma delimitação dos textos orais ou escritos que representam a interpretação dos acontecimentos originais ou fundantes dessa mesma tradição. Assim, de um texto relacionado com outro (intertextualidade) passa-se à totalidade, a um único texto, a uma única leitura, ou melhor, a um grande relato, apesar das múltiplas manifestações e correntes (intratextualidade). Embora o cânon enclausure o sentido de um acontecimento-relato, há sempre um excesso que transborda em novas práticas e pressiona a polissemia do acontecimento e do próprio relato em novas palavras. É verdade que o texto canônico não deve ser modificado nem ampliado. Mas, como texto que é, quem pode deter-lhe as releituras, os comentários, as interpretações, os *apócrifos* ou o *midrash*<sup>4</sup> — segundo critérios políticos, sociais, religiosos, filosóficos, míticos e outros?

Especificamente, nesta celebração, o Cânon é o próprio Rito Sacramental, a Comunhão, e incorpora, às avessas, não só o sentido cristão da missa atual — como o da Preparação das Oferendas, da Oração Eucarística, com a Invocação do Espírito Santo, indo até o Amém, depois de *Por Cristo, com Cristo e em Cristo*, antes do Pai-nosso — mas, sobretudo, apropria-se dos mitos mairuns e une o sagrado ao profano. Infelizmente, não para a vida e ressurreição: contrariamente, para a desolação, dúvida e morte. A seguir, o Rito Sacramental, o *Cânon* tribal, apontados no romance **Maíra**.

---

3 **Hermenêutica bíblica**, p. 41 et seqs.

4 **Apócrifos**: livros da Septuaginta e da Vulgata não aceitos como genuínos do Velho Testamento pelos judeus e pelos protestantes; ou livros do Novo Testamento sem autoridade apostólica. O termo cobre o sentido de suprir notícias sobre pontos que os livros canônicos silenciavam; ou o de tendências heréticas, propondo falsos nomes e falsas doutrinas. **Midrash**: um novo texto que interpreta outro texto em função de novas situações. Ex.: Os poucos dados sobre a infância de Moisés ou de Jesus seriam ampliados em **Êxodo**, 2 e **Mateus**, **Lucas**, 2, respectivamente.

### 3.1 OS RITOS DE PASSAGEM DAS OFERENDAS

Normalmente os atos humanos têm dois aspectos básicos: um técnico (comer apressadamente e de pé só para matar a fome) e outro simbólico (comer seguindo regras e determinados rituais, significando alguma coisa entre os participantes). Nesse sentido, muitos dos atos realizados pelos membros das tribos indígenas podem ser classificados como *ritos de passagem*.

Chamam-se *ritos de passagem* aqueles cerimoniais que marcam a passagem de um indivíduo ou de um grupo de uma situação para outra ou de um mundo cósmico ou social para outro. Um rito de passagem teoricamente sempre se desenvolve através de três fases: a) ritos de separação; b) ritos de transição; e c) ritos de incorporação. Entretanto, nem sempre as três fases têm a mesma importância nos diversos ritos de passagem.<sup>5</sup>

Todos os ritos ligados à entrada e saída, ao casamento, aos funerais, ao nascimento e batismo, à mudança de idade ou de estação e vários outros relativos à iniciação, constituem-se *ritos de passagem*.

Entre os mairuns a *iniciação das crianças* para tornarem-se membros da tribo acontece no ritual denominado Ñandeiara. No pátio o aroe chama, com a flauta de canela de onça, um homem de cada lado da aldeia. As mães com os filhos (que já falam) vão se assentando junto ao líder religioso Remui e

A cada silvo da flauta de tuxaua tocada pelo aroe, uma mulher se levanta com seu filho ou filha, ora de um lado, ora do outro, e leva a criança até um dos mestres-de-cerimônia. Os de cima, a Jaguar, os de baixo a Náru. A mãe senta-se frente ao mestre, prende fortemente a criança entre as pernas e olha para trás, para o aroe que diz, então, o nome da criança: um menino, Toí; uma menina, Manitzá. Todos repetem gritando: Toí, para Toí; Manitzá, para Manitzá.<sup>6</sup>

---

5 Julio Cezar MELATTI, *Índios do Brasil*, p. 120. Ver também as categorias que incluem desdobramentos, propostas por Arnold van Gennep: a) ritos preliminares (separação); b) ritos liminares (margem); e c) ritos pós-liminares (agregação), em *Os ritos de passagem*, 1978, p. 31.

6 Darcy RIBEIRO, *Maira*, p.48.

Dar nome é prerrogativa de um superior que tem poder sobre o nomeado. Poder esse que vem do **Gênesis**, da condição edênica. Deus nomeou Adão e o encarregou de dar nome a todos os seres viventes.<sup>7</sup> Na aldeia, o aroe diz o nome da criança e a comunidade o repete. Essa repetição evoca o novo ser para fora do lugar obscuro onde está, a fim de que se integre à identidade tribal, às referências de sua nação, de sua gente e de seu clã:

— Agora você é gente, meu filho. É mairum. Você agora é dos Mairuns: os que comem beiju, os que gostam de pacu, os que riem com gozo.<sup>8</sup>

Depois que recebe o nome herdado de um bisavô ou bisavó, a criança é marcada com dois círculos indelévels nas maçãs do rosto, um de cada lado. É a marca do olhar de Maíra-Coraci, o Sol. É o coracimaã, impregnado de associações pagãs e mágicas, finalizado com uma dança conjunta do Jaguar e do Carcará (Náru) que — no meio, no centro, cortando o círculo — simbolizam as duas metades exógamas ou opostas da aldeia. Cada uma delas é constituída de cinco clãs cujos nomes retomam a origem da tribo e seu *totem*<sup>9</sup> representado por animais (fig.1).

Portanto, o *rito de passagem* exposto acima poderia ser assim esquematizado:

- a) Rito de separação: a criança deixa o corpo da mãe.
- b) Ritos de transição: dos primeiros cuidados dos pais até à fala da criança.
- c) Ritos de incorporação: a apresentação da criança à aldeia, sua nomeação, as tatuagens indelévels feitas em público e sua entrada na vida mairum.

---

7 **Gênesis**, 2: 19-20.

8 RIBEIRO, loc. cit.

9 Animal, planta ou objeto a que os selvagens e certas sociedades primitivas se julgam ligados de modo específico pela crença em uma relação de parentesco, afinidade ou proteção sobrenatural. Daí, a proibição de casamento entre pessoas do mesmo totem.

De outro lado, observa-se que o rito de iniciação das crianças e dos jovens se dá sob o cheiro da morte de Anacã, juntamente com sua *cauinagem*<sup>10</sup> e cerimônia funeral. Na virada do tempo sagrado, os rituais entrecruzam-se: crianças, rapazes e moças ingressam na vida social ou política da aldeia; Anacã exclui-se do grupo e apodrece, regado todas as tardes, como uma semente plantada no centro do pátio de danças, no *umbigo da terra mairum*, para a ascensão ao céu. Anacã foi enterrado temporariamente no pátio-santuário, na *imago mundi*, como oferenda de volta a seu Criador.

Os ritos *funerais*, as cerimônias fúnebres, também são ritos *de passagem* que evidenciam a importância política da morte de um membro da comunidade indígena. E, desde os tempos patriarcais e do Velho Testamento, o enterro de pessoas probas era acompanhado de lamentações que incluíam, além do choro, o rasgar das próprias roupas, a laceração, o despentear (os cabelos) e que se prolongavam até por sete dias após o corpo ter descido ao jazigo.<sup>11</sup> A falta de sepultamento adequado era considerada grande opróbrio. De forma oposta, os cadáveres de criminosos e enforcados deveriam ser enterrados imediatamente, pois o contato com os mesmos e a lamentação formal diante deles provocariam a contaminação dos presentes, da aldeia, da cidade e da terra *que o Senhor teu Deus te dá em herança*.<sup>12</sup>

Além desses cuidados, os sepulcros de marginais, pecadores, rebeldes ou inimigos, ainda que reis, poderiam ser assinalados com uma montanha de pedras.<sup>13</sup>

Entre os mairuns (do romance **Maíra**), o cerimonial fúnebre e as lamentações dos enlutados acontecem, como já foi dito, associados aos ritos de iniciação das crianças, rapazes e moças, uma vez que

---

10 RIBEIRO, op. cit., p. 47. Refere-se ao ritual em que se serve *cauim*, bebida preparada pelos índios com mandioca ou milho cozido e depois fermentada em certa porção de água.

11 **Gênesis**, 37: 34 e 50: 10.

12 **Deuteronômio**, 21: 22-23.

13 **Josué**, 7: 26; 8: 29; 10: 27 e **2 Samuel**, 18: 17.

Através dele [Anacã] um homem vai acabando ao mesmo tempo que a vida vai se renovando. Anacã morre para que os mairuns renasçam. Simultaneamente se vão dissolvendo na morte suas carnes regadas cada dia e renascendo seu povo nos ritos que reacendem em cada um o gosto de comer, a alegria de cantar, o prazer de dançar, a coragem de ousar, o gozo de foder.<sup>14</sup>

O funeral do velho tuxaua atravessa três etapas. A primeira é a fase de sua separação, em que o corpo defunto sai da rede e é pintado e adornado de acordo com a dignidade de seu mando e sepultado provisoriamente no centro do pátio, ao pôr do sol, pelos homens da família oposta e complementar à dos onças, os carcarás. A segunda é a fase de transição, em que a cova é regada todas as tardes com as águas da Lagoa Negra, o corpo de Anacã apodrece e seu cheiro agudo e doce incensa a aldeia até suas carnes se dissolverem completamente. A terceira fase é a da incorporação, quando os ossos de Anacã são retirados da cova, rigorosamente areados, emplumados no cesto e colocados numa ubá cheia de flores, para navegar rio acima, rumo à Lagoa dos Mortos, no meio da qual será plantado o mastro com o cesto-patuaá na ponta. Agora, o velho tuxaua morreu realmente para os mairuns e para o mundo inteiro, vive Anacã-Manon<sup>15</sup> no mundo Ambir. Com o segundo sepultamento do defunto, dando-lhe a morte definitiva, na água, ele ingressa para sempre no mundo dos mortos. Nessa fase é que se evidenciam as lamentações e escarificações, ao emplumarem os clãs os ossos do falecido, sob o ritmo do maracá do aroe — o mediador entre as metades opostas, representando as almas dos antepassados e os espíritos clânicos — ocasião em que a mortos correspondem ancestrais — animais vivos chegando à aldeia para buscar a alma nova a fim de incorporá-la à nova moradia no além.<sup>16</sup>

---

14 RIBEIRO, op. cit., p. 95.

15 Id., *ibid.*, p. 121. “Manon” significa *morto, defunto*. No entanto, em **Maíra**, predomina a variante “Monan”. Cf. p. 96, 117 e 97, 107, 132, 197, 202, respectivamente.

16 Vera Penteadó COELHO (org.), **Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu**, p. 213 et passim.

A limpeza dos ossos, o choro e a laceração da pele nesse momento sugerem o afastamento dos espíritos maus, o exorcismo do morto e também o exorcismo individual e coletivo dos vivos. Nos ossos embranquecidos e na morte ritualizada segundo a tradição mairum, a solidariedade dos clãs é reforçada para que a vida se renove, assim

(...) as mulheres vão chorando ao ritmo marcado pelo pequeno maracá do aroe. Ora choram baixinho, um choro lamuriento, cantado. Ora choram alto, num pranto aberto, lamentoso. Ora choram aos gritos sufocados, lavando-se em lágrimas.

A certa altura, quando os ossos recamados brilham por todo o baíto como jóias de plumas azuis, rubras, amarelas, soa outra vez o maracá do aroe, num ritmo novo. As mulheres param todas de chorar e algumas delas, as onças e as carcarás, se dirigem para o meio do baíto. Ali, tomam os escarificadores de dentes de peixe-cachorro, metidos em lascas triangulares de coité, e ralam pelo rosto, pelos braços, pelos peitos, rasgando a pele numa série de estrias finas. Quando o sarjador desce dilacerando, o que se vê primeiro, são simples linhas brancas. Mas elas prontamente escurecem, depois brilham de repente em tons rubros e afinal jorram sangue pela cara, pelos peitos, pelos braços. Todas as outras mulheres choram mais e mais forte, sempre ao ritmo do maracá do aroe.<sup>17</sup>

Mas os homens dos dois clãs, ao final das lamentações, também participam com as mulheres desse auto-sacrifício em que o sangue lhes escorre pelo corpo e solta a vida para desviar o mal e evocar as forças divinas em direção à aldeia. Na família dos Onças não há substituto de verdade para o tuxaua mairum. Isaías-Avá está retornando: nem padre, nem chefe de guerra. Jaguar ainda é muito criança para o mando. Tuxaua não vale mais nada em Iparanã.

Sobretudo, agora, que os índios minguraram tanto e que é a FUNAI quem decide tudo lá em Brasília.<sup>18</sup>

As lacerações terminam com o desgrenhar e arrancar os cabelos, evidenciando o temor, a angústia, a desesperança, o luto tribal:

---

17 RIBEIRO, op. cit., p. 120.

18 Id., ibid., p. 145.

O choro se interrompe, bruscamente, a um outro trino do aroe, e as mulheres que estavam de pé sangrando-se voltam para seus lugares. Vêm, então, os homens dos dois clãs tomar os seus lugares. Pegam por sua vez os escarificadores para se sangrarem. Cada um rasga mais fundo sua pele sem dizer palavra, enquanto suas irmãs e sobrinhas, mulheres e filhas, dos diversos clãs dispersos por todo o baíto, se lamentam, arrancando os cabelos em chumaços, chorando e gritando de dor e sentimento.

A um novo sinal do maracá do aroe, todo o pranto de interrompe outra vez e, com ele, as escarificações e o desespero de arrancar os cabelos.<sup>18a</sup>

O cesto-ossuário de Anacã na canoa-ubá rumo à Lagoa dos Mortos e seguida por dezenas de outras ubás lembra a procissão de Ísis, a deusa egípcia, que protegia os mortos debaixo de suas asas e os fazia ressuscitar. Na tradição cristã, a barca é a Igreja, dentro da qual (desde Noé) os crentes se abrigam das tempestades deste mundo. Em **Maíra**, a ubá cerimonial fez, desta vez, uma das últimas travessias, a dos ossos emplumados de um dos últimos e autênticos tuxauas, para o centro da Lagoa (*Terra Prometida*), uma vez que a Igreja e a Civilização levam a pique, com pedras de escândalo, os descendentes e o corpo mítico tribal desse antigo guerreiro. A Igreja — porque passa de largo e as missões religiosas não asseguram constitucionalmente aos índios a posse da terra ocupada por eles,

ao contrário, tratam de registrar em seu próprio nome não só as terras onde foram instalar-se, embora as soubessem ocupadas imemorialmente pelos índios, como aquelas para as quais transladaram grupos indígenas.<sup>19</sup>

A civilização — porque invade e explora as terras indígenas, tomando deles o pouco que lhes resta, sob o pretexto de *terras do governo* e, desse modo, muitas fazendas, madeireiras, garimpos ou dragas se expandem no Brasil. Sem território tribal não há subsistência de índios, mas tribos epidêmicas, perambulando para o extermínio, senão para submeterem-se às etapas de trabalho

---

18a RIBEIRO, op. cit., p. 120.

19 Darcy RIBEIRO, *Os índios e a civilização*, p. 200.

exigidas pelo patrão e estimuladas com ração de pinga, maconha<sup>20</sup> e coca.

Os ritos de iniciação dos rapazes marcam a passagem do jovem para a vida adulta. E o gênero de cerimônias a ser executado, nessa iniciação indígena, depende da profissão (caçador, guerreiro, etc) que o adolescente pretende seguir e que determina sua condição social futura na aldeia. No caso específico dos adolescentes mairuns, candidatos à condição de guerreiros, há uma obrigação guiada por Teró, dos carcarás: a de encontrar uma cobra sucuridju *sem tamanbo, a maior do mundo*, para que os rapazes iniciantes lhe ofereçam a cara à mordida:

Maxi quase duvida um instante, mas logo se inclina e mete o queixo na boca monstruosa, que morde uma dentada firme de cachorro raivoso. Maxi se afasta sangrando e quando pensa em cuidar-se ouve outro grito de Teró que o manda substituir Jaguar, para que ele venha, por sua vez, receber a bocada.

Assim, um por um os jovens-homens vão se sucedendo da cabeça para a cauda, cada um deles oferecendo a cara para receber a marca do lanho da sucuridju. Uma vez mordido sai imediatamente para segurar a cobra no lugar do companheiro que há de seguir. Assim, do princípio ao fim, a sucuridju continua sempre agarrada e mantida quase imóvel, por mais de vinte mãos vigorosas (...).

A um gesto de Teró, todos soltam a cobra, saltam para trás e se afastam correndo para o igarapé. A sucuridju furiosa não encontra jeito, nem tempo, de se enroscar em alguém para triturá-lo ou abater um homem com uma rabanada. Voltam às ubás, ainda sangrando dos lanhos das mordidas. Orgulhosos, deixam sangrar.<sup>21</sup>

A flagelação cerimonial e o deixar-se sangrar têm papel importante nos ritos de iniciação desses rapazes: preparam-nos para a guerra, para o amadurecimento e sacrifício. É nessa época que o iniciante recebe o arranjo de decoro de homem da tribo (sob as calças ou cal-

---

20 Ver, por exemplo, id., *ibid.*, p. 347; **Maira**, p. 39.

21 RIBEIRO, **Maira**, p. 77.

ção de cristão) e um tuxaua lhe faz um amarrilho na ponta do prepúcio que mantém parte da glândula escondida dentro do saco escrotal. Por esse atilho, o bá, é que o índio se sente realmente vestido, desde então.

Não havendo tuxaua que substitua Anacã, o aroe inclina-se

em frente a Jaguar, desabotoa o calção dele e o baixa, devagar, até os pés. Jaguar ajuda com o pé a acabar de tirar o calção. Ao mesmo tempo, todos os homens se desnudam ali, tirando e atirando para trás os calções e se deixando ver pelados. Nus estão diante do aroe, diante de todos. O velho se inclina, toma nas suas mãos o membro de Jaguar, enruste o tronco do pau para dentro do corpo, retendo na mão toda a pelanca, e ata sobre ela um nó com o cordão que traz no pulso (...). Terminada a amarração de Jaguar, o velho aroe toma a esteirinha verde em suas mãos e caminha até o primeiro jovem-homem da fila. Lá, solene, Jaguar enruste o pau do homem para dentro, sustenta-o assim e dá o atilho. Assim faz seus miaçus, um por um, aqueles dez homens, do primeiro até o último (...).

Concluída a amarração, a um zumbido do maracá do aroe, todos os homens se acocoram ao seu redor. Ele senta-se no banquinho de condor, e fala:

— Quem amarra um homem é seu tuxaua. Tuxaua temos. A amarração é que faz um miaçu-guerreiro. Homens novos temos agora. Guerreiros mairuns. Agora e sempre (...). Amanhã o tuxaua dará a palavra dele para comemorar com um grande Coraci-Iaci a nossa alegria.<sup>22</sup>

Os cânones cristãos contra a nudez (calções, vestimentas) superpõem-se aos cânones tribais (bá, atilhos, enfeites). Assim, o índio se despoja da dignidade de sua nudez paradisíaca a fim de se fantasiar de civilizado cristão, embora possa levantar a roupa para se coçar tribalmente, a cada momento. Além de associar, diante dos brancos, o pudor à vestimenta, o uso de roupas tem levado o silvícola a abandonar as pinturas do corpo que lhe foram ensinadas pelo herói cultural, segundo seus próprios cânones tribais ou suas próprias regras de decoro.

Os ritos de iniciação correm concomitantemente com o ceri-

---

22 *Id.*, *ibid.*, p. 395.

monial fúnebre de Anacã e a par com a natureza, com o caminho do sol, da fecundidade e da colheita. E conferem aos rapazes diversas virtudes viris, como a coragem, a invencibilidade, a resistência ao inimigo, dentre outras. Sobretudo,

os noviços tomam conhecimento dos mitos, da herança misteriosa e sagrada da tribo. Assistem à demonstração das cerimônias que eles celebrarão por sua vez e cujo sucesso provará a excelência de sua qualidade de adultos.<sup>23</sup>

Melhor dizendo hoje, as cerimônias que eles celebrariam (no futuro do pretérito), uma vez que a nova geração indígena sobrevivente está aderindo ao equipamento civilizador e rompendo com seu corpo mítico tribal. Como consequência, deverão os índios redefinir — e já o fazem alguns — novas pautas de valores, reelaborar novas explicações para o mundo e, através do sincretismo religioso, criar novos mitos miscigenados com a cultura judaico-cristã. Caso contrário, perecerão no holocausto do Templo capitalista.

Os ritos de puberdade acontecem entre os doze e dezesseis anos, aproximadamente. E ocorrem com a pubescência biológica dos meninos, isto é, por ocasião do nascimento dos pêlos púbicos, seguido de alteração na voz, manifestações das características sexuais secundárias, alargamento dos ombros, etc. As sangrias e flagelações sofridas visam, ainda, ao rompimento do laço mãe/filho e à transferência do jovem para o mundo dos homens, para o baíto e encontro do próprio lugar no sistema social da aldeia.

O atilho indígena na ponta do prepúcio traz à memória a origem e a prática da circuncisão no Antigo e no Novo Testamento, com duas significações distintas: primeiramente como algo espiritual em que a circuncisão é feita em qualquer idade e identificada com a aliança estabelecida entre Deus e Abraão, com a obra da graça mediante a qual Ele, o Altíssimo, seleciona e marca homens para serem Seus<sup>24</sup>.

---

23 Roger CAILLOIS, *O homem e o sagrado*, p. 109.

24 *Gênesis*, 17: 9-14.

Se bem que, sem a obediência da fé, a circuncisão se transforma em incircuncisão<sup>25</sup>. Isaías era judaico-cristão no nome, exteriormente, mas índio no coração, originalmente: Isaías-Avá, ambíguo, dúbio. Faltou-lhe uma relação autêntica com Cristo e sua morte e ressurreição, selada (marcada, assinalada) pela ordenança iniciatória do novo pacto.<sup>26</sup> Infelizmente, Isaías regressou nem tuxaua-jaguar para fazer miaçuguerreiro na tribo Mairum, nem padre-profeta para a *Salvação de Deus*. Regressou *apenas um seminarista crônico*<sup>27</sup>, pois não se deixara ordenar *para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo*.<sup>28</sup>

A segunda significação da circuncisão bíblica é a de um sinal profano, político, social e nacional que permite ao púbere ou adolescente a entrada nos privilégios e deveres da sociedade, como membro adulto da tribo — um só povo.<sup>29</sup> E esse sentido também se destaca nos ritos de iniciação indígena. Bom exemplo seria o lado profano das festas de Jurupari e o ingresso na casa-dos-homens:

— Vejam bem, aprendam isso: agora vocês também são gente: homenzinhos. A partir de hoje todos irão morar conosco na casa-dos-homens. Vão aprender a atirar bem com flechas e com arpões. Vamos ensinar vocês a caçar e a pescar. Atendem bem, de agora em diante nenhum de vocês irá mais às casas das mulheres (...). [No baíto] Só [entraremos] nós, os homens de verdade: Avaetés!<sup>30</sup>

Acrescente-se aqui que Jurupari (*Izi*) é uma palavra indígena usada inicialmente por diferentes tribos para designar um herói solar, uma personagem mítica. No entanto, os missionários se utilizaram desse mito, sem qualquer relação com o gênio mau das florestas

---

25 Romanos, 2: 25-29.

26 Colossenses, 2: 11-12; 3: 4.

27 RIBEIRO, op. cit., p. 129.

28 Efésios, 4: 12.

29 Gênesis, 34: 14 -16.

30 RIBEIRO, op. cit., p. 101.

dos Tupi, para introduzir o diabo cristão, no anúncio das *boas novas* e pregação da verdade.

Hoje, e em **Maíra**, o mito pertence à categoria dos heróis-civilizadores e é representado *nas festas dos homens e nas cerimônias de iniciação dos rapazes entre numerosas tribos indígenas do rio Negro*.<sup>31</sup>

O sentido sagrado das festas de Jurupari mescla-se com o profano, com o mito da revolução social, isto é, com o mito contra o primitivo regime gineocrata, matriarcal. Por isso as mulheres e as crianças são excluídas das cerimônias, bem como proibidas de verem os instrumentos sagrados escondidos nos igarapés e considerados tabus para o elemento feminino. Segundo o mito, todas as mulheres que quiserem saber sobre essa associação secreta masculina, sobre os homens mascarados ou sobre os mistérios do baíto (casa-dos-homens) morrerão, ou serão estupradas até morrer:

Os homens entram rapidamente no baíto. As mulheres espavoridas, fogem e caem, gritando, arrebanhando os filhos para se esconder com eles dentro das casas, de olhos bem fechados. Em cada casa o medo se apossa de todos. As mulheres e crianças acoradas, de costas para a parede, de caras voltadas para o centro da casa, de olhos fechados. Aterradas. As mães agarradas aos filhos, os filhos atacadados a elas, mudos de espanto. O assalto dos Juruparis é a mais terrível das ameaças. A mulher que olhar um anhangá será estuprada até morrer, dilacerada por seus enormes membros de pau.<sup>32</sup>

A *usança* do mito heróico Jurupari abrange as cerimônias religiosas da festa dos homens, os ritos de iniciação dos rapazes. É um recurso, com flautas e máscaras, de que o sexo masculino se dispõe para garantir o *status* dominante na tribo. As flautas e os zunidores reproduzem as vozes dos espíritos dos antepassados e as máscaras os representam. Esse é o sentido religioso do mito. Profano, o de causar

---

31 Egon SCHADEN, *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil*, p. 150.

32 RIBEIRO, op. cit., p. 97.

pânico entre as mulheres a fim de combater-lhes a curiosidade e manter o domínio dos homens sobre elas. Daí estarem as festas de Jurupari incluídas nas cerimônias de iniciação dos rapazes. Sua principal função: assegurar o *status* masculino na vida tribal e derrubar de vez o primitivo domínio feminino.

Mas os missionários (e muitos etnólogos) persistiram no terror do Jurupari de sentido tupi e demoníaco. Hostil, como o diabo cristão. Ou verdadeiro Belzebu, macaqueando diante dos fiéis, opondo-se à Missão e pervertendo a tribo.

Como se observa, houve cristianização dos mitos indígenas na catequese. O *outro* deveria ser reduzido ao *mesmo* cristão dominador para melhor servi-lo. Deveria perder a diferença e entrar em crise sacrificial e cultural para melhor uso da desigualdade nos negócios dos brancos. Assim, para cada tentativa autóctone de manter ou recuperar o modelo mítico de diferenças ou da crise primordial, havia e há uma perda do sacrifício, da identidade tribal e da ordem diferenciada. Hoje, a nova geração de rapazes vai assumindo os valores dos civilizados cristãos e se negando a essas experiências marcantes da passagem da adolescência à vida adulta. Conseqüentemente, não haveria para ela uma renascença mística, de ordem espiritual, isto é, um novo modo de ser dentro do espírito da aldeia, mas, subserviência à *civilização* não fraterna.

O capítulo *O sangue e o leite* (p. 277) é o rito de iniciação das *meninas-moças*, enquanto os ritos de iniciação dos rapazes passam por três capítulos,<sup>33</sup> talvez para confirmar o *status* masculino evidenciado no baíto, o centro do poder e da aldeia, onde as mulheres não devem entrar, a não ser nos funerais, como o de Anacã (p. 24). E nada mais revelador que a ausência feminina na *feira dos homens* e o fato das mulheres não terem funções nas cerimônias religiosas e na ordem cultural da comunidade.

---

33 *Sucidjuredá* (p. 75), *Jurupari* (p. 95) e *Tuxauareté* (p. 393).

Na literatura antropológica brasileira, como nas tribos, há poucos exemplos de iniciação de meninas-moças. São citados os Tukúna, os antigos Tupinambá e os Caiabi.

Em algumas tribos [*como entre os Timbira*], somente algumas mulheres são iniciadas, ao lado dos homens...<sup>34</sup>

A iniciação das mulheres ocorre por ocasião da primeira menstruação (*flechada*). As garotas são confinadas em cabanas armadas dentro de casa, onde ficam meses e as mulheres mais velhas, imunizadas pela idade, trazem-lhes comida. Também suas mães podem alimentá-las e banhá-las como se fossem crianças. Devem passar a maior parte do tempo deitadas nas redes, sem ver ninguém, nem conversar, se possível. Caso sejam obrigadas a levantar-se da rede, devem abaixar a cabeça, não olhar para os outros e, decididamente, não tomar sol. Ao final da reclusão seus corpos são adornados com colar de plumas e pintados com urucum e jenipapo. As pernas, enfaixadas com embiras.

Nesse rito (como na iniciação dos rapazes, fazendo-se as devidas ressalvas e adaptações), podemos distinguir claramente as três fases da passagem de menina para a vida adulta. A fase da separação, quando acontece a primeira menstruação, o corte dos cabelos e o retiro. A fase de transição é o tempo em que as meninas-moças permanecem nas cabanas cumprindo o *cânon*, conforme a tradição da tribo, e suas franjas crescem até cobrir o rosto. Ao contrário dos rapazes que devem deixar os cabelos mais curtos nessa época, indicando a mudança de estado,<sup>35</sup> *aquele que sabe*. E, finalmente, a fase de incorporação, quando as garotas enfeitam seus corpos e festejam o retorno à vida normal, não mais como meninas, mas como mulheres, prontas para a vida sexual e matrimonial:

(...) grande festa de reapresentação das meninas-moças, recém-menstrua-

---

34 MELATTI, op. cit., p. 124. Conferir também Vera Penteados COELHO, quando fala dos Caiabi segundo STEINEN, op. cit., p. 469.

35 COELHO, op. cit., p. 519.

das. O Avá admira, extasiado, com olhos de Isaías, as flechadas-da-lua, tão bem nuinhas. Alma enche os olhos de jovens corpos encarnados pela mão de Deus.

Elas estiveram em reclusão durante meses em cabanas armadas dentro das casas, sem ver nem falar com ninguém, e sem andar nem tomar sol. Saem agora, clarinhas, matinais, resplandcentes. Toda a aldeia tem os olhos postos nas suas graças. Trazem no peito, realçando os brotos dos seios, o colar solar de plumas douradas que cada uma ela mesma compôs, com rigor, sozinha para mostrar seu virtuosismo de cuñantã. Na cara, o sorriso mais claro. Em todo o corpo as alegrias raiadas de urucum e jenipapo. Na cabeça, esvoaçante, a enorme cabeleira negro-azulona, provocante. A franja cobrindo a boca. As pernas enfaixadas com embiras, abombadas, barrocas<sup>36</sup>.

As meninas-moças servem seu leite-chibé<sup>37</sup> aos homens com quem terão relações sexuais, em cuias ou cuités da cuitezeira ou árvore-de-cuia cujos frutos são divididos simetricamente em duas partes gêmeas (como o mito das origens de sua gente) e que, depois de limpas e secas (suas cascas), transformam-se em vasilhas. O leite servido nessas metades manifesta a fertilidade da noviça ou principiante, bem como seu desejo de unir as duas metades exógamas da aldeia para que elas se completem nessa comunhão, também social:

— Bem, você quer do meu leite, bem?

Durante toda a tarde a aldeia, sentada no círculo do sol se pôr, olha as meninas-moças que servem seu leite-chibé aos homens com que hão de foder. A gente olha e sorri, malícia e comenta com alegria os modos de cada guria no seu primeiro passo de mulher. Brotos, renovos da vida que desabrocha, renova (...).

— Meninos, olhem Tumií. Vejam como ela anda, a safadinha, balançando a bunda que nem caraíba. Aprendeu com a Canindejub!<sup>38</sup> Que beleza!

---

36 RIBEIRO, op. cit., p. 277.

37 Chibé: jacuba, tiquara. Bebida esbranquiçada feita com farinha de mandioca e água (Pará e Maranhão).

38 **Caraíba, Canindejub**: mulher branca, como Alma-carioca, ou brasileira *civilizada* com seu gingado. O sentido fundamental de caraíba é mago, feiticeiro, astuto, sábio.

As garotas andam, falam, riem, requebram, amamentando sem parar a seus futuros homens. Futuros? Quem garante?<sup>39</sup>

A reclusão nas cabanas é como a volta ao ventre materno e, uma vez renascidas para a feminilidade, servem o leite do conhecimento, a poção da vida e também o tomam como alimento completo, pois a mandioca — com que são feitos o chibé e o polvilho de carimã — tira do solo, com seu membro imenso, o leite terrestre e toda energia de que as mulheres necessitam.<sup>40</sup> Biblicamente, desde os tempos patriarcais, os hebreus tinham atração pela terra de Canaã que, metaforicamente, manava leite e mel,<sup>41</sup> isto é, saúde e promessa, por causa da abundante pastagem para as vacas, ovelhas, cabras e camelas. Na aldeia mairum, o leite-chibé corre em cascata nos cuités das meninas-moças *como em todas as terras primeiras das quais o homem se viu expulso*.<sup>42</sup>

Para os cristãos leite (Palavra) é o alimento espiritual genuíno que nutre e fortalece a alma dos novos convertidos para o alimento sólido da salvação e do oráculo de Deus<sup>43</sup>. O leite é ainda refrigério para estranhos e visitantes. No Antigo Testamento, Abraão serviu coagulada e leite a três sobre-humanos e depois recebeu de um deles o anúncio de que Sara, sua esposa, daria à luz um filho, mesmo depois de haver-lhe *cessado o costume das mulheres*.<sup>44</sup> Alma, *a estrangeira*, não serviu leite-chibé a nenhum homem na grande festa de reapresentação das moças, talvez por isso tenha sido a Mosaingar-mirixorã de parto mestiço natimorto e não conseguira recuperar o mito da origem tribal.

Os mairuns levam à reclusão mas também festejam as recém-

---

39 RIBEIRO, op. cit., p. 278.

40 Conferir o *des-credo* ou o *des-creio* de Isaías-Avá: ...Maira-Monan / (Com seu membro imenso crescendo debaixo da terra, como uma raiz para todas as mulheres). Id., *ibid.*, p. 107.

41 **Êxodo**, 3: 8.

42 Jean CHEVALIER & Alain GHEERBRANT, **Dicionário de símbolos**, p. 603.

43 **1 Pedro**, 2: 2; **1 Coríntios**, 3: 2; **Hebreus**, 5: 12-14.

44 **Gênesis**, 18: 8-11.

menstruadas. Por outro lado, a Bíblia, desde o pentateuco ou cânon judaico lido semanalmente na sinagoga (congregação de Israel), considera os fluxos naturais da mulher e do homem, ligados com as funções de reprodução, extremamente impuros, profanos. Tornam suas vítimas ritualmente imundas:

Falai aos filhos de Israel e dizei-lhes: Qualquer homem que tiver fluxo seminal do seu corpo, será imundo por causa do fluxo (...).

A mulher, quando tiver o fluxo de sangue, se este for o fluxo costumeiro do seu corpo, estará sete dias na sua menstruação, e qualquer que a tocar será imundo até à tarde.

Tudo sobre que ela se deitar durante a menstruação, será imundo; e tudo sobre que se assentar, será imundo.<sup>45</sup>

Esse conceito de *impureza menstrual* e de situação inferior da mulher vem do Antigo Testamento aos nossos dias, pois o sexo feminino ainda é excluído do altar, para as funções de celebrante, embora Cristo tenha ensinado que a única impureza é a que vem do coração do homem.<sup>46</sup>

Percebe-se que o sangue tem dupla polaridade. É divino, re-dentor, como o amor de Deus e o Espírito Santo. Também é impuro, contaminador, como a deificação (apoteose do EU) e o extermínio do homem ou de uma raça no seu habitat (*Paraíso*).

O mundo tribal de **Maíra**, até certo ponto da narrativa, expressa vigor e energia. Mas, à medida que o mundo civilizado avança e é incorporado com seus valores inautênticos, a aldeia vai se degradando e seus mitos perdendo a eficácia. Motivo suficiente para justificar a presença de cinco capítulos dedicados aos ritos de iniciação, nas quatro partes do romance, como uma tentativa de recuperar o *ethos* tribal em decadência.<sup>47</sup>

---

45 **Levítico**, 15: 1, 19, 20. Consultar ainda o cap. 12: 1-5. Na edição católica (Barsa), *fluxo seminal* foi traduzido como *purgação*.

46 **Mateus**, 15: 18.

47 Na primeira parte, o capítulo *Nandeiara*, p. 43 (iniciação das crianças); na segunda parte, os capítulos *Sucuridjuredá*, p. 75 e *Jurupari*, p. 95 (iniciação dos rapazes); na terceira parte, o capítulo *O sangue e o leite*, p. 277 (iniciação das moças) e, finalmente, na quarta parte, o capítulo *Tuxuaureté* (novamente iniciação dos rapazes) - a *amarração* do guerreiro, p. 393.

Por esses ritos de morte simbólica os noviços (simbolicamente sacrificados) retornam às camadas mais profundas da identidade original e emergem renascidos, espera-se, para uma nova vida.<sup>48</sup>

### 3.2 OS RITOS DE RETORNO OU DE CHEGADA

Do ponto de vista espiritual, viagem é a tensão da busca da verdade e da mudança de um estado para o outro. Estudar no seminário e viver profundamente o novo — como Isaías-Avá, e chegar à aldeia na esperança de integrar-se ao primitivo, como fizera Almacarioca —, é viajar, é estar a serviço de Deus, é peregrinar à procura da espiritualidade perdida. Entretanto, a verdadeira viagem nunca é uma fuga ou uma submissão, mas sim evolução para a luz. Isaías-Avá foi submisso à cartilha cristã, dos brancos, e evoluiu para as trevas até seu retorno ao ponto de partida, Iparaná. Volta peregrino à sua aldeia, em busca da identificação pessoal, do Avá perdido. Volta dúbio: ao seu povo, ou para dedicar-se ao sacerdócio? Volta ninguém:

Mas gente, eu sou? Não, não sou ninguém. [... *E o próximo deixará*] que um índio de merda o abençoe, o confesse, o perdoe?

(...) Belga ou holandês pode catequizar índio. Espanhol e italiano e até norte-americano pode pregar na Itália, na França, no Brasil, onde quiser. Mas eu, índio mairum, posso ser sacerdote deles?<sup>49</sup>

Isaías perdeu a alma, seu lado divino, possuidor da vida de homem mairum, por isso retorna com Alma-estrangeira e ambos devem purgar plenamente o espírito corrompido pela civilização. A alma para o cristão é imortal, mas, em **Maíra**, Alma passa a ser Mosaingar ou *Nossa Senhora Grávida de Deus*, profana; morre de parto duplo e frustra a proposta mítica de renovação tribal.

---

48 Ver, por exemplo, Joseph L. HENDERSON - O arquétipo de iniciação. In: Carl G. JUNG, **O homem e seus símbolos**, p. 129-31.

49 RIBEIRO, op. cit., p. 29.

Isaías e Alma dirigem-se ao Iparanã existencialmente diferentes, transtornados. Ao longo do Estirão do Meio, ainda a caminho e estendida na areia,

Alma sente também que não deve falar. Nada há de comum entre a sua história anterior e esses dias de espera dos tempos que virão. Que tempos? Ela adivinha que, de alguma forma, Isaías está morrendo e ela está nascendo e vice-versa. Cada um deles se transfigura. Só se pergunta: renascendo como? Renascendo para quê? Se já não creio no que me trouxe aqui, aonde vou? A que vou? Por que sigo?<sup>50</sup>

Os capítulos *O beijo*, *A boca*, *A língua*, *A goela*, *O goto* e *O bucho* narram a travessia tormentosa de uma mulher que vai e de um homem que vem, pelo mesmo caminho, isto é, no interior do próprio ser, rumo à aldeia e, ambos, à procura da essência perdida no mundo civilizado.<sup>51</sup>

Agora o douglas voa baixo por cima dos cerrados do Iparanã e, antevendo o amargor da cultura mairum pelos séculos dos séculos — um davizinho lutando contra um supergolias civilizador — ou melhor, pressentindo a própria morte, na fusão do primitivo com a civilização que ela, Alma, representa:

Alma se pergunta por que sente tanto medo se não tem medo de morrer. Duas vezes tentei matar-me, recorda, mas essa viagem será minha morte. Não o fim da existência que tive até hoje, mas uma interrupção brusca, brutal. Por que sinto tanto pavor? (...)

O avião alcança, afinal, ares limpos e segue varando a manhã tranqüila. Mas Alma continua sobressaltada (...). Este meu dia de hoje tem gosto de último dia. É uma premonição (...). Atrás dessa bonança está a verdade da minha morte. Não haverá amanhã.<sup>52</sup>

Finalmente, do remo nas lonjuras do Estirão do Meio, a chegada ao *mundo albeio*, Mairum-Coracipor, dos vivos e, sobretudo, ao mundo Ambir, dos mortos, de Anacã-Manon, pois

---

50 Id., *ibid.*, p. 242

51 Ver, por exemplo, José FERNANDES, *O existencialismo na ficção brasileira*, p. 89 e 127.

52 RIBEIRO, *op. cit.*, p. 136-7.

*Índio está acabando. Morreu muito.*<sup>53</sup>

Toda a aldeia desce à praia para esperar o destinado a substituir o tuxaua. Jaguar e Maxi com os demais jovens que os seguem nadam ao encontro da canoinha, tocam-na

com a mão, como uma coisa mágica, e vêm nadando ao seu lado, de frente e de costas, para ver, olhar e ver outra vez.<sup>54</sup>

Isaías e Alma apeiam e os mairuns abrem um círculo amplo em volta deles, tentando adivinhar o que significaria aquela caraíba, ou mirixorã Canindejub ao seu lado.

Depois de algum tempo, começa o choro cerimonial dos homens, sem lágrimas, seguido do pranto inteiro das mulheres. Param de repente e o aroe Remui fala com detalhes sobre a morte e sepultamento de Anacã. Teró relembra longa e demoradamente a morte de todos os mairuns conhecidos de Avá que morreram nos longos anos de sua ausência. Os três homens (Teró, Remui e Avá) continuam a chorar e a rodar abraçados. Choram por si mesmos e por todos os mortos.<sup>55</sup>

Chegando à aldeia, Avá é levado diretamente para a casa-dos-homens e sentado num banquinho em frente do aroe a fim de apresentar o relatório (falar longamente) sobre tudo o que seu espírito entendeu do grande e complicado mundo dos brancos e também ser argüido pelos homens do baíto, inclusive sobre a bomba do fim do mundo e o tão falado país da felicidade. Mas

*O prestígio de Avá sai muito abalado desta provação.*<sup>56</sup>

Isaías-Avá perdeu a substância e volta à aldeia mairum, *Rominba minba*, de onde emana a matéria cósmica fundante e a água lustral, na esperança de curar suas pisaduras e recuperar as

---

53 Id., *ibid.*, p. 256.

54 Id., *ibid.*, p. 257.

55 Id., *ibid.*, p. 258.

56 Id., *ibid.*, p. 262.

forças perdidas, pois retorna vazio de si, raquítico, tosquiado — um equívoco sacerdotal e tribal. Confessa:

Volto despojado de mim, do meu ser que eu era comigo, no meu eu de menino mairum que um dia fui. Quem sou? Volto em busca de mim (...). Ele, o outro, o futuro de mim, eu o farei, não seguindo no que sou. Ele só nascerá quando eu me desviar de mim, do falso eu que encarno agora para deixar livre o espaço onde ele há de ser (...). Volto, agora que volto de verdade, me perguntando quem é o ser que levo a meu povo (...). Não sou inocente. Não sou culpado. Sou um equívoco (...). Fui a ovelha do senhor. Volto tosquiado: sem glória sacerdotal, sem santidade, sem sabedoria, sem nada. Tudo que tenho são duas mãos inábeis e uma cabeça cheia de ladainhas. E este coração aflito que me sai pela boca.<sup>57</sup>

Mas *minha aldeia mairum*, *Rominha minha*, é o anfiteatro eterno de índios-cristãos lançados às feras. Por certo Isaías desejaria fortalecer-se para ser o Pontífice-Avá no combate contra o império civilizador que cataloga o comércio da fé e da ingenuidade, juntamente com os mercadores das terras brasileiras, os quais se enriquecem à custa da exploração dos mais fracos. Isaías regressa, depois de muitos anos de desterro, e percebe que sua Rominha se transfigurou numa Babilônia decadente, devassa, invadida, doente. É um oco no espaço, no tempo futuro e apocalíptico, porquanto

Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa de sua luxúria (...)

E, sobre ela, choram e pranteiam os mercadores da terra, porque já ninguém compra a sua mercadoria, mercadoria de ouro, de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho finíssimo, de púrpura, de seda, de escarlata, e toda espécie de madeira odorífera, todo gênero de objeto de marfim, toda qualidade de móvel de madeira preciosíssima (...), flor de farinha, trigo, gado, ovelhas, e de cavalos, de carros, de escravos, e até almas humanas.<sup>58</sup>

---

57 Id., *ibid.*, p. 66-7.

58 *Apocalipse*, 18: 3, 11-13.

Os renegados serão os habitantes dessa aldeia mairum e para lá se dirigirão os peregrinos da fé, como Isaiás-Avá. No entanto, não seria a primeira vez que a Grande Cidade se embriagara com o sangue dos profetas, dos inocentes e com o sangue das verdadeiras testemunhas de Cristo.

### 3.3 O LAVA-MÃOS, A PURIFICAÇÃO

No sacrifício há sempre uma conexão entre puro e impuro, sagrado e profano. Aquele que deseja defrontar com o divino, ajoelhar-se diante da mesa consagrada, deve afastar-se do cotidiano que avilta, degrada e mancha o próximo e a si mesmo. Só os limpos podem aproximar-se de Deus, por isso os que têm as mãos sujas do sangue inocente, de uma raça ou de uma tribo, os que trazem o coração cheio de maus desígnios e honram o Senhor apenas com os lábios devem purificar-se espiritualmente:

[Ó Deus ...] *Lava-me por completo da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado.*<sup>59</sup>

A vítima também deve ser lavada, antes de ser oferecida. Mas os índios, desde antes de perderem a condição divina, paradisíaca e de liberdade em que viviam neste mundo, sempre prestaram muita atenção à limpeza e decoração de seus corpos. Banhavam-se várias vezes no rio, de manhã e à tarde. E, em casa, com folhas amassadas, como se fossem buchas. Os primitivos, em estado natural, não contaminados pela impureza do branco têm, na sua nudez primordial, o asseio em alta conta. Somente depois de cristianizados e civilizados é que perdem o vigor físico com doenças contagiosas, pinga e fome. Passam a andar sujos, bêbados e banguelas. Completamente impuros.

---

59 Salmos, 51 (50): 2.

A violência e o sagrado entrecruzam-se. Pilatos lavou as mãos para declarar-se ou tornar-se puro de toda mácula e livre da responsabilidade pelos atos praticados contra o Inocente, bem como para isentar-se de todas as terríveis conseqüências deles (atos) advindas. Tal gesto não basta para lavar a consciência e apropriar-se do fogaréu, da força invisível que agrada a Deus. A purificação por causa de um etnocídio dar-se-ia com a fervura diária no Espírito e lavação abundante na evangelização libertadora dos oprimidos. No entanto, a catarse na Missão de Nossa Senhora Grávida de Deus segue o ritual em que

Dois exercícios quotidianos esforçados, gemidos, suados, mantêm as almas limpas dentro dos corpos e os corpos pulcros dentro da vida. Orações, mementos, rezas, cantos, exorcismos limpam as almas, as alisam e engomam, durinhas, como os cabeçotes brancos do golete habitual das freiras. Lavações abundantes, espumosas, de água e sabão, lixiviam toda a lascívia do corpo. Asseiam, separadas, claras roupas íntimas, secretas e negras sotainas e vestes talares de freiras e padres. Nenhum átomo de suor, nem chulé, nem esperma, nem catarro, nem vômito, nem sangue, nem excremento, nem menstruo, nem urina, nem lágrima, nem nada que seja de bicho há de ficar. Nenhum exsudo, nada, pode manchar essas vestes angelicais.

A soda que comeu o sebo no milagre de fazer sabão, também come, sedenta, todo sujo, toda mancha, toda corrupção. Nada há de ficar. E se ficar, a fervura hebdomadária no cal e na cinza há de lavar. Há de limpar.<sup>60</sup>

Por sua vez Xisto, o profeta tipo pentecostal, arrancou a língua de Perpetinha para que seu corpo não se tornasse impuro e sua alma se perdesse na possessão demoníaca. A devota de voz límpida veio a falecer em decorrência desse exorcismo. Os soldados desceram de Creciúma, tomaram Corrutela e

Prenderam seu Cleto que num ataque de fúria, para vingar a filha, sangrou a Xisto e ganhou o mato, onde foi encontrado completamente louco. Xisto fugiu. Ninguém sabe para onde.<sup>61</sup>

---

60 RIBEIRO, op. cit., p. 164.

61 Id., ibid., p. 361-2.

A violência e o sagrado se confundem. A impureza relaciona-se com o perigo, com a instalação da violência na comunidade, sob a égide da purificação. O que dá vida e salvação pode também matar. O que suja e torna impuro é ao mesmo tempo aquilo ou aquele que purifica e limpa e faz reviver.

[Xisto] acabou a bebedeira mandando o povo quebrar, uma-por-uma, todas as garrafas de pinga na venda de seu Melchior. A prostituição, amontando as putas num barco com bastante comida e fazendo-as remar rio abaixo para Creciúma.

Quem jogará a primeira pedra? Quem acusará Xisto? Não serei eu, pensa Bob (...).<sup>62</sup>

Os homens não conseguem penetrar no enigma dessa dualidade e distinguir entre a boa e má violência. Infelizmente, quando o puro e o impuro se confundem, nada mais pode ser purificado.<sup>63</sup> Só restarão os fariseus que não observam a Palavra e insistem no lavamãos, na limpeza dos dedos e com o coração longe de Deus.<sup>64</sup>

A pureza deveria consistir no espírito de doação e ter início no íntimo de cada um e se estender para a totalidade da vida externa até as praias do Iparanã, no convívio com os oprimidos.

### 3.4 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

O Senhor da seara e o senador Andorinha estão conosco. Mãos ao alto! Nossa vida está em miséria. Lamentemos sempre a Deus e a Mãira em todo lugar. É o que nos resta da *boa nova* e da *salvação* anunciadas.

Na verdade, é justo e necessário prantearmos os setores não *progressistas* da Igreja com gemidos, lamentarmos toda morte, ma-

---

62 Id., *ibid.*, p. 359.

63 Conferir René GIRARD, *A violência e o sagrado*, p. 53-5.

64 *Marcos*, 7: 3, 6-7; *Isaías*, 29: 13.

zela e agonia do povo — provenientes de um envolvimento político do sacerdócio com os poderosos da terra.

Com o testemunho da lei e dos profetas, representados em **Maíra** por Isaías-Avá, Xisto, Major Nonato e Elias, este último funcionário da FUNAI, cujo interesse maior era a própria promoção,<sup>65</sup> descobrimos que pela **Bíblia** e pela Cruz não venceremos o Poder, não chegaremos à integração que liberta. E, enquanto descremos da realização plena das promessas de políticos e de todos os *enviados*, nós clamamos a uma só voz pela transfiguração de cada cultura no paradigma do Reino, pois Deus *é* em todas as culturas e raças. Não apenas no idioma do Império Romano, dos senhores da Palestina e dos teólogos:

*Sanctus. Sanctus. Sanctus*  
*Dominus, Deus Sabaoth*  
*Pleni sunt coeli et terra gloria tua*  
*Hosanna in excelsis.*<sup>66</sup>

Senhor, mande o Espírito Santo a fim de que as nossas oferendas nos ritos de passagem não sejam em vão e se mudem no corpo e no sangue de Cristo. Maíra, arrote do Velho Ambir, penetre em Remui, Teidju (oxim, curandeiro), em Jaguar e Avá para a continuidade tribal dentro de um novo contexto multi-étnico.

Esses mairuns são possuídos por Maíra<sup>67</sup> que sai desolado de

---

65 "Pelo que observei até agora, [o senhor Elias] vive como um fazendeiro, com o rebanho do Posto para seu desfrute, e três homens a seu serviço para cuidar do gado, tirar leite e carpir a modesta roça (...).

Pelo que vejo a coisa está muito bem urdida e justificada para que os índios fiquem na aldeia como índios e os agentes nos Postos como seus remotos tutores. O resultado é que eles jamais se integrarão nos usos e costumes da civilização. Mas é também que os funcionários da FUNAI não perderão seus empregos de burocratas-afazendados à custa da fazenda nacional". RIBEIRO, op. cit., p. 91 e 93. Acrescente-se que Elias é nome do profeta bíblico extraordinário, contra os cultos pagãos e desapegado de bens materiais.

66 Id., *ibid.*, p. 165. — Santo, Santo, Santo,  
Senhor, Deus dos Exércitos!  
O céu e a terra proclamam tua glória.  
Hosana nas alturas!

67 Conferir os capítulos *Maíra:Remui* (p. 269), *Maíra:Teidju* (p. 280), *Maíra:Jaguar* (p. 297) e *Maíra:Avá* (p. 316).

dentro deles, principalmente das entranhas de Isaías-Avá de onde por certo ouviria este desabafo cristão, no momento eucarístico:

Tu, meu Pai, me viste soluçar e não me socorreste. Será tempo ainda? Serei salvo? Senhor, sinto, pesando sobre meu peito, a pedra do Santo Sepulcro. Cristo não ressuscitou para mim. Estou seco, meu pai, como uma fonte que secou sozinha no deserto, sem matar nenhuma sede (...). Minha oferenda a ti sou eu. Agora sou eu que me rio de Ti. Rio chorando, meu Deus. Aqui está à Tua frente a Tua obra, em oferenda, tal qual a fizeste. Toma! Comunguei mil vezes Teu corpo, Teu sangue; comunga-me Tu, agora, comunga-me a mim, em espírito (...) É curiosa esta fome voraz da minha dentadura espiritual e esta inapetência sem remédio de minha boca carnal. Inapetência? (...) Sou uma pobre máquina de pensar e de rezar, que Deus me ajude.<sup>68</sup>

Avá saiu do meio de seu povo como o judeu do Egito rumo à Terra Prometida, marcou as portas da civilização com o sangue de sua pureza mairum e foi *abatido* sacrificialmente pelos sacerdotes da Igreja. Agora, irônica e inversamente, convida o Pai para comungá-lo, como vítima dessa imolação.

A comunhão, através do ato de comer e beber Cristo *em memória*, é um ritual de fortalecimento e união dos fiéis. Mas também sugere um ritual antropofágico com antecedentes no cerimonial totêmico e de canibalismo praticado pelas religiões primitivas e arcaicas. No rito cristão da missa ou da ceia evangélica (*protestante*), o fiel sacrifica simbolicamente Cristo, mais uma vez, *em memória* dEle, reatualizando e imitando o modelo sagrado, a fim de aproximar-se da santidade e evitar a secura da alma, a morte do espírito divino dentro de si. Mas o Deus-homem muitas vezes é doado, na brancura do amido, de forma inadequada, mecanicamente, e distante (dos hábitos de refeição) da comunidade:

---

68 Id., *ibid.*, p. 221-2 e 321.

*Accípite, et manducáte ex hoc omnes.  
Hoc es enim Corpus meum Accípite et bíbite ex eo omnes.  
Hic est enim calix ságuinis mei  
Dómine, non sum dignus,  
ut intres sub tectum meum  
Benedictus, qui venit in nomine Domini  
Hosanna in excelsis.<sup>69</sup>*

A missão do padre Aquino e Vecchio só se interessava pela língua indígena, quando dizia respeito à *Etnografia Mairum* que seus religiosos estavam escrevendo. Termos equivalentes ao pão judaico-cristão, como *beiju*, e à cor vermelha, do vinho, como *urucum*, deveriam constar, provavelmente e apenas, em verbetes dos dicionários de sacerdotes *progressistas*. Nunca em missa-mairum-consevadora.

Quanto ao rito primitivo, a morte sacrificial do animal totêmico, considerado o antepassado da raça e que dá nome ao clã, segue critérios rigorosos, pois é a espécie na condição sagrada que está em questão. Daí uma série de tabus com relação ao totem cujo consumo só é permitido *em determinadas ocasiões rituais e seguindo todo um cerimonial coberto de regras e procedimentos formais*.<sup>70</sup>

Jaguar, sobrinho de Isaías-Avá, logo após os ritos de iniciação dos guerreiros, o sucuridjuredá, seguiu adiante com seu amigo Maxi e regressaram três dias depois. Jaguar vinha disforme e vestido na pele de uma onça que só deveria ser morta com a participação de todos os membros do clã oposto e consumida coletivamente para a identificação com o ancestral sagrado. Por esse motivo, o aroe apressou-se em transformar a transgressão do filho de Teró numa complementação cerimonial ao tigrão Anacã, no pátio de danças sepultado:

O aroe surge de repente, frente a Jaguar que se estatela ao vê-lo e ao ouvir a zoadá levíssima mas urgentíssima que ele tira do maracazinho e

---

69 Id., *ibid.*, p. 166. — *Tomai, todos, e comei:/ Isto é o meu corpo/ Tomai, todos, e bebei:/ Este é o cálice do meu sangue/ Senhor, eu não sou digno/ de que entreis em minha morada/ Bendito o que vem em nome do Senhor/ Hosana nas alturas*. Conferir também **Lucas**, 22: 19-20; **Marcos**, 14: 22-24.

70 Luiz Gonzaga de MELLO, *Antropologia cultural*, p. 413.

da flauta. Comandando-o com os olhos, o velho aroe faz Jaguar aproximar-se da sepultura de Anacã e ajoelhar-se ali. Começa, então, a falar em voz baixa e forte:

— Anacã, é Jaguar que aqui está, diante de você. Seu sobrinho-neto Jaguar. Ele trouxe o jaguarum, acanguçupixum. Trouxe para você, irmão do jaguar, o pai de todas as onças (...). Eles [os carcarás] o hão de matar. Para isso, aí está Teró que vai sangrar, agora mesmo, o jaguarum.<sup>71</sup>

Ao matar o jaguar-onça, Jaguar estaria matando simbolicamente o tio Isaías-Avá, usurpando-lhe a função de tuxaua e trazendo para a tribo todas as conseqüências desse ato de transgressão e de violência contra o sagrado. Matar o tigre e trazer-lhe a pele agarrada à cabeça era façanha para os homens dos outros clãs, mas Jaguar não resistiu ao incesto próprio dos mitos. Embora não lhe tenha comido a carne vermelha, profana, absorveu-lhe o poder, a força sagrada para ser muito mais Jaguar, para ser o futuro tuxaua:

Minha, mais ainda, aquela onça foi ... minha, como minha irmã Mbia, antes de menstruar, minha, mais minha, toda minha, aquela onça foi, quando eu por dois dias e duas noites andei debaixo do peso do seu couro, do peso de suas garras, do peso da sua cabeça. E quase fui dela. Principalmente quando entraram em mim os sentimentos de força e de glória com que ela desnucou um-por-um e depois dilacerou tantos bichos grandes, inclusive um caçador caraíba.

Sei, dentro de mim, que sou mais Jaguar, o jaguar das onças, agora que sou o onção vivente (...). Tuxaua não sou, mas tuxaua serei.<sup>72</sup>

Dessa forma, a comunhão cristã, ao comungar Cristo, Deus-homem, apresenta estreita relação com as crenças totêmicas, com o religioso primitivo (canibal) em que o homem-animal, o ancestral sacrificado, transforma-se no sagrado pela participação coletiva ou pela partilha que purifica — e nutre até o próprio sagrado.

Eis o mistério da fé!

---

71 RIBEIRO, op. cit., p. 82.

72 Id., ibid., p. 229 e 303. Ver, também, p. 395.

Por outro lado, entre os primitivos e semicivilizados, principalmente, o estrangeiro é cuidadosamente isolado e deve submeter-se às formalidades e cerimônias de agregação para incorporar-se ao grupo. Alma não passou pelo *sacramento da comunhão*, pelo ritual do sangue e do leite-chibé, ou por qualquer outro rito de agregação do estrangeiro. Permaneceu profana, como na antiga vida carioca, desprovida de potencialidade mágico-religiosa. Talvez por isso tenha sido possuída por Micura, irmão gêmeo de Maíra, gerado não por vontade do antepassado mítico, mas por exigência do próprio Maíra. Os mairuns verdadeiros foram possuídos por Maíra, entretanto Micura penetra Alma e comunga com ela a mesma característica — não serem verdadeiros mairuns.<sup>73</sup> Além do mais, Micura é um gambazinho fedorento, alheio ao perfume agradável que se espera no sacrifício a Deus.

**E agora, ó Pai, lembre-Se dos índios e de todos os marginalizados do Brasil, pelos quais Lhe oferecemos esse sacrifício.**

**Que o Espírito nos una num só corpo e nos ensine a superar a violência da escravidão, do desemprego e da fome, para que nossas bocas louvem ao Senhor e recebam, purificadas da miséria, o cordeiro de Deus.**

Ilumine os condutores do rebanho para que caminhemos sob as mãos de um pastor-não-delirante, que nos proteja de animais ferozes e se responsabilize pelas ovelhas massacradas, perdidas ou tosquizadas nos pastos do lucro fácil.

Dê-nos força para construirmos o nosso reino que também é do Senhor — ainda que, para isso, devamos derramar o nosso sangue.

.....  
O Senhor é o Pai que seu Filho sacrifica e reparte.

---

73 Florentina da SILVA SOUZA em *Maíra: narrativa da esperança perdida* [dissertação de mestrado datilografada e xerocopiada, UFPb, 1984], p. 27-8, sugere essa possibilidade.

Nós somos os filhos que nos salvamos, sangrando,  
Entregando, outra vez, o corpo do Filho de Deus.  
Derramando, outra vez, o seu Santo Sangue.  
Tua Carne, comemos. Teu Sangue, bebemos.  
Anunciamos tua morte.  
Proclamamos tua ressurreição.  
Deus, meu Deus é morto: até que volte para me julgar.  
Deus, meu Deus é vivo: olha e espera.

*Per ipsum, et cum ipso, et in ipso.  
est tibi Deo Patri omnipotenti in unitate Spiritus Sancti,  
Per omnia saecula saeculorum Amen.*<sup>74</sup>

Amém!

### 3.5 CANTO DE COMUNHÃO

Na mesa do lar / muitas famílias não têm pão, / na mesa do altar / fica a nossa aflição.

No deserto o Senhor saciou / o Seu povo com maná. / Também hoje, brasileiros passam fome / e procuram o Seu altar. / São famílias exploradas por um mundo / que não sabe partilhar.

Na Terra Prometida / Israel teve um lar. / Agora esses índios peregrinos e pataxós / uma casa em Brasília vêm buscar. / São famílias ao relento, sem teto / e sem chão onde plantar.

Quem partilha esta ceia, / solidário vai logo gritar / que os mairuns têm o direito de ser gente, / de ter oca e terra onde morar. / Não nos deixe indiferentes / à injustiça, à opressão. / É Jesus quem defendemos neste triste refrão:

**Nos capinzais nativos, / como os dos Epexãs, / já se podem começar os criatórios, / quase sem trabalho, / pois são terras iparanãs ... / Será um povão de gado sumido / no capinzal**

74 RIBEIRO, op. cit., p. 166. *Por Ele, com Ele, nEle, / a Ti Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, / pelos séculos dos séculos. Amém.*

**gordo de jaraguá, / só com a chifraria de fora / brilhando ao sol de lá.<sup>75</sup>**

Em decorrência disso há prostração na aldeia. O silêncio interior fala eloqüentemente à espera da ressurreição anunciada e do resgate da dignidade e de um corpo saudável, glorioso, que nunca acontece. (Somos educados e treinados para a passividade e para a renúncia). Silêncio. Houve um silêncio antes da criação. Haverá outro silêncio no final dos tempos, quando a criação voltar ao nada, ao caos. Pois

*Os mortos não louvam o Senhor, nem os que descem à região do silêncio.<sup>76</sup>*

O silêncio é uma grande cerimônia mediante o mistério:

*No silêncio de morte e de incenso, o povo de Deus medita o mistério.<sup>77</sup>*

Mistério cuja resposta será o quirielêisom e o réquiem por parte da Igreja.

**Por Cristo, Nosso Senhor,  
Amém!**

---

75 Id., *ibid.*, p. 295. Também foi consultado e *adulterado* o boletim **Comunicação e participação** da Arquidiocese de Goiânia, n. 590, 6 mar. 1994.

76 **Salmos**, 115: 17.

77 RIBEIRO, *op. cit.*, p. 166.

# 4

## RITOS FINAIS, O *CORPUS*

A quarta e última parte do romance **Maíra** intitula-se *Corpus*. Será considerada como o que restou do impacto da civilização sobre a aldeia mairum, a representante das últimas populações indígenas resistentes ao avanço predatório dos que se arvoram em civilizados. Ironicamente, é um corte feito na realidade da missa e do culto cristão para verificar a estrutura dos sobreviventes, a consistência de seu *corpus* mítico tribal.

Cada grupo, cada clã e toda comunidade humana têm um conjunto de crenças e mitos que explica sua origem e a do universo, diferenciando-os de outros grupos. Nesses mitos o grupo (ou a tribo) encontra justificativa para normas de comportamento, para ritos, cerimônias e elementos de fé. No entanto, o impacto com a civilização exige da aldeia a elaboração de novas explicações do mundo, um novo corpo de valores e a redefinição do corpo mítico. Por conseguinte, muitas tribos surpreendem pela capacidade de preservar seu patrimônio cultural e adaptar a própria mitologia à presença e aos temas dos invasores. Maíra, o deus tribal, arbitrário e vigoroso, por exemplo, passa a ser descrito em algumas tribos, como a dos *Kaapor*, com adornos e arranjo de decoro iguais aos homens da comunidade. Dessa forma, o deus se torna acessível a quem arriscar os perigos do percurso para alcançá-lo. E, para explicar a presença dos brancos em

suas aldeias, os textos míticos revelam que Maíra ensinou somente aos caraíbas a técnica do fabrico de ferramentas, armas e tecidos, deixando a seu próprio povo somente arcos, flechas e penas. Já se discute a cor do herói: talvez não seja mais moreno como os Urubu, porém branco e careca como um Maíra europeizado e vestido de espelhos.<sup>1</sup>

O rito de encerramento dessa missa pode apresentar um saldo com os seguintes aspectos: *Os sêmens do espírito* propostos por Teidju, o curandeiro e pajé-sacaca mairum, que diagnostica a ambigüidade essencial de Isaías-Avá e preconiza que somente um oxim poderá preparar o ex-seminarista para a (re)transfiguração; o pedido de perdão da Igreja, representada pelos padres Aquino e Vecchio, no capítulo *Kyriê*; o *Indez* ou *corpus* sobrevivente ao impacto civilizatório. Tais aspectos são explicitados nos itens subseqüentes, acrescidos da *Benção Final*.

#### 4.1 AS SEMENTES DO ESPÍRITO

O regresso de Isaías-Avá era também a esperança da semente de aroe no ventre de uma mairuna cujo clã fosse oposto ao seu. Assim, Teró se apressa em oferecer-lhe a sobrinha Inimá como esposa. Porém o ex-seminarista volta *morno*, astênico, fraco e reduzido a uma calça puída. Elege como único amigo o oxim com quem, muitas vezes, toma refeições e se sente mais à vontade do que com os da casa-dos-homens ou as da casa das mulheres-onças, do seu clã Jaguar. Inimá, a gaviázinha, vive, então, como se não tivesse marido para trocar idéias e dividir comida.

Mais grave ainda é que Avá se desmoraliza como fonte de saber

---

<sup>1</sup> Sobre essas variações da significação do nome (e da atuação) da personagem mítica Maíra, como designativo do herói-civilizador indígena, ver Darcy RIBEIRO, *Os índios e a civilização*, p. 382 e Egon SCHADEN, *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil*, p. 130.

religioso, diante da autoridade e sapiência do pajé-sacaca-oxim, que ganha ascendência sobre ele e o protege de sua ambigüidade essencial, genética até, pois sua mãe, Moitá, sururucou com vários homens e misturou os sêmens cujos pais não ficaram todos de choco, quando ele nasceu. Isaías está débil. Precisa curar-se, restaurar-se, e ambos aprofundam a amizade pelo interesse comum em matéria tão complexa como magia, feitiçaria e pajelança.

Os sacerdotes assírio-babilônicos eruditos compilavam sistematicamente longas séries de presságios com interpretações diversas em manuais cuneiformes. E os sacerdotes bíblicos geralmente eram consultados sobre os presságios e sobre as doenças do povo. Mas, quando Israel se encontrava em grande consternação, Isaías os admoestou de que Yahweh era (é) o único e verdadeiro Deus capaz de prestar auxílio e profetizou contra os magos e intérpretes-sacerdotes dos céus, como os contemporâneos da queda de Babilônia.<sup>2</sup> Em **Maíra**, contrariamente, Isaías-Avá foi buscar no oxim, uma espécie de xamã ou de médico-feiticeiro, o estímulo psicológico de que necessitava para combater as mazelas adquiridas nos anos de maceração dentro do seminário e no mundo civilizado, onde predomina a repulsa ao que é natural. E também para encontrar sua identidade perdida. Que seja ele pelo menos um Pajé-Anhé em sua aldeia!

Convém, aqui, abrir um parêntese para estabelecer uma diferença entre termos próximos e tão complexos referentes às crenças e práticas extraordinárias de fé, como magia, feitiçaria, bruxaria e xamanismo. Magia é o domínio e o controle, em determinadas condições, das forças sobrenaturais, animistas e manaístas (ou que se manifestam no incomum que não é obra dos espíritos). A feitiçaria não depende do sobrenatural, utiliza-se da manipulação de objetos materiais ou de expressões verbais contra um indivíduo em particular, uma comunidade ou uma determinada região. A feitiçaria é a magia usada para fins maus, anti-sociais. É uma forma de agressão e

---

<sup>2</sup> Isaías, 47: 11-13.

de exercer poder sobre os outros e contra os seus bens. Magia é um termo mais neutro em que semelhantes se influenciam mutuamente. Bruxaria é uma força inerente à pessoa que a tem, independentemente de sua vontade, como o mau-olhado; ou controlada por ela — pois o sobrenatural fica *a serviço de suas intenções de atacar* [ou não] *alguém magicamente*.<sup>3</sup> Pode haver uma combinação de feitiçaria com bruxaria. Xamanismo é a religião primitiva caracterizada pelo transe medianímico e pela crença em um mundo invisível de deuses, demônios e espíritos ancestrais que podem ser influenciados ou controlados apenas pelos xamãs (para os antropólogos) ou pajés (para os indígenas brasileiros). As práticas xamanísticas utilizam-se de tabaco, plantas alucinógenas, instrumentos musicais como o chocalho e incluem visões, adivinhações, sonhos e *viagens* durante as quais a alma se livra do corpo e se move no tempo e no espaço. Essas *viagens* e sonhos trazem aos xamãs ou pajés o poder de profecia e de transfiguração:

Algum tempo depois de completado o diagnóstico-vaticínio, o oxim já está vendo as unhas do Avá ficarem roxas, os lábios pálidos e todo um ar doentio se instalar nele.

Repete sem cessar que ele, somente ele, o oxim pode prepará-lo para a transfiguração. Basta que o Avá queira. Basta que o Avá peça muito. Mas, para isto, será preciso que o Avá renuncie a tudo e a todos e vá morar numa outra cabanazinha armada ao lado da sua, na sombra da casa dos quatis. Ali deverá ficar por muito tempo, sempre na rede, sem pôr jamais os pés no chão. Lá ele deve viver envolvido, durante todo o tempo, na fumaça de charutos especiais de tabaco e pitins, que o oxim soprará nele. Em certas ocasiões precisará ficar mergulhado em fumaça de pimenta e raízes, chorando e espirrando para pôr para fora todo o veneno que tem dentro, toda a natureza solar ruim que o está envenenando. Assim se limpará para que comece a surgir com força, a sua verdadeira natureza, a natureza anhé de oxim-anhé de Maíra-Monan que está sufocada dentro dele.<sup>4</sup>

---

3 Alcida Rita RAMOS, *Sociedades indígenas*, p. 84.

4 Darcy RIBEIRO, *Maíra*, p. 368-9.

Em decorrência da mistura dos sêmens no ventre de Moitá e da perplexidade mediante a combinação de duas sementes do espírito — os conceitos do pajé ou *sacerdote* indígena combinados com os conceitos dos missionários ou sacerdotes cristãos — Isaías-Avá tornou-se contraditório: fraco e forte. Homem-micura e homem-onça. Isaías-Avá guarda uma herança lunar, micura, do mundo lá de baixo e uma natureza de onça que o coloca na sombra do poderio tuxaua e guerreiro. Ou seja, Isaías é um misto de oxim, pequeno Micura, e de tuxaua, pequeno Maíra. Entretanto, será uma espécie de Pajé-Anhé de Maíra-Monan mandando no mundo, do lado quati de Teidju, o oxim. Mas um lado dessas duas heranças ou substâncias anímicas deverá morrer, preferencialmente o lado tuxaua, e prevalecer a natureza micura, antijaguar, para que o doente se restabeleça com toda autenticidade lunar, curado de qualquer veneno solar e civilizatório, e assuma de vez o seu destino de oxim-anhé.

A Igreja sempre encarou a feitiçaria e o curandeirismo com rigor e seriedade. Condenou e condena ritos mágicos e pajelanças, a fim de afastar a magia, as credices e as superstições da memória dos índios. Porém os catequizou através da demonologia cristã, do imaginário colonizador, por meio dos quais, ironicamente, os silvícolas revivem o paganismo e a feitiçaria. Por outro lado, as religiões do mundo inteiro buscam um contato direto com a divindade ou com os espíritos, por meio de transe, êxtase, visão, fenômeno mediúnico ou possessão. No cristianismo, sabe-se do êxtase e da teofania.<sup>5</sup> No estado de transe, êxtase, assombro e admiração, quando a autoconsciência se acha num ponto mínimo, é que ocorrem as visões revelatórias e se dá a aparição ou revelação da divindade.

A aculturação *sobre* Isaías desintegrou-o de seu *ethos* tribal, adoentou-o psicológica, física e culturalmente. Nem quente e nem frio, o Senhor o vomitou de Sua boca. Agora o Oxim faz um esforço exacerbado para (re)transfigurá-lo e recuperar todo seu *corpus* de

---

<sup>5</sup> *Atos*, 10: 10-11; 11: 5; 22: 17-18.

crenças e valores, assim como a própria identidade e consciência, de acordo com as alterações sofridas e mazelas adquiridas no contato com o Evangelho e com o mundo civilizado. A (re)transfiguração provocada pelo Oxim deve trazê-lo de volta ao reino Mairum, ainda que investido de Pajé-Anhé. O curandeiro repete incessantemente que apenas ele pode preparar Isaiás-Avá para essa (re)transfiguração. E o requisito para a ascensão xamânica e curativa é que Isaiás-Avá fique por muito tempo na rede, sem jamais pôr os pés peregrinos no chão. Seus pés devem ficar suspensos, fora das impurezas e dos erros pelos quais palmilharam, e serem preparados para a direção das coisas espirituais da aldeia.

Os índios acreditam que o tabaco esclarece a inteligência, anima o espírito e afasta as doenças. Por isso o oxim sopra sobre Isaiás fumaça de charutos especiais e pitos, para que ele se purifique de toda mazela e receba força e vida. Acrescente-se que a fumaça, como a nuvem, é instrumento de deificação e epifania. Precede revelações importantes e a conexão com o divino, para o bem ou para o mal, de Abraão e Moisés até o Cordeiro e Seus remidos no monte Sião; do **Gênesis** ao **Apocalipse**.<sup>6</sup>

Pode haver nas aldeias dois tipos de intermediários entre os vivos e o sobrenatural. As obrigações de um *xamã viajante* são muitas: tratar dos doentes da aldeia, proteger a comunidade contra os maus espíritos (anhangás) ou dos mortos, conseguir sobrenaturalmente as sementes da gravidez para as mulheres da tribo, atrair caças e provar os alimentos para o consumo dos clãs, etc. Enquanto sua alma viaja para lugares distantes, outro mundo, suas funções vitais e consciência diminuem.

É-lhe atribuído poder religioso e mágico, todo bem e todo mal. E sua vida é ameaçada de morte sempre que ele é visto como um

---

<sup>6</sup> **Gênesis**, 19: 27-28; **Êxodo**, 19: 17:18; **Apocalipse**, 14: 11. Na transfiguração de Cristo veio uma nuvem que envolveu Jesus, Pedro, Tiago e João. Ver **Mateus**, 17: 5; **Marcos**, 9: 7 e **Lucas**, 9: 34.

feiticeiro que provoca desgraças ou que não consegue curar as doenças da aldeia com seus poderes mágicos. O oxim sabe que deve fazer logo um novo guia espiritual para sucedê-lo, porque a qualquer momento pode sofrer vingança dos parentes do falecido e ser assassinado, como acontece posteriormente, no capítulo *Otxicon*:

— Esta é para você curar, oxim. Peça o que quiser! O oxim continua sentado em cima das pernas, gingando o corpo, agitando o penacho, zoando o maracá. Mas começa a zoar mais grosso, mais alto, mais e mais e mais até que toda casa vibra ensurdecadora, rompendo os ouvidos de todos. Então, o oxim estaca de repente e, naquele silêncio gritante, berra.

— Morta está. Levem daqui. É morta!

.....  
Para o outro lado saem os jovens-homens, correndo em fila, calados, diretamente para o rancho do oxim. Arrombam a palhoça ao mesmo tempo, por todos os lados. Agarram, levam e estraçalham o oxim ali mesmo. Só com as mãos.

O que se viu, depois, foi o grupo saindo com o molambo do defunto do cadáver do que fora o oxim, rolado pelo chão, pisado, pateado pelos caminhos da mata e pela mata adentro, até o fundo.<sup>7</sup>

Já o *xamã pocesso* mostra-se agitado e em convulsão e com saber e poder fora do comum: um espírito estranho apodera-se de sua alma, de seu corpo. As atribuições de um xamã diferem de uma sociedade para outra, havendo, inclusive, na mesma sociedade mais de um conjunto de crenças xamanísticas (Melatti, 145).

Finalmente, para ser um curador, primeiro devem-se vencer os limites da própria morte, curar-se a si mesmo. Ao se curar, passando pelos ritos de iniciação, torna-se um curador. Quando Isaías voltar a ser Avá, purificar-se e fortalecer-se totalmente e chegar a oxim-anhé de Maíra-Monan, encerra-se a primeira fase da *transfiguração* e começará a segunda, que consiste no aprendizado em que ele será sangrado todas as manhãs com estratificadores, seqüencialmente, e em vários lugares do corpo. Na terceira e última fase, deverá suportar

---

7 RIBEIRO, op. cit., p. 385-6.

com mãos firmes dois maracás contra os ataques dos espíritos maus das florestas (anhangás), que virão assaltar a cabana e a aldeia e provocarão desgraças para impedir que um onça tenha um maracá mais poderoso que o dos quatis. Isaías poderá morrer nessa fase. Entretanto, vencendo-a, será o primeiro anhereté no lado de cima (quati), desafiando Maíra, debaixo de seu brilho, e refletindo Deus e a verdade dispersa e contraditória nos diversos espelhos das mentes humanas.

Mas como poderá Isaías conseguir as sementes para as mulheres da tribo, se sua própria mulher, Inimá, ainda está infecunda?

Talvez com as forças de um anhereté.

## 4.2 QUIRIE E RÉQUIEM, PARA DUAS VOZES

**Maíra** recria os sentidos da missa e inverte o lugar do quírie. Na liturgia antiga ele encerrava uma invocação a Deus, repetida três vezes, aos grupos de três, em honra da Santíssima Trindade. O quírie situava-se entre o *Introito* e o *Gloria in excelsis Deo*. É a parte por onde começam as litanias ou ladainhas. Com a reforma litúrgica de 1969,<sup>8</sup> constitui a conclusão do *Ato penitencial*, nos ritos iniciais. Mas o *Kyriê* (p. 387) vem na parte final do romance, na *pós-comunhão*, juntamente com o réquiem.

O quirieleisom ou quiriélêisom (do grego: *kirie* = senhor + *eleison* = tende piedade / de nós) aparece como uma ladainha abreviada, de nove invocações: três vezes *Kyrie eleison*, dirigido ao Pai, fonte de deidade e poder, o Primeiro, que dá origem; três vezes *Christe eleison*, dirigido ao Filho, o verbo gerado pelo Pai, o Segundo, que revela, e três vezes *Kyrie eleison*, dirigido ao Espírito Santo, o amor, o Terceiro, que procede eternamente do Pai e do Filho e executa. Isto é, a criação vem do Pai, através do Filho, pela agência do Espírito Santo.

---

<sup>8</sup> **Maíra** foi publicado em 1976 (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira).

Como se vê na missa, o quírie é um intenso pedido de perdão que permite ao fiel participar do ato sagrado. Porém, aqui, após tomarem parte do ato sacrificial de Isaías e da morte parcial do corpo mítico mairum, apesar dos ritos da aldeia para preservá-lo, os padres fazem uma amarga reflexão sobre a catequese. É o quírie da Igreja (o pedido de perdão do Papa) representado pelos padres Vecchio e Aquino, lamentando e avaliando, a duas vezes, o trabalho missionário realizado nesses quarenta anos:

Padre Aquino: — (...) De fato, esse debate começou lá por 1560, com um anzol os converto, com dois os desconverto ... Você se lembra? Isso depois de anos de catequese, servida pelo braço secular, num Estado em que a Igreja imperava. Que dirá nós?

Padre Vecchio: — (...) Atrás de tudo isso está a idéia maligna da futilidade da nossa obra: edificamos na areia: quarenta anos de trabalho em vão.

Padre Aquino: — (...) Muito temo que não lavramos este horto para a salvação dos índios. Nem para clamar a Deus. Foi por nós somente, por nossa pequena salvação, por nosso suspirado martírio, por nossa aspirada santidade.

Padre Vecchio: — Esta não é uma reflexão tipicamente sua, padre Aquino. Então caímos, também nós, no poço do egoísmo? Nossa causa somos nós mesmos?

Padre Aquino: — ... [A luz não brilhou jamais] Nem para nós, nem para ele [Isaías]. Deus não nos deu nunca, nem nos dá agora nenhum sinal. Não é que eu queira, não é que eu peça, pensando que mereça. É que eu não posso mais: *Kyrie eleison*.<sup>9</sup>

A Trindade invocada no quiriêlêisom e que vive em relações eternas, em incessante comunhão, é que deveria ser, também, a base da comunhão na catequese, no seio da Igreja, da família e dentro da comunidade. Mas, quando há pedra de escândalo<sup>10</sup> e apenas êxito material na Missão, o Deus trino não se manifesta, não há plenitude de vida, advindo a morte:

---

9 RIBEIRO, op. cit., p. 389-90.

10 Padre Aquino declara: *Agora eu sou a pedra de escândalo*. Id., *ibid.*, p. 388.

*Requiem aeternam dona eis, Domine  
Et lux perpetua luceat eis  
Dies irae, dies illa  
Solvat saeculum in favilla*

.....  
*Lacrimosa dies illa  
Lux aeterna luceat eis, Domine  
Cum sanctis tuis in aeternum*<sup>11</sup>  
.....

Réquiem é um ofício que se faz pelos mortos, aos defuntos. A palavra significa descanso, repouso. E a prece cantada com o mesmo nome pede pelo descanso eterno das almas dos mortos, *como a defunta irmã Ignês que Deus chamou ontem*<sup>12</sup> e dos mortos-vivos, como Isaías, representante das comunidades indígenas. Deve pedir também pelo repouso eterno dos padres septuagenários, materiais (*Esses prédios, a capela tão bonita: nossa obra*), cansados, incapazes de dizer o novo, caducando:

Padre Aquino: — Fechamos o círculo outra vez, como todas as tardes. Falamos do Geral, repetindo santo-homem e caridade. Está é na hora de morrer, meu padre. Nós dois — como a defunta irmã Ignês que Deus chamou ontem — não temos mais o que dar. Nem somos capazes de nos dizer nada de novo. Hoje, como todas as tardes, só nos repetimos. (...) Estamos caducando

*Ite missa est. Alleluia, alleluia.*<sup>13</sup>

Em **Máira**, o réquiem não se enquadra no caráter da nova

---

11 Id., *ibid.*, p. 390-1  
Senhor, dai-lhes o descanso eterno  
E acendei-lhes a perpétua luz  
Dia de ira, aquele dia  
O mundo será destruído pelo fogo  
.....  
Naquele dia lacrimoso  
Ó Senhor, resplandecei-lhes a luz eterna  
Com os teus santos na eternidade.  
.....

12 Id., *ibid.*, p. 391.

13 Id., *ibid.*, p. 391-2 (...) *Ide, terminou a missa. Aleluia, aleluia.*

liturgia, na qual se invoca a idéia da esperança na misericórdia divina. Pelo contrário, sugere um caráter dramático pelo fracasso de quarenta anos de catequese e aponta apenas os valores externos, o saldo material da obra missionária. *Dies irae* é uma expressão que também aparece nas primeiras palavras da célebre seqüência medieval, descrevendo os horrores do juízo universal e que serve de coro de fundo às vozes alternadas dos velhos padres, nesse doloroso dia de exame de consciência. Quando jovens, os padres viam a luz que desejavam ver, embora ela jamais tivesse brilhado para eles ou para Isaías. Com a velhice e o glaucoma é que realmente puderam perceber: falharam, pecaram contra Deus e contra aqueles que desejavam salvar. Reconhecem que a cegueira física e espiritual os desqualifica para o sacerdócio e para as funções sacramentais.

Os padres do *Kyriê* (e réquiem) têm nomes sugestivos. Vecchio, em italiano, significa velho, antiquado. E Aquino traz à lembrança São Tomás de Aquino, grande pensador da Ordem de São Domingos, e ainda o místico e poeta que compôs o ofício da festa de *Corpus Christi*. São Tomás de Aquino era um ser profundamente espiritual e intelectual, teólogo e filósofo medieval, movido pela religião. Em **Maíra**, padre Aquino também propõe o exercício da razão e da verdade, reprova a atitude do padre Vecchio de não querer *enfrentar a responsabilidade de usar seu próprio juízo, para pensar, na frente de Deus, a descoberto*.<sup>14</sup> Mas é criticado por ele, pelo excesso de ambição com a Ordem, com a Igreja e até com o mundo. Como intelectual, padre Aquino dedica-se a escrever a *Etnografia Mairum* e a *Etnologia Mairum* para fugir da ameaça de voltar à Itália e morrer modestamente entre os seus. Por outro lado, a filosofia de São Tomás de Aquino provocou uma revolução radical dentro da Escolástica. Até os próprios dominicanos opunham-se ao tomismo. Na Missão, diferentemente, padre Aquino integra-se à *mesmice* e ao conforto do continuísmo. *Como*

---

14 Id., *ibid.*, p. 389.

*todas as tardes* funciona como um mote que se repete cerca de sete vezes, quase sempre no final dos parágrafos de *Kyriê*. E não há perspectiva de mudança para os novos seminaristas pois: *Os meninos saem da capela com padre Cirilo. As meninas com irmã Petrina, a freira nova, muito boa organista. Como todas as tardes.*<sup>15</sup>

Resta apenas o requiém, ou uma avaliação amarga do trabalho missionário, expressa nas vozes lacrimosas dos padres Vecchio e Aquino. Não há o *canto de ação de graças*, em resposta à Palavra de Deus ou da Igreja. Mas o capítulo traz, ironicamente, em seu fecho, a expressão: *Alleluia, alleluia*. Isto é: Louvem ao Senhor. Alegria, alegria!

### 4.3 INDEZ, O CORPUS RESTANTE

Do cataclismo civilizatório e cristão advindo sobre a aldeia remanesce e subsiste o indez, um núcleo, um Princípio que aponta para a possibilidade de uma nova genealogia de homens primitivos (e civilizados) e que se repetiria, renovando-se, até que o modelo da raça gorasse e o germe humano se desfizesse definitivamente. O indez contém a vida e o aprisionamento do ser para a continuidade, até que se quebre a casca do *status quo*. Mas há que afastá-lo dos predadores, dos que buscam o lucro fácil, à custa da *gema* do próximo.

Em torno do ovo, da promessa de vida, ronda o desastre, a morte, o retorno ao nada. Alma pariu mestiços mortos, não conseguiu recuperar o momento forte da repetição do mito das origens da tribo e frustrou-se a esperança de preservação da etnia branca, civilizada:

Foi mesmo de parto que ela morreu? Sei lá. Foi mais de loucura e de urucubaca. Aquela dona estava muito doida mesmo e muito pesada. Onde já se viu, uma moça carioca, loura, bonitona, educada, sair por aí dando pros índios até se empenhar?<sup>16</sup>

---

15 Id., *ibid.*, p. 392.

16 Id., *ibid.*, p. 397.

Por outro lado, em cada uma das quatro partes desse romance-missa, **Maíra**, há um capítulo específico para a vila de Corrutela, sob a liderança do sincretismo religioso e fantasioso de Xisto que, ao final, *com a mania de Dom Sebastião, queria converter o nascimento do Esperado numa reencarnação (...), quando todos estivessem livres de pecados, purgados de toda impureza*.<sup>17</sup> No entanto, esse beato fugiu, depois de sangrado por Cleto, pai de Perpetinha, deixando a comunidade acéfala. Antes, porém, seu cajado perdera o rumo da Palavra revelada, com prédicas messiânicas e extravagâncias. Agora já não exorciza os caminhos de Corrutela. O bastão pastoral de Xisto, sem comando e dignidade, parece voltar-se contra ele como uma serpente venenosa. Seu báculo não fecunda a promessa de regeneração para uma vida abundante. O Evangelho gora-se.

Porém a Igreja Católica ressurgiu material e exteriormente no reino do Iparaná com obreiros jovens e novas terras para a Missão Nova, doadas pelo Estado por intermédio do senador Andorinha — que também deu à Casa a esperança de ser a encarregada oficial e exclusiva da pacificação dos bravos Xaepes:

Além de terras para a Missão Nova, teremos o privilégio de sermos encarregados, oficialmente pelo governo, da pacificação dos Xaepes. Nós e só nós teremos o honroso encargo e a dura tarefa de chamá-los ao convívio dos brasileiros e de conduzi-los ao coração da cristandade.<sup>18</sup>

E os corpos de Juca, negociante da praça de Creciúma, rio abaixo no Pará, e de Boca, seu empregado, oriundo da tribo Epexã, foram desenterrados na Praia da Tapera em adiantado estado de putrefação e receberam sepulturas cristãs, marcadas com duas cruzes. Os respectivos crânios foram arrombados, segundo constatou o Agente 17 - Elias Pantaleão, por golpes de borduna, imputados aos bravos Xaepes, embora os Mairuns não acreditem nessa versão, pelo descuido e pelas ferramentas com que fora lavrada tal arma. Sob a alegação

---

17 Id., *ibid.*, p. 359.

18 Id., *ibid.*, p. 401.

de que os Xaepes e outros silvícolas são bravios, ou mesmo pela cobiça caraíba, muitos desses primeiros habitantes são despojados de suas terras, ou chacinados, caso não se defendam ferozmente. A verdade é que, freqüentemente, ações criminosas de *brancos* passam como se fossem praticadas por índios. Por isso, a evangelização não deveria se articular com os poderes dominantes, mas partir das culturas marginalizadas e oprimidas para a libertação integral, como o fez Cristo. A preocupação maior da Igreja deveria ser com o *choco*, com a qualidade de vida dos novos convertidos ou novos crentes, provindos do *indez*-chamariz, e não com a criação de novas missões, de novos ninhos e instituições religiosas caracterizados pela vontade de Poder e acumulação infecunda.<sup>19</sup>

Na busca do *indez*, do que sobrou da ação civilizatória e de progresso, os discursos mairuns e caraíbas entrecruzam-se tecendo os fiapos do cotidiano de uma etnia em extinção. Nesse contraponto, incluem-se as vozes dos padres Faria e Cirilo trocando informações no radioamador sobre a surra que a índia Teresa havia levado da esposa de um deputado e logo devolvida aos religiosos na aldeia, por temor de reversão ao costume canibal ou retorno ao corpo de valores e crenças tribais. Motivo: a índia beijara ardentemente o pezinho do nenê, filho do parlamentar.

*Indez* é um capítulo muito dinâmico, de ilusão do presente, resultante do extenso diálogo e em parágrafo único que se utiliza do método direto, dramático, e aponta para a *confusão de línguas*, para o caos, como na torre de Babel, uma vez que a ânsia pelo Poder substituiu a busca do divino. O narrador e os estados mentais desaparecem. O texto limita-se ao que as (diversas) personagens falam ou fazem, como no teatro. A mistura das falas e dos assuntos pode ser compreendida também como o cruzamento das etnias, das culturas e diferenças sociais. Uma sociedade fragmentada — oprimida e despó-

---

<sup>19</sup> Ver, a propósito, Leonardo BOFF, *Nova evangelização: perspectiva dos oprimidos*, p. 124-5.

tica — tem uma linguagem dispersa, babélica. Pois o discurso relaciona-se com as condições de sua produção, com a exterioridade que o constitui, enfim, com a formação discursiva e ideológica dominante:

As palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra: compare-se o sentido da palavra “nação” na formação discursiva ocidental e na do índio. Isso acontece porque, ao passar de uma formação discursiva para outra, altera-se a relação com a formação ideológica.<sup>20</sup>

Por isso, a tradução de **Mateus** para a língua mairum não deveria ser feita *palavra-por-palavra*, como desejava Dona Gertrudes, a esposa do pastor Bob Toddy, da Missão Evangélica (Casa dos Espelhos). Isaías-Avá, o cristão-índio, ecumênico, serve a dois senhores: a Yahweh e a Maíra. Então, propõe-se a auxiliar a lingüista na versão desse Evangelho. Entretanto, nega-se a fazê-la sem respeitar a natureza do idioma dos índios. Acrescenta frases e imagens típicas de sua gente, argumentando que

cada povo pensa dentro do quadro do seu idioma. Sem situar a tradução no quadro do idioma mairum, nenhum mairum vai entender nunca a santa bíblia. Não pode ser como a senhora quer, palavra-por-palavra, substantivo-por-substantivo, verbo-por-verbo.<sup>21</sup>

Para o casal norte-americano é importante que a **Bíblia** seja impressa em todas as línguas, porque ninguém sabe a hora que Ele virá. Também porque o Esperado, o Novo Messias, pode nascer até entre Xaepes, visto que Jesus, *o ovo de Deus*, foi posto na mão dos judeus.<sup>22</sup> Porém a evangelização só será próspera na medida em que permitir ao índio expressar-se religiosamente dentro de seu código, nos limites de seu quadro simbólico e cultural, dançando a seu deus, sob o som do maracá, com o corpo pintado de urucum. Os deuses que vêm de longe (*verdadeiros*) não podem negar os deuses da terra (*falsos*), assim como os homens

---

20 Eni Pulcinelli ORLANDI, **A linguagem e seu funcionamento : as formas do discurso**, p. 83.

21 RIBEIRO, op. cit., p. 400.

22 Id., *ibid.*, p. 246.

que vêm de longe (*senhores* da civilização e da razão) não podem negar os homens da terra (*selvagens, sub-humanos*). Em **Maíra**, a relação barbárie-civilização se inverte. Bárbaro é o *branco* (*sem pecado*); predatória do ovo da vida é a cultura civilizada, do outro lado do Iparanã. Mas os mairuns remanescentes continuam índios, sobrepõem-se às transformações do seu patrimônio cultural e de seu corpo de valores. Sua língua, contudo, parece susceptível de profundas alterações, *intraduzível* talvez. Porém viva, encerrando a obra e a *missa*:

*Inimá, porã tebi, ne tebicua bé rancuãi suburuc potare eté. I Jaguaroui, bebi catú hebé xeremybotá apô. Heteti rereco bebi xebe. Inimatã, cuña tebi, ne tebiroeté carapuábe ypy sururucatu.*<sup>23</sup>

A sobrevivência do índio é embrionária, ainda não está totalmente garantida. Pode ser que o *indez* da Igreja e do Progresso esteja infecundo, desprovido de calor espiritual e do germe da ressurreição, cuja casca aprisiona o ser no sepulcro para o apodrecimento, impedindo-o de ver a luz triunfante da vida.

Silêncio. *No silêncio de morte e de incenso, o povo de Deus medita o mistério.*<sup>24</sup> Há um grande silêncio na aldeia. Mairum é um nome fictício, uma tribo arquetípica. Mas as aldeias ianomâmis, dos imaginados *extintos* pataxós, e outras, são reais e estão cercadas de *comedores de terra*<sup>25</sup>. É mister um grande silêncio no mundo civilizado. Um enorme silêncio para a revelação que antecede os grandes acontecimentos. No final (e começo) dos tempos deve haver um grande silêncio.

---

23 Id., *ibid.*, p. 406.

24 Id., *ibid.*, p. 166.

25 Bruce ALBERT, **Folha de São Paulo**, 3 out. 1993, p. 4, c. 6. Refere-se ao termo usado pelos índios, os quais comparam os garimpeiros a um bando de queixadas (porcos selvagens) fuçando na lama. O autor trabalha com os ianomâmis há mais de duas décadas e dedica-se a vários estudos antropológicos brasileiros.

#### **4.4 BENÇÃO FINAL**

Que o Senhor abençoe e guarde as nações indígenas e faça brilhar sobre elas a Sua face e se compadeça delas e de todos os brasileiros.

Que o Deus que veio em nome da verdade, da bondade e da vida não se transforme no deus da trapaça, da perversidade e da morte.

Que o Senhor volte sobre nós o Seu rosto e nos dê paz, justiça, amor ao próximo e prosperidade.

Que a graça do Cordeiro e o riso de Mãira sejam com todos.

**Amém!**

## CONCLUSÃO

A missa faz atual a realidade de um Cristo morto e ressuscitado através do rito. E, quando a Igreja celebra o culto da nova aliança, alimenta-se e cresce. Nessa comemoração passado e futuro se tornam presentes. **Maíra** celebra o *mistério* da Igreja e da Civilização na pessoa do Índio, mais que *in persona Christi*. Também sugere um réquiem pelas almas indígenas e pela decadência da Missão, bem como pela incompetência do Governo, em torno da mesa dos oprimidos, apesar da catequese e da FUNAI em (con)celebração hierarquicamente organizada de longa data. O romance evoca, ainda, o passado risão mairum, torna-o presente — em contraste com o holocausto atual — e prefigura o futuro de resistência e revitalização, ou de aniquilamento e morte dos silvícolas brasileiros restantes, caso o *indez* seja depredado ou venha a gorar.

São possíveis vários confrontos entre **Maíra** e textos bíblicos, apontando contrastes ou semelhanças. Alma, por exemplo, é colocada no *mundo albeio*, com dias nevoentos, noites embaçadas e descrita como mirixorã Canindejub, a comida caraíba, sempre disponível e solteira para o desfrute dos homens da tribo. Foi encontrada morta na praia do Iparanã por um entomologista suíço, por estar coberta de formiga — sua especialidade (dele). É o protótipo da antivirgem, pois sofreu intervenção de muitos homens. Teve a alma vazia para receber a graça da repetição do mito das origens da tribo, mas cheia de imagens estranhas, adquiridas no Rio, e incompatíveis com o modelo

Mosaingar, que trouxera com êxito ao mundo Mairum o par de filhos gêmeos Maíra e Micura. Seu canto seria um *Antimagnificat*. Inversamente Maria, Nossa Senhora Grávida de Deus, é o protótipo da virgem. Tinha a alma cheia do Espírito para o nascimento milagroso do herói cristão. Estava pronta para receber o sêmen divino, isto é, sem a intervenção do homem. E foi encontrada em Belém pelos magos por intermédio da estrela-guia que parou onde estava o menino. Por isso seu canto engrandece a casa do Salvador.

Por sua vez, Avá recebe o nome do profeta Isaías e torna-se ambíguo, Isaías-Avá, o cristão-índio que deveria pregar a Verdade a seu povo. Entretanto recusa-se a profetizar o que é estranho à sua essência e às tradições de sua gente e termina sob os cuidados de Oxim, o curandeiro mairum. Frustrados com a Palavra, com a *boa nova* proclamada pela catequese, e distantes da Luz original de seus heróis libertadores, os índios cairão, certamente, no ermo obscuro da satanização, da fome e da desordem. Quedarão pelo caminho, perplexos diante da idolatria e do pecado recém-descobertos no discurso apocalíptico da *Homilia*. Não chegarão à Terra sem Males, ou à Nova Jerusalém, sucumbirão na batalha de Armagedon, no confronto com a milícia da civilização cristã e com as armas do Poder. Mas, no *Apocalipse* de **Maíra**, segundo o messianismo do profeta Xisto para a comunidade de Corrutela, o Cordeiro retornará degolado, conduzindo Sua própria cabeça, como se fosse a do adversário, pois o carrasco da evangelização não tirou definitivamente a vida de sua vítima. Cristo continuará a agir espiritualmente contra a cultura cristalizada da Igreja sobre o imaginário religioso indígena e sobre a alteridade dos povos periféricos. Assim, o urubu-rei (índio Urubu?) dá o primeiro pio anunciando o início das calamidades que advirão e, depois, mais três pios para celebrar o sucesso dos anjos-índios em seus cavalos escatológicos e para confirmar a realização integral do combate no começo da Nova Era.

Há cinco séculos as tribos brasileiras resistem, de matanças intencionais às mais sutis formas de desagregação, e sua identidade étnica permanece no contexto civilizado. Observe-se que **Maíra** foi escrito em vernáculo ou português, com digressões para o latim, in-

glês e tupi. Mas é o tupi ou a língua indígena que fecha a obra-missa, nas três últimas linhas do único parágrafo que constitui o capítulo *Indez*. O índio continua índio. Será inserido como parceiro de um destino comum na sociedade brasileira?

A terceira parte da missa é a Liturgia Eucarística e compreende Preparação das Oferendas, Oração Eucarística e Rito da Comunhão. Convém observar aqui que o culto da ceia evangélica pode diferir da missa quanto ao espírito do rito e quanto à terminologia litúrgica, entretanto apresenta-se também, na maioria das igrejas *protestantes*, com quatro partes e estrutura semelhante no todo (Cf. sumário): 1º) Intróito, com Hino Congregacional e Coleta de Dízimos, geralmente no primeiro domingo de cada mês. 2º) Exortação da Palavra, a partir de **1 Coríntios**, 11: 17-34; **Mateus**, 26: 26-30; **Marcos**, 14: 22-26; ou **Lucas**, 22: 19-23. 3º) Comunhão, que inclui Hino de Ceia, Consagração e Distribuição dos símbolos do corpo e do sangue de Cristo aos fiéis que examinaram a si mesmos diante de Deus e se acharam aprovados, *limpos*. 4º) Encerramento que compreende Comunicados, Canto Final (Amém Tríplice) e Bênção Sacerdotal (**Números**, 6: 24-27).

Porém, considerando apenas a terceira parte da missa ou do culto de ceia evangélica e confrontando-a com a terceira parte do romance **Maíra**, intitulada *Cânon*, e demais partes da narrativa, foi possível encontrar subsídios para a reflexão que resultou no terceiro capítulo do presente estudo. Destacam-se: a procissão de crianças, jovens e adultos para o holocausto, nos *ritos de passagem*; o *lava mãos*, a purificação da Igreja para ajoelhar-se diante da mesa consagrada às vítimas inocentes e a *comunhão-camibal*, com o rito antropofágico alicerçado no ritual totêmico das religiões primitivas. No Sacrifício, o sagrado e o profano se confundem. O que dá vida e salva também pode matar.

Em suma, os mairuns são possuídos no *Cânon* por Maíra que emerge desolado de dentro deles. Principalmente das entranhas de Avá. Pois Isaías saiu do meio de seu povo como um judeu do Egito rumo à Terra Prometida, marcou as portas de Roma e da Civilização com o sangue de sua pureza, mas voltou com a boca seca para a

Palavra e o espírito moído pela Ordem, que tem nele o fruto de quarenta anos de catequese. Agora, Isaías-Avá convida o Pai, ironica e inversamente, para comungá-lo como vítima dessa imolação.

Sob o ponto de vista hermenêutico, cânon é um fenômeno de clausura que exclui outras leituras de uma tradição antecedente. Quando há inchamento de sentido, faz-se um corte, uma seleção dos textos orais e escritos — que representam o arquétipo ou acontecimento original — a fim de restringir-lhes a polissemia. Isso porque, de um fato significativo e de alguma forma de experiência ou de ver o mundo, sai um texto para narrá-los ou celebrá-los. Nas palavras que os registram há uma clausura, um bloqueio de sentido. Porém a própria (re)leitura desse cânon permite nova interpretação, nova hermenêutica, através de novas palavras que dão, portanto, lugar a um novo texto, com novo sentido.

Um relato tecido com outro, dentro de uma mesma cosmovisão (intertextualidade), dá origem a um novo relato e um texto único, com sentido em si mesmo (intratextualidade). Logo a produção de sentido se modifica, sucessivamente, com a reconstrução interpretativa ou crítica dessa nova totalidade. **Maíra** é o cânon da tradição mairum, indígena. O querigma dos oprimidos. A **Bíblia** é a justaposição do cânon judaico-cristão. O querigma da libertação em um único texto. Pois a mensagem não está no fragmento, mas na totalidade do relato divino. A **Bíblia** é uma *Escritura*. Um texto escrito e delimitado em um só livro, com um único sentido. Não pode ser modificada nem ampliada. Porém um texto. E como texto é polissêmica: Quem poderá deter-lhe as interpretações?

O relato da **Bíblia** (e da Missa) tecido com o de **Maíra** produz um novo relato, uma nova leitura, que é o presente trabalho. E a produção de sentido se modifica. Ou não?

*Ite, missa est. Alleluia, alleluia!*

A missa terminou. Mas a história de salvação dos oprimidos continua.

## POST SCRIPTUM: *DEPOIS DA MISSA*

### **Carta de Pero Vaz de Caminha ao Presidente de Portugal - nos 500 anos de Brasil**

“Psicografada” por **Ercília Macedo-Eckel**

Excelência:

Os habitantes originais desta terra são hoje pardos e mestiços. Muitos usam sandálias havaianas, bermudas ou calças jeans, camisetas de malha, com inscrições em inglês e têm no pulso relógios de Manaus ou do Paraguai.

Alguns se enfeitam a caráter, como se índios primitivos fossem, para irem a Brasília ou a Porto Seguro, reivindicarem suas terras, seus direitos, ou se mostrarem diante das câmaras de televisão. Trazem nas mãos arcos e flechas para atingirem o relógio dos 500 anos e ameaçarem o rosto do Poder que os oprime.

Excelência, penso que a gente desta terra se esqueceu de incluir os primeiros habitantes nestas comemorações: suas feições empenadas e tortas são de tristeza; suas bocas têm poucos dentes e os

peitos de suas mulheres são uma pele comprida e sem vida para amamentarem os filhos e os macacos. Essa geração de nativos aprendeu a beber cachaça e pegou todas as doenças e mazelas dos brancos.

Hoje, há nas suas terras muita soja, gado a perder de vista, motosserras, garimpos devorando barrancos e escorrendo mercúrio – fazendas com campo de pouso para aviões. Por isso tudo, os índios – na sua maioria – andam de cabeça baixa em suas trilhas, ajoelham-se diante dos cacetetes, pedindo clemência... Não têm mais o corpo atlético e brilhante do tempo do descobrimento.

Olhando do mar, Excelência, nesta terra não há mais a exuberante Mata Atlântica. Os arvoredos encolheram. Os animais, pássaros e frutos silvestres minguaram. Tenho certeza de que pau-brasil, ouro, prata e outras riquezas aqui existentes mudaram de país. E a Amazônia vai e vai, guinchada aos poucos.

Porém, a terra em si é de muito bons ares, bom clima. Querendo melhor distribuí-la e aproveitá-la (é só plantar), aqui tudo dá. As águas são muitas, não infinitas, posto que diversos leitos de rios são usados como esgoto. Poços artesianos e irrigação resolverão o problema do Nordeste, basta vontade política.

Contudo, o maior feito das Excelências locais me parece (que) seria salvar essa boa gente do desemprego, da violência, da corrupção – e da falta de escola, moradia e pão.

Desta maneira, Presidente de Portugal, dou aqui conta e meu relato do que nesta terra vi, 500 anos depois de Cabral.

Desta cidade de Caldas Novas, a capital do turismo em Goiás, hoje, sábado-de-aleluia, 22 de abril de 2000, esta carta escrevi, ditada pelo espírito de:

Pero Vaz de Caminha

## BIBLIOGRAFIA

- A HOMILIA. São Paulo: Paulinas, 1983.
- ALBERT, Bruce. Antropólogo revela os detalhes da chacina dos índios ianomâmis. **Folha de São Paulo**, São Paulo: 3 out. 1993. Mais!, p.4, c. 6.
- ALCÂNTARA, Eurípedes. A morte ronda os índios na floresta: a febre do ouro está dizimando ferozmente os ianomâmis, o povo mais primitivo e isolado da Terra. **Veja**, São Paulo: Abril, ano 23, n.º 37, 19 set. 1990. p. 70-83.
- . [A decadência do catolicismo no Brasil] Fé em desalento: o êxodo dos católicos de classe média sangra uma Igreja já enfraquecida pelo assédio das seitas evangélicas sobre os pobres. **Veja**, São Paulo: Abril, ano 24, n. 51, 25 dez. 1991. p. 32-8.
- ALLEAU, René. **A ciência dos símbolos**. Trad. de Isabel Braga. Lisboa: Edições 70. 1982.
- ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.
- . **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Paulinas, 1982.
- . **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1982.
- A PALAVRA DE DEUS NA MISSA. São Paulo: Paulinas, 1985.
- ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. **Comunhão e participação**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, n. 567, 10 out. 93; n. 590, 6 mar. 94.
- AVENTURA ESPIRITUAL E COMPROMISSO POLÍTICO. Trad. de Irmã Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1981.
- BAIOCCHI, Mari. Repensando os “povos índios”. **Revista goiana de artes**, Goiânia: Inst. de Artes da UFG, v 3, n 1, jan./jun. 1982. p. 23-7.
- . Música indígena [encarte ou texto analítico do disco com o mesmo nome]. **Fontes culturais da música em Goiás - 1** (col.). São Paulo: Universidade Federal de Goiás / Estúdio Tacape - SP, Série Etno - Musicológica, 1982 - 1983.
- BARROS, Néson Lobo de. **A mensagem do Apocalipse: explicado capítulo por capítulo, versículo por versículo**. São Paulo: Pensamento, s. d.
- BECKHÄUSER, Frei Alberto. **A liturgia da missa: teologia e espiritualidade da eucaristia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- . **Símbolos litúrgicos**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BLOOMFIELD, Artur E. **O futuro glorioso do planeta terra: as profecias do Apocalipse**. Belo Horizonte: Betânia, 1980.
- BOFF, Leonardo. **Nova evangelização: perspectiva dos oprimidos**. 4. ed. Fortaleza: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_. **O caminhar da Igreja com os oprimidos**. São Paulo: Vozes, 1988.
- BOROBIO, Dionísio (org.). **A celebração na Igreja I: liturgia e sacramentologia fundamental**. Trad. de Adail U. Sobral. São Paulo: Loyola, 1990.
- BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987. p. 16-41.
- BOYER, Orlando. **Pequena enciclopédia bíblica**. São Bernardo do Campo: Metodista, 1971.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. Trad. de Newton Aquiles von Zuben. 2. ed. São Paulo: Moraes, [1977?].
- BUYST, Ione. **Celebração do domingo ao redor da palavra de Deus**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- CASTELO BRANCO, Manoel J. de F. **O lugar do índio na condição do não**. PUC - MG, Antropologia Filosófica, Curso de Fundamentos I, Belo Horizonte: ago. 1986. Apostila datilografada e fotocopiada.
- CECHINATO, Pe. Luiz. **A missa parte por parte**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CHAMPLIN, Russel Norman & BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Candeia, 1991, 5 v.
- CHAUI, Marilena. Cultura popular e religião. In: — **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990. p. 71-83.
- CHEVALIER Jean & GHEERBRANT Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. de Vera da Costa e Silva ... [et alii]. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- CIACCIO, Pe. Virgílio (red.). **O domingo: semanário litúrgico-catequético**. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo, 1993. Diversos números.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. Trad. de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COELHO, Vera Penteadó (org.). **Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

- COMISSÃO EPISCOPAL DE TEXTOS LITÚRGICOS. **Ordinário da missa com o povo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- COMISSÃO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA. **A esperança cristã na ressurreição: algumas questões atuais de escatologia**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Missal romano**. Petrópolis: Paulinas & Vozes, 1992.
- CROATTO, J. Severino. **Hermenêutica bíblica**. Trad. de Haroldo Reimer. São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- DOUGLAS, J. D. et alii. **O novo dicionário da Bíblia**. Trad. de João Bentes, São Paulo: Vida Nova, 1991. 2. v.
- DOURADO, Mecenas. **A conversão do gentio**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1958.
- DUMAS, François Ribadeau. **O ovo cósmico: simbolismo da gênese universal**. Trad. de Álvaro Lorencini e Sidney Barbosa. São Paulo: Pensamento, s.d.
- EDITORA CATÓLICA. **Bíblia sagrada**. Trad. de Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, Rio de Janeiro: Barsa, 1968.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**, Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- . **Tratado de história das religiões**. Trad. de Natália Nunes e Fernando Tomaz. Lisboa: Cosmos, 1977.
- . **Imagens e símbolos**. Trad. de Maria Adozinha Oliveira Soares. Lisboa: Arcádia, 1979.
- . **O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição**. Trad. de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, [1981].
- . **Mito e realidade**. Trad. de Pola Civelli. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- EUSEBI, Luigi. “**A barriga morreu!**”: **o genocídio dos Yanomami**. Trad. de Romana Ghiretti Prado. São Paulo: Loyola, 1991.
- FERNANDES, José. **O existencialismo na ficção brasileira**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1986.
- FERRAZ, Sívio. Os guardiões do verde (Xingu). **Veja**, São Paulo: Abril, ano 32, n.26, 30 jun. 1999. p. 130-43.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Indianismo revisitado [Parte final do artigo]. In: — **Gatos de outro saco: ensaios críticos**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 171-85. Reedição de **Cadernos de opinião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 13, ago./set. 1979. p. 36-43.
- GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Trad. de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GERMAN, Doig K. **O silêncio: uma pedagogia da vontade**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Trad. de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra / UNESP, 1990.

- GOETZ, William R. **Apocalipse já**. Trad. de Myrian Talitha Lins. 2. ed. Belo Horizonte: Betânia, 1983.
- GOMES, Mércio Pereira. **Os índios e o Brasil: ensaio sobre um holocausto e sobre uma nova possibilidade de convivência**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- GRYZINSKI, Vilma. O beato e os bárbaros [400 anos da morte de Anchieta]. **Veja**, São Paulo: Abril, ano 30, n.39, 1 out., 1997. p. 53-63.
- GUÉNON, René. **O rei do mundo**. Trad. de Edmundo Motrena. 2. ed. Lisboa: Minerva, 1978.
- HOEBEL, E. Adamson & FROST, Evereth L. **Antropologia cultural e social**. Trad. de Euclides Carneiro da Silva. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.
- IGREJA CRISTÃ EVANGÉLICA CENTRAL DE GOIÂNIA. Liturgia do culto. **Boletim semanal**. Goiânia: 1993, 1994. Diversos números.
- JESI, Furio. **O mito**. Trad. de Lemos de Azevedo. Lisboa: Presença, 1977.
- JOHANNY, Raymond. **A eucaristia, caminho de ressurreição**. Trad. de Maucyr Gibin e Violeta Teles Ribeiro. São Paulo: Paulinas, 1977.
- JUNG, Carl G. et alii. O arquétipo de iniciação. In: — **O Homem e seus símbolos**. Trad. de Maria Lúcia Pinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d. p. 128-136.
- KLENGEL, Susanne. **Maíra als Suche nach Mairañee**, Berlin: Freie Universität, 1986.
- KREEFT, Peter. **Buscar sentido no sofrimento**. São Paulo: Loyola, 1995. p. 133-5.
- LABOISSIÈRE, Maria Luiza Ferreira. **A transfiguração da realidade em José J. Veiga e Miguel Jorge**. Goiânia: Secretaria da Cultura do Estado de Goiás, 1989.
- LEBRUN, Gérard. **O que é o poder**. Trad. de Renato Janine Ribeiro e Sílvia Lara Ribeiro. São Paulo: Abril / Brasiliense, 1984.
- LEITE, Arlindo G. de O. **A mudança na linha de ação missionária indigenista**. São Paulo: Paulinas, 1982.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- LITURGIA DIÁRIA. São Paulo: Paulus, ano 3, n. 32, ago. 1994.
- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Catequese católica no Brasil: para uma história da evangelização**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MACEDO-ECKEL, Ercília. **Maíra: o ritual da missa e do culto** - Seminário, Universidade Federal de Goiás, ICHL II, Curso de Ficção II (ministrado pelo Prof. Dr. José Fernandes). Goiânia: 21 nov. 1990.
- . Uma literatura para vestibular: *Maíra*, romance de Darcy Ribeiro. **O popular**, Goiânia: 27 dez. 1990. p. 10 e Parte II, 28 dez. 1990, p. 8.
- MARÍAS, Julián. S. Tomás de Aquino. In: — **História da filosofia**. 6. ed. Porto: Sousa & Almeida, 1982. p. 173-80.
- MARINS, José et alii. **Realidade e práxis na pastoral latino-americana**. São Paulo: Paulinas 1977.
- MATEOS, Juan & CAMACHO, Fernando. **Evangelho, figuras e símbolos**. São Paulo: Paulinas,

- 1992.
- MELATTI, Julio Cesar. **Índios do Brasil**. 5. ed. São Paulo: HUCITEC - UnB, 1987.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MENDILOW, A. A. O método dramático. O uso do diálogo. In: — **O tempo e o romance**. Trad. de Flávio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 124-29.
- MIRANDA, José Porfírio. **O ser e o messias: um estudo sobre o messianismo de Jesus**. Trad. de Hugo Alberto Toschi. São Paulo: Paulinas, 1982.
- MORAES LEITE, Lígia Chiappini. Modo dramático (The dramatic mode). In: — **O foco narrativo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 58-62.
- MORAIS, Regis de (org.). **As razões do mito**. Campinas: Papirus, 1988.
- NATAL E SILVA, Colemar. Os sertões goyases - a conquista da terra e a catequese do índio. **Revista do Inst. Hist. e Geográfico de Goiás**, n 2, Goiânia: 1973. p. 27.
- OLIVAL, Moema de Castro e Silva. Intertextualidade ou plágio? — Considerações teórico-práticas. **Cadernos de pesquisa do ICHL**, Série Estudos, n. 5. Goiânia: Universidade Fed. de Goiás, 1990, p. 27.
- OLIVEIRA, Edivani Luiza de (Assessora do Pastor Jessé Pereira de Alcântara). Esquema do culto de comunhão. **Igreja Cristã Evangélica Central de Goiânia**. Av. Paranaíba, 871. Goiânia: 4 ago. 1994. Entrevista pessoal.
- OLIVEIRA, Ralfy Mendes de. Salmo do “Messias Sofredor”. In : — **Palavras de Cristo na Cruz**, São Paulo : Salesiana Dom Bosco, 1984. p. 57-8.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Teses sobre o indigenismo brasileiro. In: BOSI, Alfredo (org.) **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987. p. 191-8.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.
- PAES MANSO, Bruno. Eles resistem. **Veja** [Amazônia], São Paulo: Abril, ano 30, n. 51, 24 dez. 1997. p. 52 - 6.
- PALACIN, Luiz. Os índios. In: — **Goiás 1722 - 1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, Oriente, 1972. p. 95-100.
- QUEIROZ, Raquel de. Foi só um índio. **Correio brasileiro**, Brasília, 16 ago. 1997. Cad.2, Brasil, p. 19.
- RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades indígenas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- RAMOS, Maria Luiza. Maíra: leitura-escrita. **O Estado de São Paulo**, Suplemento cultural, São Paulo: 1978. [Recorte sem dia, mês e pág.]
- RANK, Otto. **O duplo**. Trad. de Mary B. Lee. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasílica, 1939.
- RELIGIOSIDADE POPULAR E MISTICISMO NO BRASIL. São Paulo: Paulinas, 1984.
- REVISTA DE CULTURA VOZES. [O riso e o cômico] Petrópolis: Vozes, ano 68, v. 68, n.1, jan./fev. 1974.

- RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- . **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- . **UIRÁ sai à procura de Deus: ensaio de etnologia e indigenismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Reedição de *Uirá vai ao encontro de Maíra: as experiências de um índio Urubu que saiu à procura de Deus*. Revista **Anhembi**, São Paulo: v. 26, n. 76, 1957, p. 21-35. Reedição de **Anais da II Reunião Brasileira de Antropologia**, Salvador: 1957, p. 107-37.
- . **Testemunho**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- . **O povo brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROUSSEAU, René-Lucien. **A linguagem das cores: energia, simbolismo, vibrações e ciclos das estruturas coloridas**. Trad. de J. Constantino K. Riemma. São Paulo: Pensamento, s. d.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 1985.
- SANTOS, Livia Ferreira. **O romance brasileiro dos anos setenta**. Campinas: UnEC, 1982.
- SANTOS, Wendel. O valor da obra literária. In: — **Crítica sistemática**. Goiânia: UFG/SEC do Estado e Goiás, 1977. p 161-8
- SARTORE, Domenico & TRIACCA Achille M. **Dicionário de liturgia**. Trad. de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SCHADEN, Egon. **A mitologia heróica da tribos indígenas do Brasil: ensaio etnossociológico**. 3. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989.
- SCHÜLER, Donald. Espaço: Leste e Oeste. In: — **Teoria do romance**. São Paulo: Ática, 1989. p.61-5.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia sagrada**. Trad. de João Ferreira de Almeida. Brasília: 1969.
- . **Chave bíblica**. Rio de Janeiro: 1959.
- SILVA NEIVA, Antônio Theodoro da. IV - Os aldeamentos catequéticos. In: — **Introdução à antropologia goiana**. Goiânia: O popular, 1986. p. 547-632.
- . Os canoeiros. In: **Aspectos da cultura goiana II**, Depart. Est. de Cultura, Goiânia: 1971.
- SILVA SOUZA, Florentina da. **Maíra: narrativa da esperança perdida**. Dissertação de mestrado (Lit. Bras.). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1984. Datilografada e fotocopiada.
- TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura**. Trad. de Carlos E. M. de Moura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- TELES, Gilberto Mendonça. Intertextualidade. In: — **Retórica do Silêncio I: teoria e prática do texto literário**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 47-54.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. Muitos carros contra nenhuma cama (Ensaio). **Veja**, São Paulo: Abril, ano 30, n.17, 30 abr. 1997.p.126.

- \_\_\_\_\_. Anchieta e Nóbrega na reunião da CNBB (Ensaio). **Veja**, São Paulo: Abril, ano 33, n. 11, 15 mar. 2000. p. 162.
- TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Trad. de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.
- UCHÔA, Marco. Ianomâmis: PF prende suspeitos de participação na chacina. **O Estado de São Paulo**: São Paulo, 23 ago. 1993. p. 11.
- VEJA. Papa pede perdão pelos pecados da igreja. São Paulo: Abril, ano 33, n. 11, 15 mar. 2000. p. 57.
- VILLAS BOAS, Orlando & Cláudio. **Xingu, os índios e seus mitos**. 2. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1972.
- WEBER, Luiz Alberto. Saudades de Cabral . **Correio brasileiro**, Brasília: 27 abr. 1997. cad.1, Brasil, p. 12.
- WEGNER, Uwe. **Exegese do novo testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo/ São Paulo: Sinodal/Paulus, 1998. 408 p.
- WHITE, Ellen G. **A um passo do Armagedom**. Itaquaquecetuba: Missionário, 1993. 676 p.

